

**NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS SOBRE O PROCESSO DE SAÍDA DA
SITUAÇÃO DE RUA**

Bruno Graebin de Farias

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Mestre
em Psicologia

Sob orientação da Prof^a. Dr^a. Sílvia Helena Koller

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Julho, 2014

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos, por tudo o que nos une e por todos os momentos de diversão que nos distraem.

Ao Instituto de Psicologia, pelas oportunidades recebidas.

À minha orientadora Silvia Helena Koller, por me acolher e apostar em mim, e por me mostrar, pelo exemplo, como fazer pesquisa com rigor intelectual, compromisso ético, e muito afeto. Obrigado pela oportunidade de amadurecimento e por abrir as portas para mim para o universo da pesquisa.

A todos os cepianos que também me servem de exemplo e que enriquecem o horizonte com suas perspectivas dos vários cantos do mundo, com quem eu aprendi pela convivência como me tornar um pesquisador: Airi Macias Sacco, Alferes Ribeiro, Ana Clara Reiner, Ana Paula Lazzaletti de Souza, Anderson Siqueira, Andrew Pasley, Ângelo Brandelli Costa, Bruna Larissa Seibel, Bruno Damásio, Carlos Nieto, Clarissa Pizarro de Freitas, Davi Manzini, Diogo de Souza, Emily Haddad, Eva Diniz Dei Schiró, Fernando Niquice, Giovanna Petrucci, Hivana Fonseca, Jean von Hohendorff, Jenny Ortiz, Juliane Borsa, Luciana Thomé, Luíza Habigzang, Maria Andrea Rubio, Maria Clara de Paula Couto, Maurício Marques, Michele Poletto, Milady Oliveira, e Sandra Zambon. Um agradecimento especial para minha grande amiga Susana Nuñez, por todas as conversas animadoras e pelas orientações em momentos críticos.

Ao Ernesto Alvarado Portalino, que, além de salvar a minha pele ao chegar e me ajudar em um momento crucial, se revelou um grande amigo e parceria para muitos projetos.

Ao James Ferreira Moura Jr., pelo trabalho inspirador e pelas assessorias sobre pesquisa narrativa.

À banca de qualificação: Elder Cerqueira-Santos, Normanda Morais Araújo, e Jorge Castellá Sarriera, pelas importantes contribuições que me fizeram pensar e aprender nesse processo de tornar-se pesquisador

Às duas turmas de Estudos sobre Violência e Abolicionismo Penal, pela oportunidade de me experimentar na docência e me aprofundar nesses temas que me mobilizam tanto e pelas amizades criadas e fortalecidas em nossos encontros semanais.

A todos que compartilharam momentos comigo no espacinho autogestionário conhecido como DAP/DASEIN.

A toda a energia presente nos COREPs e EREPs e essa experiência radical de liberdade e conexão.

Às equipes dos equipamentos da rede de assistência social que colaboraram nesse trabalho – em especial à Patrícia Mônaco e ao Adalberto Porto Alegre, que me ajudaram muito e conquistaram minha admiração.

Aos participantes da pesquisa com suas histórias inspiradoras.

A todos e todas que se dedicam à construção da educação pública, universal, gratuita e de qualidade, que faz toda a diferença nas nossas expectativas de futuro.

Ao CNPq, pela bolsa de pesquisa, que literalmente me garantiu a possibilidade de cursar uma pós-graduação.

À minha mãe e ao meu irmão, por brincar comigo, e me aturar, apoiar, e servir de inspiração para tanta coisa.

Ao Marcelo, pelas provocações e pela firmeza.

À Ana Carolina, por ser minha parceira em tudo.

Este trabalho também é dedicado ao meu grande amigo Samuel Eggers, com quem eu teria ainda muitos projetos a compartilhar, e que eu gostaria que estivesse aqui para dividirmos mais feitos e conquistas. Além de amigo do coração, Samuel é uma das pessoas mais determinantes na minha formação nesse curso, graças às nossas indizadas, polêmicas frutíferas e leituras obsessivas.

“Tem várias coisas, bem pequenas, quase imperceptíveis, que fazem meu dia mais feliz. (...) A quarta e última coisa que quero incluir nessa lista é a possibilidade que eu tenho de contar minha própria história. Como Neil Gaiman diz, cada pessoa nasce com uma música sua, só sua, que ela deve cantar para o mundo. Algumas músicas são cantadas de verdade, enquanto que outras são cantadas em ação. Independente de como eu canto, o que eu canto define quem eu sou. Quais notas devo incluir? Sobre o que devo cantar - tristeza ou alegria, derrota ou vitória, justiça ou infâmia, feiúra ou beleza, negação ou aceitação, rigidez ou dialética, sim, não, talvez, quem sabe? A música me define, mas sempre muda. Ela pode cantar todo o desespero do mundo, mas ainda assim ser cheia de esperança, por que nada nela é pra sempre.”

Samuel Eggers, *Pequenas coisas que me fazem feliz*, 17 de abril de 2011

SUMÁRIO

RESUMO	7
ASBTRACT	8
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	9
1.1 Situação de Rua	9
1.2 Pesquisa Narrativa	32
1.3 Objetivos do estudo	39
CAPÍTULO II – MÉTODO	40
2.1 Delineamento	40
2.2 Participantes	41
2.3 Procedimentos de coleta de dados	41
2.4 Instrumentos	44
2.5 Procedimentos de organização e análise dos dados	44
2.6 Considerações éticas	47
CAPÍTULO III – RESULTADOS	49
3.1 Primeira Narrativa - Roberto.....	49
3.2 Segunda Narrativa – Veronica	59
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO	69
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	80
ANEXO A. Primeira Narrativa - Roberto.....	88
ANEXO B. Segunda Narrativa - Veronica.....	95
ANEXO C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	108

ANEXO D. Termo de Anuência Institucional	110
ANEXO E. Parecer Consubstanciado do CEP	112

RESUMO

O objetivo deste estudo foi registrar e analisar narrativas autobiográficas sobre o processo de saída da situação de rua de adultos com esta vivência e que alcançaram uma condição habitacional estável. O instrumento utilizado foi a Entrevista Narrativa Autobiográfica, que consiste em um convite amplo e não-diretivo para que cada participante conte a sua história de vida de forma livre. As narrativas foram transcritas integralmente e codificadas de acordo com três matrizes interpretativas: estruturas autobiográficas; temas de agência/comunhão; e temas de origem êmica. Participaram deste estudo dois adultos, com trajetórias e perfis heterogêneos, que foram contatados em serviços da rede de assistência social. As narrativas analisadas demonstraram a recusa a internalizar estigmas atribuídos à situação de rua, e foram marcadas por temas de controle de si, empoderamento, e cuidado com os outros, retratando transformações pessoais associadas à saída da situação de rua.

ABSTRACT

The aim of this study was to record and analyze autobiographical narratives about the process exiting homeless of ex-homeless adults who have achieved stable housing. The instrument used was the Autobiographical Narrative Interview, consisting of a broad and non-directive invitation to each participant tell freely his/her life history. The narratives were transcribed and coded according to three interpretive matrices: autobiographical structures; themes of agency / communion; and emic themes. The study included two adults, with heterogeneous paths and profiles, which were contacted among the social care network. The narratives analyzed demonstrated a refusal to internalize stigma attributed to homeless people, and were marked by themes of self-control, empowerment, and care for others, portraying personal transformations associated with the process of exiting homelessness.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 Situação de Rua

A pesquisa científica pode produzir grandes benefícios para populações marginalizadas cujas vozes são pouco representadas socialmente, mas também pode apresentar problemas na representação dessas populações - muitas vezes objetificadas - e reforçar estereótipos e práticas excludentes. A forma como a população em situação de rua é acessada, investigada, representada, e beneficiada, é uma questão central na pesquisa com essa população, resultando na produção de uma ampla quantidade de estudos acerca da construção social dos discursos sobre essa população. A literatura apresenta uma diversidade de nomes e conceitualizações atribuídas à população em situação de rua, e cada uma delas sugere implicações diferentes.

A ética na pesquisa com a população em situação de rua é um aspecto importante nas pesquisas com essa população. Muitos estudos foram identificados como reproduzindo procedimentos de pesquisa tradicionais sem uma avaliação cuidadosa das implicações éticas de tais procedimentos sobre a população investigada, o que motivou uma série de artigos sobre ética em pesquisa e a abordagem de temas sensíveis. Ao analisar os guias e práticas de pesquisa com crianças e adolescentes em situação de rua, Koller, Raffaelli, e Carlo (2012) destacaram dilemas éticos relacionados à obtenção de consentimento informado, ao significado do que seria “risco mínimo”, ao uso de incentivos para os participantes, à necessidade de equilibrar o respeito à privacidade com preocupações acerca do bem-estar da criança, e a questões sobre como os dados são representados e utilizados. Ao descrever boas práticas, Koller *et al.* (2012) apontaram a importância em informar os participantes das pesquisas de forma clara e consistente, e que a disponibilização de escuta qualificada e de informações sobre saúde e sobre direitos e serviços oferecidos são consideradas incentivos mais adequados do que o oferecimento de recursos materiais. O reconhecimento das especificidades da pesquisa com crianças e adolescentes em situação de rua e os desafios relacionados a procedimentos de ética em pesquisa mais tradicionais – como a obrigatoriedade de autorização parental para participação na pesquisa - motivaram a

análise dos principais dilemas e temas sensíveis enfrentados e a construção de orientações éticas e metodológicas na pesquisa com populações em situação de risco e de privação.

À medida que a produção científica de estudos com a população em situação de rua foi avançando foram desenvolvidos novos métodos e estratégias de pesquisa e novas questões éticas passaram a ser analisadas. De fato, a pesquisa com a população em situação de rua passou por tantas transformações que foi possível separá-la em “fases”, de acordo com as temáticas e orientações metodológicas predominantes, como as classificações de Rizzini e Butler (2003) e Morais e Koller (2012).

Para Rizzini e Butler (2003), a pesquisa sobre a população em situação de rua, em particular crianças e adolescentes, pode ser dividida em três momentos históricos: 1) caracterização da população em situação de rua; 2) investigação dos fatores e causas socioeconômicas do fenômeno da situação de rua; e 3) estudos sobre o preconceito e a construção social da categoria “situação de rua”. O primeiro momento buscava responder às perguntas “Quem são as crianças e adolescentes em situação de rua?” e “Como vivem?”, e consistiu predominantemente em estudos descritivos sobre características sociodemográficas e familiares e sobre estratégias de subsistência, utilizando questionários, levantamentos e pesquisas etnográficas. O segundo momento procurou responder à pergunta “Por que estas pessoas estão em situação de rua?”, buscando recuperar a história de vida dessas pessoas através do estudo de caso. Esses estudos identificaram diversos fatores associados com o fenômeno do morar na rua (Koller & Hutz, 1996): conflitos familiares, abuso físico, abuso sexual, uso problemático de substâncias psicoativas pelos pais, migração, ausência do pai, e, principalmente, a condição de pobreza. Na terceira fase os estudos buscaram investigar a produção do estigma e os interesses que estariam reforçando a manutenção da definição das crianças que se encontram nas ruas como um problema, orientados pela perspectiva da Sociologia da Infância.

Morais e Koller (2012) elaboraram uma classificação sobre a pesquisa com crianças em situação de rua dividida em quatro fases, de acordo com o problema de pesquisa: 1) estudos descritivos; 2) pesquisas sobre condições de saúde e comportamentos de risco; 3) estudos sobre o papel das instituições de atendimento na vida dessas crianças e adolescentes; e 4) estudos sobre o estado atual de vida de crianças e adolescentes que experienciaram situação de rua no passado.

Para fins didáticos, este estudo apresentará uma classificação da produção científica acerca da vida em situação de rua dividida em seis “fases”, de acordo com o problema de pesquisa e a

orientação metodológica adotada pelos pesquisadores. Estas “fases” não são serializadas, mas se sobrepõem no tempo, embora seus inícios e períodos de maior produção bibliográfica possam ser localizados no tempo e seus problemas de pesquisa sejam dependentes do contexto histórico, e o desenvolvimento das fases posteriores necessitou do conhecimento acumulado por estudos de fases anteriores. Esta classificação se fundamenta nas classificações propostas por Rizzini e Butler (2003) e Morais e Koller (2012), buscando integrar o problema de pesquisa, o delineamento e a perspectiva de análise, comparando a literatura científica brasileira com a internacional. As seis fases identificadas são: 1) caracterização da população em situação de rua; 2) estudos etnográficos sobre os sentidos e processos de socialização da vida na rua; 3) construção das práticas de atendimento e Educação Social de Rua; 4) desenvolvimento psicossocial da população em situação de rua; 5) narrativas de vida e saída da situação de rua; e 6) avaliação das intervenções oferecidas à população em situação de rua. A seguir, cada uma dessas fases é descrita de maneira mais detalhada, com referências que abrangem o que foi realizado pelos autores já mencionados e em outros estudos anteriores.

A primeira fase consiste em estudos descritivos sobre quem são e como vivem as pessoas em situação de rua, realizados através de questionários, levantamentos, entrevistas estruturadas e semiestruturadas, e etnografias. A segunda fase consiste em estudos etnográficos que buscam investigar os sentidos produzidos sobre o viver em situação de rua e os diferentes processos de socialização no contexto da rua. A terceira fase consiste na produção teórica e ética acerca das práticas de atendimento oferecidas a essa população pela Educação Social de Rua, pela Redução de Danos, pela Pedagogia da Presença e pela Saúde Coletiva. A quarta fase consiste em estudos sobre o desenvolvimento psicossocial da população em situação de rua, orientados pela perspectiva de análise da Psicologia do Desenvolvimento, Teoria Bioecológica do Desenvolvimento e Psicopatologia do Desenvolvimento, e inaugurando os estudos de delineamento longitudinal. A quinta fase consiste em estudos de orientação narrativa sobre as histórias de vida de pessoas em situação de rua e sobre o processo de saída da situação de rua. A sexta fase consiste em estudos de delineamento experimental que avaliam os efeitos de diferentes intervenções desenvolvidas para beneficiar a população em situação de rua. Então, as seis fases identificadas são: descritiva, etnográfica, Educação Social de Rua, desenvolvimental, narrativa, e experimental. A criação de cada uma dessas fases não significa a interrupção da anterior, mas sim

o reconhecimento de achados importantes de fases anteriores que embasaram novas formulações metodológicas, e todas essas fases continuam a orientar e produzir estudos na atualidade.

Primeira fase: estudos descritivos

A fase da pesquisa descritiva sobre a população em situação de rua é, ao mesmo tempo, a mais antiga e mais expressiva das linhas de pesquisa com esta população. Esta linha apresenta a maior produção científica na temática - e, embora o interesse acadêmico por estudos descritivos tenha diminuído, este delineamento de pesquisa é de interesse governamental e é frequentemente utilizado.

De acordo com Rizzini e Butler (2003), as condições de vida da população em situação de rua passaram a ganhar visibilidade política no Brasil a partir da década de 1970, em função de transformações significativas no cenário socioeconômico nacional, relacionadas principalmente ao recesso econômico e à situação de pobreza extrema na qual muitas crianças e adolescentes se encontravam. Nesta época a condição de vida de quem era identificado como “menor abandonado” passou a ser retratada como um problema de importância para o país.

Os estudos iniciais sobre a população em situação de rua foram estudos descritivos, que buscavam caracterizar a população em situação de rua, seus aspectos sociodemográficos, e suas condições de vida, rotinas, e estratégias de sobrevivência. Esses estudos buscavam definir quem era e como vivem as pessoas em situação de rua no Brasil e quantificar a população em situação de rua nas diferentes cidades do país, e foram responsáveis pela desconstrução de diversos mitos acerca da população em situação de rua. Rizzini e Butler (2003) relataram que estes estudos iniciais desconstruíram a ideia das crianças e adolescentes em situação de rua como “menores abandonados”, apontando que muitas das crianças e adolescentes em situação de rua mantinham vínculos familiares e até retornavam para casa periodicamente. As relações que as crianças e adolescentes mantinham com suas famílias eram variadas, desde relações afetivas a relações hostis e sentimentos de abandono, e muitas crianças apresentavam sentimentos ambivalentes. A descrição da pluralidade de relações afetivas e de configurações familiares nas classes mais pobres serviu para contestar as noções de “menores abandonados” e “famílias desestruturadas” vigentes na época, que identificavam essas configurações familiares como deficitárias ao compará-las com o modelo de família nuclear. A permanência nas ruas, nestas pesquisas, foi relacionada à necessidade que tais crianças e adolescentes enfrentavam de se dedicar desde cedo a

atividades capazes de dar algum retorno financeiro a fim de garantir sua própria sobrevivência e capacidade de consumo ou complementar a renda familiar. As evidências de que a situação de rua de crianças e adolescentes estava predominantemente relacionada à atividade do trabalho também tiveram a função de contestar o estigma de que essas crianças e adolescentes desenvolviam atividades inerentemente ligadas ao crime e deslocar a atenção da sociedade do perigo que certas atividades de subsistência representavam para a condição de pobreza que tais crianças e adolescentes enfrentavam.

Na busca por identificar o perfil das crianças e adolescentes em situação de rua na época, as pesquisas descritivas encontraram perfis bastante heterogêneos entre essa população e diversas classificações (Rizzini & Butler, 2003). A produção científica de estudos descritivos possibilitou a elaboração de diversas tipologias da população em situação de rua, na busca por compreender as particularidades de cada grupo e possibilitar a construção de políticas públicas mais adequadas às suas diferentes necessidades.

A literatura também apontou a existência de problemas nos procedimentos metodológicos e na elaboração das classificações, expressos em estatísticas distorcidas e práticas discursivas que sugeriram uma homogeneização da população em situação de rua. Esse quadro levou a estimativas exageradas sobre a quantidade de crianças e adolescentes sem situação de rua, chegando a ser descritas pelo UNICEF como em torno de 40 milhões na América Latina (Rosemberg, 1993). Silva et al. (1998) e Rosemberg (1996) salientaram o desenvolvimento de definições operacionais sobre a situação de rua e procedimentos metodológicos rigorosos a fim de descrever de forma fidedigna os seus contextos e atividades cotidianas.

Os estudos descritivos têm a função de identificar características da população local em situação de rua, informar a construção de conceitos e definições operacionais e orientar a organização das políticas públicas (Silva et al, 1998). Os estudos descritivos são fundamentais na organização das políticas públicas de assistência à população em situação de rua, como no caso da cidade de Porto Alegre (Dornelles, Silva, Gehlen, & Schuch, 2012). As três pesquisas censitárias realizadas no transcorrer de vinte anos apontaram transformações significativas na forma de habitar a rua em Porto Alegre. A primeira pesquisa, realizada no mesmo ano que a reformulação da Fundação de Assistência Social e Cidadania, buscou conhecer o modo de vida da população em situação de rua na cidade, e encontrou 222 pessoas nessa situação (Reis, Prates, & Mendes, 1995). A segunda pesquisa foi realizada em um contexto de uma rede de atendimento já

consolidada e diversificada e envolveu a participação e qualificação da rede de atendimento, e identificou 1203 adultos em situação de rua (FASC/UFRGS, 2007). Na pesquisa censitária mais recente (PMPA/FASC, 2012) foram utilizados os mesmos indicadores que na pesquisa anterior, para fins de comparação, e foram encontrados 1347 adultos em situação de rua. As principais transformações nas características das populações investigadas nos dois censos mais recentes foram um aumento na quantidade de adultos em situação de rua inseridos no mercado de trabalho um o aumento da tendência de perambular pela rua em contraposição à permanência em locais públicos como praças e parques, sugerindo um aumento das coerções e controles sobre a população em situação de rua nos espaços públicos de lazer (Dornelles, Silva, Gehlen, & Schuch, 2012). Tais pesquisas têm um papel importante na orientação das práticas de atendimento e na atualização das características e necessidades da população atendida e informam decisões no nível da gestão nas políticas públicas.

Segunda fase: estudos etnográficos

A segunda fase de estudos com a população em situação de rua consiste em estudos etnográficos, caracterizados pela imersão nos contextos dos interlocutores por longos períodos e pela investigação dos processos de socialização e atribuição de sentido dentro das comunidades de moradores de rua. O início destes estudos se iniciou após o acúmulo de conhecimento produzido pelos estudos descritivos e permanece em expansão, pois, devido à complexidade e o longo tempo dedicado para conduzir estudos etnográficos, este tipo de pesquisa ainda não esgotou os temas a explorar.

Os estudos produzidos pela vertente etnográfica analisaram os sentidos das atividades cotidianas de quem vive em situação de rua e as diferentes formas de socialização associadas ao morar na rua. Esta linha de pesquisa surgiu também em função dos questionamentos sobre as peculiaridades éticas e metodológicas da pesquisa com essas populações e dos efeitos dos discursos científicos sobre o tratamento e as políticas públicas destinadas a essas populações. No Brasil, as pesquisas etnográficas com populações em situação de rua iniciaram os estudos com crianças e adolescentes em situação de rua, ainda nos anos 70 e 80. As principais questões de pesquisa eram como esses meninos sobrevivem, onde e como trabalham, quais são suas expectativas, e que identidades se formam através desses processos relacionados ao trabalho precoce e incerto em situação de rua (Rizzini & Butler, 2003).

A existência de uma “cultura da rua” foi descrita por Vogel e Mello (1996) em uma das primeiras pesquisas etnográficas com crianças e adolescentes em situação de rua no Brasil. Para Vogel e Mello (1996), a rua consiste não somente em seu espaço físico, mas também nas relações sociais que se estabelecem nesse contexto e nas atividades específicas a esse contexto. Para sobreviver no contexto da rua, crianças e adolescentes costumam se inserir em grupos que já habitam o espaço e a participar de suas rotinas. Em função de dificuldades enfrentadas no contexto familiar, muitas vezes relacionadas a situação de abuso e violência, a socialização na “cultura da rua” acaba por afirmar uma dicotomia entre o contexto familiar e o contexto da rua, dificultando uma reaproximação. Desta forma, a vivência na rua é idealizada como uma experiência radical de liberdade, na qual se tem seus próprios horários, hábitos e normas, e não há a mediação ou tutela da família, descrito como “não ter pai ou patrão”. Essa situação confere uma autonomia maior para dispor e experimentar com o próprio corpo, com destaque para as relações sexuais e o consumo de drogas, o que é interpretado como tendo um sentido de liberdade. Entretanto, crianças e adolescentes em situação de rua também retratam a rua como um espaço de risco e violência, na qual também estão expostas a situações de abuso e exploração.

A condição de viver em situação de rua foi comparada em oposição à da infância domiciliada na pesquisa de Hecht (1998), que discutiu as diferenças entre a infância em situação de rua e dois tipos de infância domiciliada – a infância “nutrida” e a infância “que nutre”. A infância “nutrida” é caracterizada por atender às expectativas de infância de níveis socioeconômicos mais privilegiados – como assumir uma posição de dependência e obediência em relação aos adultos e se dedicar a atividades lúdicas e escolares e não a atividades laborais. A infância “que nutre” é caracterizada por atender às expectativas de infância de níveis socioeconômicos menos privilegiados, que demandam das crianças alguma participação na busca por fontes de renda para a família, predominantemente matrifocal. Para Hecht (1998), a infância em situação de rua é caracterizada, de acordo com o relato das próprias crianças, pela ruptura com as expectativas da infância “que nutre”, em função do distanciamento da supervisão parental, do uso próprio do dinheiro obtido, e de um sentimento que Hecht (1998) denominou de “traição da matrifocalidade”. Crianças que se identificam como em situação de rua opõem o que chamam de “essa vida” (“de malandragem”, “de vício”) à “vida boa”, das crianças que permanecem sob as regras familiares e frequentam a escola. A distinção entre crianças “de rua” e crianças “da vida boa” reforça a visão das crianças em situação de rua como párias, incompatíveis com as regras

familiares, e até mesmo as próprias crianças reproduzem crenças e termos pejorativos em relação a elas mesmas, se referindo a outras crianças em situação de rua como perigosas, “bandidas”, ou “cheira-cola”. Hecht (1998) observou que, muitas vezes, o discurso de crianças em situação de rua sobre elas mesmas se assemelhava ao discurso de apoiadores dos esquadrões da morte que assassinavam essas mesmas crianças.

Hecht (1998) também salientou uma tendência a identificarem a população em situação de rua com o abuso de drogas, como se fosse parte da identidade de tais pessoas. Essa prática discursiva é fortemente rejeitada por militantes pelos direitos de crianças e adolescentes e da população em situação de rua, que argumentam que tal discurso desumaniza as pessoas ao igualar algo que normalmente fazem como se fosse quem elas realmente são. O uso de drogas, devido às políticas de proibição vigentes, é frequentemente associado à ilegalidade, à violência e ao perigo, resultando na demonização do usuário de drogas e em discursos e práticas de controle, vigilância, e segregação (Raup e Adorno, 2011). As pessoas que usam drogas no contexto da rua e expressam seu uso publicamente e através de suas corporalidades “abjetas” se tornam especialmente vulneráveis a tal estigma, sendo classificados como “cheira-cola” (Hecht, 1994) pelo consumo de solventes, e “nóias” (Rui, 2012) pelo consumo de *crack*.

Os padrões de uso de *crack* entre jovens em situação de rua foram investigados por Raup e Adorno (2011), que conduziram a prática de observação-participante durante dezoito meses nas regiões centrais de São Paulo e Porto Alegre. Raup e Adorno (2011) encontraram uma diversidade de padrões de uso do *crack*, que variavam desde um padrão compulsivo - denominado pelos jovens em situação de rua como “se jogar” – até padrões de uso mais controlados, como o uso restrito a contextos de sociabilidade e confraternização, ou o uso no padrão *binge* intercalado com longos períodos sem uso, o que não configuraria dependência. O padrão de uso compulsivo foi associado, nos relatos dos interlocutores, a períodos de maior sofrimento e “experiências desestruturantes”. Esses eventos denominados de “experiências desestruturantes” parecem estar associados à violência estrutural à qual populações marginalizadas estão submetidas, o que sugere que a classe social e as condições materiais são tão importantes quanto a potência farmacológica da substância no desenvolvimento de problemas relacionados ao uso (Murphy & Rosenbaum, 1997).

O uso de *crack* entre a população da região popularmente conhecida como “cracolândia” foi analisado por Rui (2012) na figura do “nóia” – um segmento muito particular de usuários de

crack que, por uma série de circunstâncias, desenvolveram uma corporalidade descrita como “abjeta”. O corpo “abjeto” é descrito como a representação da exclusão, e desperta nos usuários de crack sentimentos de vergonha, rejeição, e a impossibilidade de circular pela cidade “nessa situação”. A representação do corpo “abjeto” também serve de justificativa para medidas assistenciais, higienistas, religiosas, midiáticas e policiais, na intenção de “recuperar” o usuário daquela condição ou de simplesmente desaparecer com a aparência de corporalidade “abjeta”. Ao descrever os cenários de uso de crack do segmento identificado como “nóias”, caracterizados pelas corporalidades “abjetas”, Rui (2012) apontou para a tensão entre diferentes formas de tratamento em relação a essa população: a postura de repulsa e incômodo pela sujeira e falta de higiene associadas a essa condição e a postura de proximidade e estabelecimento de vínculo apresentada pela pesquisadora e pelas equipes de redução de danos, que buscavam desenvolver práticas de cuidado e inserção territorial com os usuários na “cracolândia”.

A postura de proximidade e o estabelecimento de vínculos são aspectos fundamentais da pesquisa com a população em situação de rua, com especificidades relacionadas à entrada em campo e à negociação de sentidos que identificam as pessoas e grupos em seu próprio contexto (Matias & Francischini, 2010). Os estudos etnográficos colocam seguidamente em questão os papéis e práticas assumidos pelos pesquisadores em seus estudos, em função da condição de “participante” no cotidiano dos interlocutores por longos períodos, e exigem sensibilidade e flexibilidade na formulação de questões, na condução de entrevistas e na produção dos relatos, em função das rápidas mudanças no contexto. A qualidade da pesquisa etnográfica é altamente dependente da autenticidade do relato e da reflexividade na condução do processo de pesquisa. Desta forma, as pesquisas etnográficas com a população em situação de rua contribuem para descrições em profundidade da vida em situação de rua e estão imersas em questionamentos sobre a própria prática científica. Para Hecht (1998), a pesquisa etnográfica possibilita a visibilização da vida das pessoas em situação de rua sem necessariamente descrevê-las como um “problema a ser resolvido”.

Terceira fase: educação social de rua

A terceira fase de estudos sobre a população de rua tomou como foco a reflexão sobre os paradigmas que fundamentam as práticas de atendimento a esta população e produziu mudanças filosóficas importantes na abordagem dessas questões. Nesta fase, a produção teórica foi orientada

pelas perguntas “O que fazer?” e “Como ajudar?”, e resultou em produções teóricas expressivas sobre Educação Social de Rua, Pedagogia da Presença, Redução de Danos, e Saúde Coletiva.

A movimentação social, a falência, e a rigidez do sistema de assistência ao menor, e as reflexões acerca das práticas pedagógicas impulsionaram a construção da práxis educacional denominada Pedagogia da Presença (Oliveira, 2007). A Pedagogia da Presença parte de críticas a práticas pedagógicas que reproduziam o estigma e a marginalização das crianças e adolescentes em situação de rua, expressas nas noções de “ressocialização” e “reabilitação social”, que partiam do pressuposto de que a prática educativa consistia em modificar suas condutas desviantes e adaptá-las às normas sociais. Para a Pedagogia da Presença, não faz sentido exigir mudanças comportamentais e condutas alinhadas aos valores da cidadania de crianças e adolescentes em situação de rua enquanto não se transformam os próprios processos de exclusão que geram a situação de rua. O conceito de “ressocialização” foi reinterpretado por Bulgarelli (1987) ao discutir o problema da “delinquência”:

“Pedir para uma criança ou jovem que vive na rua para parar de roubar é como pedir a sua morte, é uma proposta que não leva a nada. A preocupação mais ampla do educador é que ninguém tenha que roubar para sobreviver, é buscar no imediato e emergencial alternativas de sobrevivência reais e conseqüentes. E não vai fazer isso para que os meninos apenas parem de roubar, mas para que eles sejam felizes, se realizem enquanto pessoas humanas, para que possam participar da sociedade e da transformação dela através de outras formas de organização.” (p.25)

Como alternativa a práticas pedagógicas baseadas na “ressocialização” e na “reabilitação social”, a Pedagogia da Presença propõe a presença afetiva e incondicional dos educadores e educadoras como forma de superar os processos de exclusão que afetam as crianças e adolescentes em situação de rua (Oliveira, 2007). Nesta perspectiva, a prática educacional é dependente da qualidade do vínculo entre as crianças e os educadores e da presença dos educadores junto às crianças e adolescentes em situação de rua para desafiar os processos de exclusão social presentes no cotidiano. Para isto, a escuta sem julgamentos, o afeto incondicional, e a presença constante, tanto nos momentos de lazer quanto na relação com a polícia, são descritos como os princípios centrais da práxis da Pedagogia da Presença. A justificativa para a presença afetiva como princípio central da práxis pedagógica foi apresentada por Gomes da Costa (1991):

“Muitos adolescentes em circunstâncias difíceis não têm acesso a afeto estável e leal, quer dizer, não têm acesso aos benefícios da presença. É muito distante de suas experiências pensar que suas vidas são valorizadas por alguém, que sua existência pode fazer alguém feliz” (p.26)

Juntamente à Pedagogia da Presença, outra abordagem passou a fazer parte da Educação Social de Rua: a Redução de Danos. A Redução de Danos consiste em um conjunto de práticas de atenção em saúde de minimização dos danos associados ao uso de drogas para pessoas que não querem ou não podem parar com o uso de drogas. A abordagem da Redução de Danos surgiu na Inglaterra em 1926 no tratamento de usuários de opiáceos que haviam alcançado o nível da dependência física, o que tornava a suspensão imediata da droga muito arriscada e prejudicial em função da possibilidade de crises de abstinência. Como alternativa à abstinência, foi instituída a administração controlada de opiáceos por profissionais de saúde, realizada em contextos seguros e com planejamento de redução gradual da dose até que o paciente conseguisse dispensar a administração da droga.

No Brasil, a Redução de Danos foi iniciada a partir de projetos de prevenção ao HIV entre usuários de drogas injetáveis. Nestes casos, as equipes de redutores de danos buscavam a aproximação com usuários de drogas injetáveis em suas cenas de uso, a fim de estabelecer laços de confiança, estimular práticas de autocuidado e distribuir materiais informativos acerca de usos mais seguros das drogas injetáveis. Em muitas situações, a prática de redução de danos envolveu a distribuição de seringas para uso individual, a fim de evitar a contaminação causada pelo compartilhamento de seringas, e os redutores de danos buscavam, através da distribuição de materiais, estabelecer uma aproximação com os usuários e estimular o autocuidado.

A Educação Social de Rua e a Redução de Danos também inspiraram a criação de um modelo diferenciado de organização escolar específico para atender às necessidades de crianças e adolescentes em situação de rua, caracterizada pela flexibilidade e pela lógica “portas abertas” – a Escola Porto Alegre, fundada em Porto Alegre em 1995, a partir das experiências da Educação Social de Rua (Salerno & Reis, 2010). A metodologia de trabalho da Escola Porto Alegre foi desenvolvida para oferecer acolhimento e educação para a cidadania para as crianças e adolescentes em situação de rua, transformando diferentes espaços da escola em espaços pedagógicos, a partir de uma concepção ampla do trabalho pedagógico. O currículo escolar é flexível e envolve atividades diversificadas, e as regras da escola são constantemente discutidas e

negociadas com os alunos. Ao abordar questões relativas ao uso de drogas, os educadores fazem isso de uma forma não-moralista ou centrada na abstinência, mas através do respeito à experiência de cada um, e utilizando estratégias diversas de Redução de Danos, como a permissão para fumar no pátio da escola ou o incentivo ao esporte.

A dificuldade enfrentada pela população em situação de rua para acessar os serviços de saúde motivou a criação de um serviço específico para atender às necessidades de saúde da população em situação de rua a partir dos processos de busca ativa e inserção no território, denominado Consultório de Rua. O projeto do Consultório de Rua foi criado em 1997, em Salvador, a partir da pesquisa etnográfica sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua em Salvador desenvolvida por Nery Filho (1993), que relatava algumas iniciativas adotadas por profissionais de saúde para alcançar essa população. O Consultório de Rua fundamenta sua práxis pela Redução de Danos e pela Saúde Coletiva, e busca oferecer atenção integral em saúde para a população em situação de rua, com ênfase na minimização dos riscos associados ao consumo de substâncias psicoativas a partir da compreensão dos significados do uso de substâncias para essa população, sem reproduzir preconceitos que muitas vezes se manifestam no sistema de saúde.

A construção de serviços adequados às necessidades da população em situação de rua, pautada em práticas que respeitam a liberdade, a diversidade e as histórias da população em situação de rua foi possível em função de intensa mobilização política e de reflexões sobre as práticas oferecidas. A reformulação desses modelos de atendimento, que passaram de modelos pautados na tutela, na institucionalização e na abordagem proibicionista em relação ao uso de drogas para modelos centrados na escuta, no estabelecimento de vínculo e no cuidado no território produziu transformações importantes nas políticas públicas brasileiras, coincidentes com o processo de redemocratização do país. A partir da construção destes serviços foi possível estabelecer práticas de acompanhamento continuadas à população em situação de rua - produzindo melhoras qualitativas na assistência ofertada - e conduzir pesquisas para avaliar o desenvolvimento psicossocial em situação de rua e a relação com as instituições de atendimento.

Quarta fase: estudos desenvolvimentais

A Psicologia do Desenvolvimento, focada no estudo do desenvolvimento típico de crianças e adolescentes, historicamente tem apresentado vieses nas pesquisas ao estudar

predominantemente crianças e adolescentes de classes economicamente mais privilegiadas. Para suprir esta lacuna e construir um entendimento mais abrangente do desenvolvimento de crianças e adolescentes em diferentes contextos, Hutz e Koller (1997) salientaram a importância de estudos focados em crianças e adolescentes de diferentes contextos e segmentos socioeconômicos, em especial de crianças e adolescentes em situação de rua.

Em uma das primeiras revisões de literatura sobre o desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes em situação de rua realizadas no Brasil, Hutz e Koller (1997) analisaram o desenvolvimento dessa população a partir das categorias de exposição ao risco e da adaptabilidade. Nesta revisão, o desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes, em especial das em situação de rua, foi avaliado a partir das estratégias em busca da adaptabilidade utilizadas pelas crianças e adolescentes para minimizar os efeitos dos riscos aos quais ficam expostas.

Estes achados contribuíram para a diminuição do estigma sobre as crianças e adolescentes em situação de rua ao evidenciar aspectos saudáveis e demonstrar que elas buscam se adaptar da melhor forma possível às condições de risco que lhes são impostas. Ao comparar o desenvolvimento moral de crianças em situação de rua com crianças domiciliadas, Koller (1994) encontrou que, apesar de serem vistas como autoras de roubos e outros pequenos delitos, crianças em situação de rua apresentam desenvolvimento moral muito similar ao de outras crianças de mesma idade, inclusive com uma alta tendência a retribuir ajuda. Entretanto, ao serem questionadas sobre em que condições forneceria ajuda a alguém que pedisse ajuda, as crianças em situação de rua demonstravam não acreditar que alguém aceitaria sua ajuda, expressa em falas como "*quem vai querer a ajuda de um menino de rua?*", ou "*quem vai acreditar que a gente está chegando perto para ajudar?*", por causa do estigma que sofrem. Ao investigar os valores morais e habilidades sociais de crianças em situação de rua, Campos, Del Prette, & Del Prette (2000) constataram que crianças em situação de rua desenvolvem um repertório de habilidades sociais relacionadas à negociação, defesa de seus direitos e recusa de propostas ou imposições e apresentam valores morais em consonância com as expectativas sociais. Entretanto, as condições sob as quais estão expostas e as estratégias de sobrevivência adotadas muitas vezes não asseguram as oportunidades necessárias para agir de acordo com as suas próprias expectativas.

O desenvolvimento cognitivo de crianças em situação de rua também apresenta especificidades proporcionadas por alguns fatores que prejudicam o desenvolvimento cognitivo e

por outros que o promovem (Hutz & Koller, 1997; Koller & Hutz, 1996). Como alterações no desenvolvimento cognitivo típico, foram encontrados déficits na atenção concentrada, distorções na temporalidade e problemas de memórias associados ao abuso de substâncias e à alta exposição a situações estressantes, e foram encontradas estratégias adaptativas, como atenção difusa, amplitude viso-espacial, sabedoria de rua e habilidades matemáticas acentuadas, em especial na manipulação do dinheiro (Hutz & Koller, 1997). Ao enfatizar as estratégias de adaptação e o desenvolvimento de habilidades, Aptekar (1996) argumentou que, em vez de produzir atrasos no desenvolvimento intelectual, a vida na rua promove o desenvolvimento intelectual e pode ser um indicador de saúde mental.

Apesar dos riscos a estressores aos quais crianças em situação de rua estão expostas, a iniciativa de sair para a rua e a capacidade de se adaptar, sobreviver, e formar redes de apoio, associadas à vida na rua, podem ser indicadores de resiliência e saúde mental. A iniciativa de sair de um contexto familiar abusivo ou muito estressante e enfrentar um futuro incerto na rua revelou a capacidade dessas crianças de reorganizar suas próprias vidas de forma produtiva por conta própria (Aptekar, 1989b). Os processos de resiliência e os fatores de risco e proteção associados foram ilustrados em um estudo de caso realizado por Paludo e Koller (2005) sobre a trajetória de vida de uma menina de 14 anos em situação de rua. O processo de resiliência se refere aos resultados positivos e à capacidade de se adaptar e se reorganizar frente a estressores e ameaças ao desenvolvimento da pessoa. No caso de crianças em situação de rua, a sucessão de fatores de risco produz um efeito cumulativo, que podem ser compensados ou minimizados por fatores de proteção, como a rede de apoio ou algum vínculo pessoal mais positivo. A partir da análise destas dinâmicas, Paludo e Koller (2005) demonstraram a importância da rede de apoio como forma de salientar aspectos positivos na vida de crianças em situação de rua e ajudá-las a enfrentar as sucessivas dificuldades em suas vidas.

A relação das crianças e adolescentes em situação de rua com a rede de apoio institucional foi estudada ao longo de seu desenvolvimento por Santana, Doninelli e Koller (2010), que descreveram um modelo denominado Trajetória de Vinculação Institucional. A Trajetória de Vinculação Institucional (TVI) consiste em um modelo teórico que descreve a qualidade do vínculo de uma criança com a família, o contexto da rua, e as instituições de atendimento, ao longo de quatro fases relacionadas ao seu desenvolvimento maturacional e psicossocial.

A primeira fase da TVI envolve os primeiros contatos da criança com o contexto da rua enquanto ainda permanece fortemente vinculada à sua família e rejeita qualquer possibilidade de aproximação com serviços ou instituições de atendimento a crianças em situação de rua, consideradas pela criança como uma forma de afastar a criança da família, como uma punição por mau-comportamento ou por não estudar, e costuma ocorrer entre os oito e 12 anos de idade. Nesta fase, a relação da criança com a rua é basicamente para atividades de mendicância ocasionais e a criança não se identifica como “criança de rua” – ressaltando as diferenças entre a sua situação e a das “crianças de rua” e até mesmo reproduzindo estigmas em relação às crianças em situação de rua, chamando-as de “lolozeiras”.

A segunda fase da TVI é caracterizada pela circulação da criança por esses diferentes contextos: a família, a rua, e as instituições de atendimento, e acontece por volta dos 12 anos de idade. Nessa fase, as instituições de atendimento se fazem presentes no cotidiano da criança, embora a família permaneça como a principal referência, e é a partir da experimentação e comparação desses diferentes contextos que a criança escolherá sobre quais vai circular, sendo que escolher o contexto da rua representa também escolher as instituições de atendimento que dão suporte às crianças em situação de rua.

A terceira fase representa o período de maior contato do adolescente com a rua e as instituições de atendimento, tendo na rua seu local de moradia e nas instituições de atendimento a sua circulação cotidiana. Entretanto, embora nesta fase ocorra um contato maior do adolescente com as instituições de atendimento, o adolescente tende a utilizar esses serviços sem desenvolver um interesse em buscar uma efetiva saída da situação de rua.

Na quarta e última fase descrita, que ocorre entre os 16 e 18 anos de idade, a vinculação do adolescente com as instituições de atendimento está relacionada com o iminente término da adolescência e de todas as proteções legais e sociais associadas, e com a urgente necessidade de profissionalização para a entrada no mercado de trabalho e construção de um projeto de vida relacionado à entrada na vida adulta.

O papel das instituições de atendimento na vida de crianças e adolescentes em situação de rua foi analisado por Morais e Koller (2012), que investigaram a situação atual de vida de jovens adultos que foram acompanhados por instituições de atendimento a crianças em situação de rua em sua infância ou adolescência. As autoras encontraram que alguns dos entrevistados permaneciam em situação de rua, enquanto outros saíram da situação de rua por forças maiores,

como o desligamento do abrigo ou a prisão, e outros haviam recentemente alcançado uma moradia estável. Muitos dos jovens descreveram suas situações de vida como “regulares” ou “satisfatórias”, embora claramente em condições de pobreza e vulnerabilidade social, ainda muito associadas à situação de rua que se encontravam antes. Os jovens revelaram ter desenvolvido vínculos satisfatórios com as instituições de atendimento em sua adolescência e que o vínculo com as equipes que trabalhavam nas instituições de atendimento foi importante pela construção de relações de confiança e afeto e pelas oportunidades de aprender, se divertir, e formar amizades. O estudo de Morais e Koller (2012), portanto, sugere que o papel das instituições de atendimento a crianças e adolescentes em situação de rua, na vida dos jovens entrevistados, foi importante para o desenvolvimento psicossocial dos jovens, embora não tenha apresentado influências significativas em sua condição socioeconômica, e aponta para a necessidade de mais estudos que acompanhem o desenvolvimento de adolescentes em situação de rua e os efeitos da vinculação institucional em suas vidas.

A partir da comparação entre diferentes trajetórias de vida e da análise da temporalidade futura, os estudos desenvolvimentais inauguraram o uso de pesquisas de delineamento longitudinal ao estudar a população em situação de rua. No Brasil, Neiva-Silva (2008) realizou uma pesquisa longitudinal sobre o uso de drogas entre adolescentes em situação de rua ao longo do período de um ano. A nível internacional, Klodawsky, Aubry, Nemiroff, Bonetta, e Willis (2009) publicaram uma revisão de estudos longitudinais com a população em situação de rua nos Estados Unidos e no Canadá. Entretanto, a literatura internacional sobre estudos longitudinais com a população em situação de rua tem um foco maior no acompanhamento de adultos no processo de saída da situação de rua, enquanto que a literatura brasileira foca no acompanhamento de crianças e adolescentes.

Esta fase de pesquisas informadas pela Psicologia do Desenvolvimento tem como principais características a diversidade de estratégias de pesquisa e o olhar para o desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes, inserindo a temporalidade futura nas análises. Os estudos desenvolvimentais integram uma diversidade de estratégias e instrumentos de pesquisa, como observação participante, diário de campo, entrevista semiestruturada, inserção ecológica, questionários, escalas psicométricas, método autofotográfico e estudos de caso. Também colocou em questão a importância de conduzir pesquisas com delineamento longitudinal, capazes de verificar diferenças no desenvolvimento de crianças, adolescentes, e

adultos vivendo em situação de rua ao longo do tempo e investigar os fatores associados a essas diferenças.

Quinta fase: pesquisa narrativa

A quinta fase tomou como foco as histórias de vida de pessoas em situação de rua, utilizando estudos qualitativos predominantemente de orientação narrativa. O interesse de pesquisa passa a ser o estudo em profundidade da narrativa da experiência vivida da situação de rua. Esta fase retoma a pesquisa qualitativa, não pelos métodos da observação-participante, do estudo de caso, e da história oral, mas pela pesquisa narrativa, e difere das fases anteriormente descritas pela centralidade da narrativa dos interlocutores, em vez da descrição dos pesquisadores sobre os fatos relacionados à história de vida dos interlocutores. As fases mencionadas anteriormente reuniram evidências acerca dos eventos que levam as pessoas à situação de rua, mas não abordavam a percepção de quem estava em situação de rua sobre esses eventos. Esta fase de pesquisas emerge em um contexto no qual já existem muitas informações sobre os fatores que levam as pessoas para a situação de rua e já existem serviços para atender a essa população e informados por boas práticas, mas que ainda não compreende a diversidade de razões associadas à permanência em situação de rua. Em função deste quadro, a pesquisa narrativa com a população em situação de rua pode ser reconhecida como uma medida de *feedback* sobre os serviços oferecidos.

A pesquisa narrativa aponta a importância de descrever a condição de viver em situação de rua nos termos de quem experencia ela. Hyde (2005) apontou que, embora descrever os jovens em situação de rua como vítimas de situações de abuso e maus-tratos seja útil para sensibilizar a população em geral a se preocupar com as necessidades de quem vive na rua, enxergá-los como vítimas pode prejudicar as práticas de atendimento. As narrativas de vida de jovens em situação de rua apresentam conteúdos de agência e empoderamento, e a forma como esses jovens se enxergam e narram suas vidas tem influências diretas em suas capacidades de enfrentar problemas. Em função disso, a perspectiva centrada-no-problema que geralmente informa a prática dos serviços de atendimento direto a essa população frequentemente não reflete a visão da população em situação de rua que luta para redefinir as experiências de sofrimento pelas quais passaram de modo a lidar com os desafios no aqui-e-agora.

May (2000) salientou que, embora os estudos qualitativos que usam entrevistas semiestruturadas, etnografias e observação-participante tenham contribuído para a compreensão de diversos fatores associados à situação de rua, estes estudos se limitam, em termos temporais, ao momento atual de situação de rua dos participantes, e a momentos imediatamente anteriores e relacionados à entrada na situação de rua. Para May (2000), estes estudos prioritariamente explicativos não abordavam a complexidade da dinâmica de transições contextuais que Randall (1988) descreve como “carreiras da rua” (*homeless careers*), e estabeleceu uma distinção entre estudos qualitativos sobre a experiência presente e estudos qualitativos sobre histórias de vida com orientação narrativa. A pesquisa de May (2000) foi uma das pioneiras na condução de pesquisa narrativa – também chamada de biográfica – com a população em situação de rua, embora esta metodologia já tenha sido mais utilizada em outras áreas, que registravam as vozes de outras populações,

VanderStaay (1994) descreveu a importância da análise narrativa aplicada no enriquecimento do debate sobre políticas públicas para a população em situação de rua como uma estratégia de articulação entre a produção científica e as políticas públicas. Estes dois campos apresentam linguagens e rotinas distintas, e a tradução do discurso de um dos campos para o outro se mostra muito difícil. O rigor metodológico e conceitual na produção científica acerca de questões relacionadas à população em situação de rua não é uma característica compartilhada com o debate público sobre a temática, que é mais centrado em anedotas e outros discursos. VanderStaay (1994) apontou que o debate público é frequentemente indutivo e expresso na forma de narrativas, e sugeriu a adoção das narrativas como ferramentas interpretativas úteis para informar o desenvolvimento das políticas públicas, com base em procedimentos rigorosos de análise das narrativas.

De acordo com May (2000), os estudos biográficos buscam explorar de forma mais vívida e detalhada as trajetórias da situação de rua (*homeless careers*) que foram descritas a partir dos estudos longitudinais. Analisar as trajetórias da situação de rua a partir de uma abordagem biográfica possibilita compreender o significado, a duração e as dinâmicas de cada episódio de situação de rua dentro da totalidade da trajetória de vida de cada indivíduo, em vez de simplesmente assinalar ou contar a quantidade de episódios e transições. Os estudos biográficos possibilitam analisar a duração de cada episódio a partir de seus efeitos e significados atribuídos e situar no tempo ao relacionar cada episódio com outros acontecimentos de vida, de forma a

contornar a dificuldade de recapitular datas e durações que se mostra comum entre a população em situação de rua.

Ottaway, King e Erickson (2009) também apontaram as limitações de abordagens que buscavam integrar dados quantitativos com análises qualitativas de alguns trechos selecionados das falas de participantes em situação de rua e destacaram o nível de detalhamento presente em estudos com abordagem narrativa. A partir da análise de narrativas em forma de poesia escritas por jovens em situação de rua de Toronto, no Canadá, os autores descreveram a existência de “arco de experiências” sobre o viver em situação de rua, englobando os seguintes estágios: viver em um contexto familiar abusivo, sair de casa, viver nas ruas, experimentar uma crise ou “ponto de mudança”, acessar serviços, e gradualmente sair da situação de rua em, direção à independência e capacidade de se sustentar. Ao descrever o “arco de experiências” a partir da abordagem narrativa foi possível inserir uma dimensão explicativa na análise de duas temporalidades que não foram contempladas pelos estudos desenvolvimentais: sobre o permanecer na rua e sobre o sair da situação de rua. Desta forma, em vez de descrever o que acontece nas vidas de quem permanece vivendo na rua, ou descrever características pessoais e contextuais de quem permaneceu ou saiu da rua depois de um determinado período, foi possível extrair explicações sobre o porquê da permanência ou da saída da situação de rua, identificando o sentido desses movimentos e experiências dentro da narrativa de vida de cada um.

No Brasil, a pesquisa narrativa com população em situação de rua é representada nos estudos de Moura Jr. (2012), Matias (2013), e Moura Jr., Ximenes, e Sarriera (2013). Os três estudos utilizaram estratégias de pesquisa diversificadas, aliando o método etnográfico com a entrevista narrativa, analisando os cenários e os papéis assumidos pelos interlocutores. Moura Jr. (2012) realizou uma análise sobre a formação da identidade expressa nas narrativas de moradores de rua e sobre os efeitos da atribuição de *papéis sociais opressores* na formação da identidade dessas pessoas. Ao narrar situações de violência ou vulnerabilidade, os moradores de rua evidenciaram que os estigmas que são atribuídos a eles são produtores de violências às quais estão expostos ao assumirem papéis como “drogado”, “ladrão” ou “de rua”. Os estigmas que são atribuídos à população em situação de rua, em especial o estigma de “criminosos”, produzem efeitos significativos de silenciamento das narrativas dessas pessoas, produzindo narrativas curtas e com pouco sentido de agência. Entretanto, Moura Jr. (2012) também encontrou a presença de temas relacionados à criatividade e capacidade para enfrentar desafios nas narrativas de

moradores de rua, evidenciando a possibilidade de construção de um sentido de agência pela desconstrução de estigmas atribuídos à população de rua.

Matias (2013) identificou a falta de agência nas narrativas de moradores de rua, que se descreviam como levados pelas circunstâncias e com pouco poder de escolha. Os interlocutores entrevistados por Matias (2013) reproduziram o discurso social dominante que estabelece uma dicotomia entre os contextos da casa e da rua, e que a transição do contexto da casa para o contexto da rua é retratada como uma descontinuidade ou ruptura em sua biografia. Os temas de “vitimização”, “abandono”, e da “auto-culpabilização” foram predominantes nas narrativas, indicando narrativas com pouco sentido de agência e de apagamento dos narradores como sujeitos capazes de decidir sobre suas vidas, embora também valorizem sua autossuficiência. A pouca reflexividade e pouca autoimplicação nas narrativas dos jovens em situação de rua podem ser interpretadas como estratégias para evitar a evocação de memórias negativas, traumáticas ou dissonantes do *self*, e a possibilidade de contar e recontar suas histórias de vida se mostra útil na ressignificação dessas experiências e na reflexão sobre suas próprias vidas.

Sexta fase: avaliação experimental das intervenções

A sexta fase dos estudos com a população em situação de rua consiste no delineamento de pesquisas experimentais de avaliação de intervenções oferecidas a essa população. O objetivo destas pesquisas é verificar, de forma rigorosa e com controle de variáveis, quais os efeitos das diferentes intervenções oferecidas, e identificar quais são as práticas mais efetivas. Esta fase das pesquisas só é possível graças à expressiva produção científica das fases descritas anteriormente, e é dependente da existência de serviços consolidados e diversificados. Para a realização destas pesquisas experimentais foi necessária a existência de serviços de atendimento consolidados e recursos humanos e materiais suficientemente grandes para conduzir estudos de intervenções com delineamento experimental e amostras representativas.

Os estudos experimentais de avaliação de intervenção para a população em situação de rua são uma tendência recente e ainda são escassos. De acordo com Slesnick et al. (2009), os estudos mais antigos com este tipo de delineamento são uma avaliação de um programa de prevenção de comportamentos sexuais de risco e contaminação por HIV entre jovens em situação de rua comparado com jovens em um abrigo que não receberam a intervenção (Rotheram-Borus, Koopman, Haignere, & Davies, 1991) e um estudo comparando o modelo de case management

intensivo em saúde mental do *Seattle Homeless Adolescent Research Project* com um *case management* convencional (Cauce et al., 1994). Entretanto, Morse et al. (1997) fizeram referência a um estudo de delineamento experimental ainda mais antigo, de Lipton, Nutt e Sabatini (1988). A pesquisa comparou os efeitos de dois modelos de acompanhamento pós-hospitalização de pessoas em situação de rua que apresentavam quadros psiquiátricos graves e cronicados, avaliando a cada quatro meses por um período de um ano. O critério indicador de segurança habitacional adotado no estudo foi a quantidade de noites que cada participante de estudo passou em abrigo ou domicílio comparada à quantidade de noites passadas em hospitais ou nas ruas. Embora a pesquisa de Lipton, Nutt e Sabatini (1988) tenha inaugurado o delineamento experimental com ensaio randomizado na avaliação de intervenções para a população em situação de rua, o estudo apresentou como principais limitações o tamanho reduzido da amostra – 49 participantes divididos em dois grupos alocados aleatoriamente– e a perda amostral ao longo do ano.

Por outro lado, McHugo et al. (2004) descreveram um ensaio controlado randomizado que comparou os efeitos de dois modelos de atendimento e inserção domiciliar à população em situação de rua, denominado moradia integrada (*integrated housing*) e moradia paralela (*parallel housing*). O programa de moradia integrada consistiu na oferta de moradia e no acompanhamento (*case management*) coordenados por uma mesma agência de serviços. O programa de moradia paralela consistiu em serviços de acompanhamento (*case management*) oferecidos por equipes móveis que realizavam um tratamento assertivo comunitário e por iniciativas de moradia em propriedades particulares alugadas.

Slesnick e Prestopnik (2005) realizaram a avaliação de uma intervenção para jovens que saíram de casa e compararam os resultados da intervenção como o de um tratamento convencional baseado na moradia provisória (*shelter*) e no *case management* (denominado *Treatment as Usual*). A intervenção, denominada *Ecologically-Based Family Therapy*, consistiu em um programa de atendimento clínico familiar intensivo centrado na reinserção familiar como alternativa ao acolhimento institucional e cuidado terciário. A função da intervenção era fornecer um atendimento intensivo à família em um momento de crise familiar desencadeada pela saída do adolescente de casa ou da possibilidade de acolhimento institucional, considerando que as famílias se mostram mais abertas à mudança em momentos de crise.

Slesnick, Dashora, Letcher, Erdem, e Serovich (2009) realizaram uma revisão abrangente de artigos que avaliaram intervenções e serviços oferecidos a jovens em situação de rua, na qual revisaram 32 artigos, abordando tanto a literatura publicada nos EUA como a literatura internacional. Entretanto, Slesnick et al. (2009) ressaltaram que nem todos os estudos que foram revisados são ensaios clínicos randomizados, pois este tipo de estudo é mais raro e mais difícil de conduzir, em especial no atendimento à população de rua. Essa revisão abrangeu também avaliações de intervenções que usaram apenas pré-teste e pós-teste sem grupo controle ou grupo comparação, e avaliações que realizaram pré-teste e pós-teste com grupo controle ou grupo comparação, e estudos experimentais longitudinais que implementaram *follow-up*, e também estudos qualitativos nos quais os jovens atendidos forneciam *feedbacks* sobre os atendimentos recebidos.

As pesquisas que avaliam programas de atendimento para a população em situação de rua utilizam critérios e medidas de resultados bastante diversificados e muitas vezes incompatíveis, o que dificulta interpretações globais acerca dos resultados. Enquanto que para alguns estudos a abstinência ao uso de drogas é o resultado positivo esperado, para outros estudos o aumento da autoeficácia ou do bem-estar são resultados esperados e independentes do uso de drogas do paciente ou não. São raros os estudos que estabelecem a gestão autônoma da moradia como o resultado esperado, e muitos estudos divergem no que se entende como segurança habitacional. A diminuição de noites passadas na rua intercaladas com noites passadas em albergues é considerada como segurança habitacional em alguns estudos, enquanto outros estudos não consideram a transição entre diferentes condições habitacionais como segurança habitacional. Os critérios de saída da situação de rua também não apresentam consenso, divergindo ao escolher alguns dos seguintes itens: moradias protegidas oferecidas por serviços de saúde mental, abrigos, albergues, moradias alugadas, moradias próprias, moradias de amigos ou familiares, e outras alternativas habitacionais não-convencionais.

Para o desenvolvimento de intervenções baseadas em evidências, Clark (2004) analisou as etapas de pesquisa de validação de modelos e procedimentos de terapia cognitivo-comportamental, que podem ser utilizadas para desenvolver e testar outras modalidades de intervenção. As etapas de pesquisa analisadas por Clark (2004) abrangem três tipos diferentes de pesquisa: pesquisas qualitativas para encontrar pistas sobre as necessidades dos pacientes e examinar o fenômeno em profundidade, pesquisas experimentais para testar modelos cognitivos

sobre o fenômeno em questão, e pesquisas experimentais de ensaio clínico randomizado para testar a efetividade da intervenção desenvolvida a partir do modelo cognitivo que foi construído. Desta forma, Clark (2004) destaca as contribuições de diferentes áreas de pesquisa e ressalta a importância da pesquisa qualitativa para a pesquisa básica de cunho experimental, que fornece a fundamentação teórica para intervenções testadas por ensaio clínico randomizado, e aponta para a possibilidade de aperfeiçoamento de intervenções que foram testadas pelos *feedbacks* fornecidos pela pesquisa básica. Ao considerar a pesquisa experimental sobre intervenções com a população em situação de rua, é possível constatar a importância de estudos de orientação qualitativa para fundamentar a construção dos modelos teóricos que orientam as intervenções e para verificar os *feedbacks* fornecidos pelos participantes. Nesse sentido, a pesquisa narrativa demonstra potencial para informar o desenvolvimento de intervenções, por fornecer relatos vívidos, detalhados, e em profundidade, sobre os significados construídos das experiências dos participantes ao longo do tempo e desempenha funções tanto de pesquisa exploratória quanto de teste de hipótese (McAdams, 2012).

1.2 Pesquisa Narrativa

O objetivo deste capítulo é situar teoricamente e conceitualmente as perspectivas de análise de narrativas adotadas no estudo. O capítulo inicia com uma discussão ética acerca da pesquisa qualitativa como prática colonial. A seguir, o capítulo apresenta uma revisão histórica do estudo das narrativas, da “virada narrativa”, e de suas diferentes concepções. Em seguida, o capítulo situa a concepção de narrativa e as perspectivas de análise adotadas no estudo e seus principais conceitos e métodos empregados. Por fim, o capítulo discute questões relacionadas à garantia de validade no estudo das narrativas.

A prioridade da pesquisa qualitativa é apreender o ponto de vista de seus interlocutores da forma mais realista e compreensiva possível, a fim de alcançar um conhecimento mais fidedigno de como os sujeitos percebem o mundo. Este objetivo tem duas funções, uma epistemológica e outra ética – construir um conhecimento mais cientificamente preciso e também não estigmatizador. Entretanto, as Ciências Sociais e Humanidades são ciências normativas, atravessadas por valores morais e imersas em questões relacionadas a disputas ideológicas e exercícios de poder e dominação (Denzin & Lincoln, 2008). As pesquisas nas Ciências Sociais e Humanidades arriscam reproduzir sistemas de crenças e práticas dominantes, como ideias sexistas ou práticas coloniais, e precisam do exame cuidadoso de seus pressupostos filosóficos e métodos empregados.

De acordo com Smith (1999), que pesquisou as funções da pesquisa científica como prática colonial e a construção de metodologias sensíveis às perspectivas de populações minoritárias, a própria noção de “pesquisa” está intimamente ligada a tais práticas coloniais. Smith (1999) situou sua análise como pesquisadora indígena que cresceu em comunidades nativas nas quais se contavam histórias sobre pesquisa científica e pesquisadores viajantes, intercaladas com outras histórias de colonização e injustiça sofridas por essas comunidades. Segundo a autora,

a própria palavra “pesquisa” carrega um significado bastante ofensivo para as populações indígenas, e remete a lembranças de mensuração de crânios, perguntas invasivas e ensinamentos infantilizadores, sempre acompanhadas de lembranças de outras situações de opressão. Essa concepção de “pesquisa” foi construída no contexto do imperialismo colonial europeu de forma a atender às necessidades e interesses dos empreendimentos coloniais de classificar e representar “o outro” e coletar informações sobre esse “outro” através do emprego de pesquisas etnográficas e observacionais.

Os problemas relacionados às formas de representação do “outro” e da reprodução de vieses e práticas coloniais na pesquisa qualitativa, e formas possíveis de evitar representações enviesadas e práticas coloniais, foram discutidos de modo abrangente nos trabalhos de Smith (1999) e Denzin e Lincoln (2008). Para Smith (1999), o processo de descolonização da pesquisa envolve a desconstrução do discurso dominante, a definição de problemas de pesquisa de interesse das minorias envolvidas nela, o emprego de metodologias e práticas de pesquisa que fortaleçam as comunidades envolvidas, a valorização dos saberes indígenas e a contribuição da mesma para a legitimação acadêmica dos discursos minoritários. Para Denzin e Lincoln (2008), a pesquisa qualitativa busca um conhecimento preciso do ponto de vista dos informantes da pesquisa, e deve contemplar cinco etapas: situar os pesquisadores; discutir perspectivas teóricas; apresentar as estratégias de pesquisa empregadas; discutir os procedimentos de interpretação e análise; e refletir sobre a produção da escrita e os efeitos da pesquisa. A pesquisa qualitativa deve lidar com desafios relacionados à busca da validade das análises e interpretações, e com o problema de como se representa “o(a) outro(a)” e os preconceitos e vieses que pode reproduzir. Para evitar estes vieses, Denzin e Lincoln (2008) recomendam que a produção teórica seja orientada pelas categorias informadas pelos participantes da pesquisa – ou seja, descrever a realidade e pontos de vista dos participantes nos termos fornecidos por eles mesmos. Neste contexto, a pesquisa narrativa, capaz de visibilizar narrativas minoritárias, se mostra útil na produção de conhecimento qualitativamente relevante e a ruptura com práticas de pesquisa e produções discursivas coloniais.

Entretanto, adotar métodos de pesquisa narrativa não torna a pesquisa descolonizadora, assim como a utilização de outros métodos de pesquisa não significa que a pesquisa é necessariamente colonizadora. O caráter de “pesquisa colonial” refere-se a um determinado

projeto político e epistemológico ao qual a pesquisa está a serviço, marcado pela negação de perspectivas minoritárias e pelo domínio de um determinado sistema discursivo a serviço de uma determinada ordem, orientada por valores e práticas distantes das perspectivas e interesses dos participantes da pesquisa. Embora a própria noção de “pesquisa colonial” não apresente definições consensuais, é possível identificar algumas características essenciais. Smith (1999) descreveu como o funcionamento colonial aquele que coleta, classifica e representa o outro de forma a atender interesses externos e produzir efeitos de dominação. Jackson (2004) descreveu a colonização como o processo pelo qual uma cultura domina outra. A colonização é o efeito político de determinadas escolhas epistemológicas que subordinam e representam a voz do(a) “outro(a)” às práticas discursivas dos pesquisadores. Embora práticas anticoloniais possam ser adotadas em diferentes metodologias de pesquisa, dependendo da forma como a pesquisa é orientada e como acontece a produção discursiva, a pesquisa narrativa se destaca pela sua capacidade de visibilização das narrativas minoritárias e pela riqueza das narrativas estudadas.

A Psicologia Narrativa começou a se consolidar como campo de estudo a partir da publicação *Narrative Psychology*, de Sarbin (1986), considerada um marco histórico importante no estudo das narrativas. Naquele momento, o termo “Psicologia Narrativa” foi utilizado de modo abrangente, como forma de mostrar o estudo das narrativas como um ponto de convergência dos interesses de pesquisa de diferentes disciplinas, como Psicologia Cognitiva, Psicologia Social, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Cultural, Antropologia, Educação, Filosofia, Linguística, Sociologia, Psicanálise e Crítica Literária (Germano & Castro, 2010). A diversidade de disciplinas e perspectivas teóricas aponta para o estudo das narrativas como um ponto em comum - entretanto, as diferentes disciplinas e perspectivas teóricas divergem, até em termos antagônicos, em seus pressupostos filosóficos, objetivos de pesquisa, metodologia, unidades de análise e conceitos utilizados. Embora ainda hoje existam referências a concepções mais abrangentes da Psicologia Narrativa, como na biblioteca virtual *Narrative Psychology: Internet and Resource Guide*, os esforços de pesquisa têm sido direcionados para a delimitação de cada perspectiva teórico-metodológica de estudo das narrativas em separado.

Existem diversas concepções da noção de narrativa, muitas delas antagônicas, e, muitas vezes, os estudos que abordam narrativas utilizam mais de uma perspectiva teórica, estabelecendo diálogos entre pressupostos filosóficos distintos. Esta diversidade teórica e metodológica impõe desafios a tentativas de identificação e diferenciação das perspectivas teóricas existentes no

estudo das narrativas. Germano e Castro (2010) discutiram a classificação das concepções de narrativa de Smith e Sparkes (2008) e a estrutura de diferentes níveis de análise das narrativas elaborada por Murray (2000) e apresentaram um modelo para situar as perspectivas de análise das narrativas.

De acordo com a tipologia de Smith e Sparkes (2008), as perspectivas no estudo das narrativas podem ser identificadas pela distribuição em um *continuum* que se refere ao grau de importância que se atribui às dimensões pessoal ou social na determinação das origens da identidade narrativa. O *continuum* é separado em cinco categorias: psicossocial, intersubjetiva, recursos historiados, dialógica, e performativa. Na perspectiva psicossocial, as narrativas são descritas como estruturas cognitivas que possibilitam o acesso ao conhecimento do mundo interno do sujeito. Para a perspectiva intersubjetiva, as narrativas da pessoa passam a assumir os papéis e atribuições esperadas ao seu contexto cultural à medida que ela se relaciona com os outros. Para a perspectiva dos recursos historiados, as narrativas são ações sociais e devem ser analisadas em termos dos recursos culturais empregados pelos indivíduos para construí-las, das funções interpessoais e institucionais que elas desempenham e de sua distribuição social. Na perspectiva dialógica, as narrativas são analisadas nas relações entre as posições assumidas e atribuídas ao sujeito, que enuncia uma pluralidade de discursos relacionados ao seu contexto histórico e cultural. Na perspectiva performativa, as narrativas são consideradas práticas discursivas que cumprem funções sociais em contextos situados de interação, sendo entendidas como produções sociais que cumprem funções ideológicas.

Murray (2000) descreveu quatro níveis de análise de narrativas: pessoal, interpessoal, posicional, e social ou ideológico. No nível pessoal de análise, as teorias estudam as percepções e ações dos indivíduos em seus contextos. No nível interpessoal, o foco é o processo comunicativo e a relação interpessoal entre narrador(a) e ouvinte, e como essa relação produz determinados tipos de narrativas. No nível posicional, a análise é sobre as diferentes posições assumidas pelos atores em interações situadas, enfatizando elementos de poder e dominação embutidos nas narrativas. No nível social ou ideológico de análise, as narrativas são interpretadas como práticas discursivas que reproduzem ideologias e sistemas de crenças presentes na sociedade.

Este trabalho está situado na perspectiva psicossocial (Smith & Sparks, 2008) e no nível pessoal de análise (Murray, 2000). Nesse sentido, as narrativas são definidas como estruturas cognitivas que podem dar acesso a estados mentais e experiências privadas do indivíduo. A

identidade ou *self* se desenvolve através da autorreflexão e da construção narrativa ao longo do tempo. A narrativa confere sentidos de unidade, coerência e significado às histórias de vida, tornando significativos os elementos fragmentados da experiência. Os estudos da abordagem psicossocial buscam investigar a experiência a partir “de dentro” - das percepções e relatos dos informantes sobre suas trajetórias de vida, a fim de analisar como acontece a produção de sentido e a organização cognitiva da experiência narrada.

Para Somers (1994), as teorias que operam com a noção de identidade narrativa confrontam diretamente teorias da identidade mais tradicionais no campo das ciências sociais, pois as teorias da ação tradicionais não se mostram capazes de explicar as ações que variam ou desviam das concepções universalistas da identidade. Deste modo, o estudo das narrativas pode explicar as ações que desviam do esperado em termos identitários, a partir da compreensão do sentido de agência.

McAdams (2002) descreveu um modelo teórico de histórias de vida para explicar o desenvolvimento da identidade do adulto, no qual afirmou que a identidade, a partir do final da adolescência, é construída através de histórias autobiográficas. Com essas histórias autobiográficas o sujeito reconstrói o passado, interpreta o presente e imagina o futuro, de forma a atribuir ao seu curso de vida um sentido, com unidade, coerência e significado. A identidade narrativa de uma pessoa é a produção narrativa de sua história, elaborada internamente, e reconstruída e ressignificada ao longo do curso de vida. Este modelo foi um precursor da virada narrativa nas ciências sociais e comportamentais, e paralelamente refletia o desenvolvimento teórico nas Ciências Cognitivas, Psicologia Social, Psicologia do Desenvolvimento e Psicologia Cultural. Este modelo fornece ferramentas conceituais relevantes para a compreensão do desenvolvimento da identidade narrativa ao longo do tempo, os efeitos da construção narrativa na personalidade, os diferentes tipos de histórias que as pessoas narram, a função das narrativas no bem-estar e saúde mental das pessoas, e a relação entre a construção da narrativa e os contextos nos quais o sujeito está inserido. No modelo de McAdams (2002), a agência – que consiste na forma como o(a) autor(a) da narrativa se retrata como tendo poder de decisão sobre seu curso de vida – é considerada o tema mais importante no conteúdo das narrativas. O desenvolvimento do sentido de agência está relacionado ao empoderamento e bem-estar psicológico do sujeito, e nas narrativas nas quais o tema da agência se mostra empobrecido existe um grau maior de sofrimento. O sentido de agência está relacionado com a construção da autonomia – e se mostra

uma categoria de análise útil em pesquisas que buscam compreender como se dá a construção da autonomia.

A fim de evitar os problemas e equívocos no uso de noções muito rígidas ou essencialistas da identidade, Somers (1994) recomendou a utilização de três dimensões de análise que contextualizam a produção da identidade: temporalidade, espacialidade e relacionalidade. Ao situar a produção da identidade narrativa no tempo e no espaço geográfico, e compreender a identidade como produzida em relação com a alteridade, é possível ter uma compreensão mais profunda dos fatores envolvidos na produção da narrativa. Deste modo, categorias identitárias muito utilizadas na pesquisa, como gênero, raça, ou classe social, segundo Somers (1994), só podem ser compreendidas como produzidas historicamente e dependentes de fatores contextuais, e não como essências identitárias.

Somers (1994) descreveu quatro dimensões de uma narrativa, consideradas especialmente relevantes para as ciências sociais. As quatro dimensões são: 1) conexão das diversas partes da narrativa; 2) estabelecimento de relações causais no enredo; 3) apropriação seletiva dos episódios; e 4) temporalidade, sequencialidade e espacialidade. Integrando estas quatro dimensões, as narrativas podem ser definidas como constelações de episódios interconectados, inseridos temporalmente e espacialmente, constituídas por relações causais no enredo. As partes de uma história são conectadas na forma de uma trama, com significados e sentidos atribuídos à história. A construção narrativa da história, conectando as partes, é precisamente o que transforma “eventos” isolados em “episódios” repletos de significação pessoal e cultural, independente da ordem cronológica dos eventos.

Hatch e Wisniewski (1995) registraram depoimentos de acadêmicos que conduziam pesquisas qualitativas. Em um destes depoimentos foi destacada a necessidade de compreender as histórias de vida como situadas historicamente, culturalmente, politicamente e socialmente, de modo a evitar uma “romantização” do indivíduo, e a reprodução de uma “narrativa do herói”. O foco da História de Vida no indivíduo tem a função de colocar em análise fenômenos sociais mais amplos a partir de uma perspectiva particular - caso contrário, há o risco de uma descontextualização e de-historicização do indivíduo e uma glamourização de suas particularidades. Hatch e Wisniewski (1995) apontaram que a abordagem da História de Vida é um método de investigação das narrativas que vai para além da narrativa como ficção, e busca uma compreensão do contexto sociopolítico mais amplo.

Hendry (2007) apresentou outra crítica à forma de condução da pesquisa narrativa, relativa ao risco da objetificação das narrativas - representadas como dados a serem coletados - o que consistiria em uma atualização da abordagem positivista nas Humanidades. A principal crítica das abordagens narrativistas ao positivismo refere-se à crença positivista em uma separação entre o pesquisador e o que é pesquisado e na produção de uma discursividade oficial que assume o estatuto de objetiva e neutra. Para evitar o risco de objetificação das narrativas, é necessário explicitar os atravessamentos materiais e discursivos na condução e produção da pesquisa e possibilitar a reflexividade sobre como o texto científico consiste em uma produção discursiva, e colocar em análise essas produções discursivas. A fim de evitar o viés dos pesquisadores, uma solução possível é a utilização de categorias de análise emergentes, a partir das narrativas, de modo que o texto científico seja afetado pelas narrativas reproduzidas pelos pesquisadores e garantir a fidelidade dos termos usados.

Outra crítica comum ao estudo de narrativas na pesquisa empírica é sobre o risco de cooptação das vozes pesquisadas pela voz dos pesquisadores. O argumento é de que as narrativas buscadas, selecionadas, descritas, codificadas e interpretadas pelos pesquisadores não sejam as vozes dos participantes da pesquisa, mas a projeção das vozes do(a) pesquisador(a). Entretanto, o risco do enviesamento dos dados e interpretações não é uma exclusividade da pesquisa narrativa. Embora esta crítica, historicamente, seja comum a todo o campo das pesquisas qualitativas, apontadas como “muito subjetivas” ou “sem rigor”, este risco está presente em todos os campos da investigação científica. Ironicamente, uma das principais razões para a adoção de métodos narrativos na pesquisa científica é justamente para prevenir vieses e o discurso dos pesquisadores, e possibilitar com que os participantes da pesquisa falem por si mesmos e de suas próprias experiências. Em vez dos pesquisadores falarem sobre terceiros, utilizando os termos derivados de seus vieses teóricos, na pesquisa narrativa são os participantes que apresentam seus pontos de vista a partir de seus próprios termos.

Além disso, a experiência em campo mostra o oposto. Em situações nas quais a pesquisa é conduzida na observação sensível e cuidadosa - em vez de se centrar na sobreposição das narrativas e na coparticipação - o(a) pesquisador(a) pode se sentir silenciado(a) e “sem voz” na abordagem de temas nos quais ele(a) se sente bastante mobilizado(a). A intensidade e riqueza das narrativas apresentadas pelos participantes da pesquisa, muitas vezes, produzem a sensação de silenciamento dos pesquisadores, como se fosse um(a) espectador(a) da narrativa. Clandinin e

Conelly (2004) descreveram situações nas quais os pesquisadores se sentiram “esmagados” pelas narrativas dos participantes, e de se sentirem silenciados durante todo o trabalho de campo, só percebendo a possibilidade de se colocar no momento da redação das análises da pesquisa.

A escolha do problema de pesquisa, a forma de narrar o fenômeno pesquisado, e os conceitos e métodos utilizados, são todos sujeitos a vieses em função da visão de mundo dos pesquisadores. Como forma de prevenir vieses e prejuízos na confiabilidade dos dados e análises, se recomenda a adoção de procedimentos metodológicos capazes de garantir o rigor na pesquisa. No caso da pesquisa narrativa, a transcrição das narrativas e a adoção de categorias emergentes, a partir das narrativas, são dois procedimentos centrais para a pesquisa narrativa rigorosa. Além disso, devem ser adotados procedimentos para garantir a validade dos dados e das análises na pesquisa qualitativa em geral, como os sugeridos por Lincoln e Guba (1985), ou Whittemore, Chase e Mandle (2001).

Polkinghorne (2007) argumentou que, para sustentar uma interpretação e conferir validade aos dados e análises na pesquisa narrativa, é necessário também esclarecer as razões pelas quais outras passagens do texto não falseam a interpretação oferecida. O formato textual da narrativa analisada deve ser apresentado em sua forma crua, de modo que os leitores possam fazer inferências sobre o texto e tirar suas próprias conclusões. Por exemplo: para justificar a interpretação sobre qual é o tema principal que aparece em uma narrativa, é necessário apresentar passagens do texto que corroboram a interpretação e também explicar as razões pelas quais a existência de passagens que parecem apresentar outros temas não servem para descartar tal interpretação.

1.3 Objetivos do estudo

O objetivo geral deste estudo foi registrar e analisar narrativas autobiográficas sobre o processo de saída da situação de rua de adultos com esta vivência e que alcançaram uma condição habitacional estável. Os objetivos específicos foram:

- Analisar a relação entre os eventos de vida e os processos biográficos relacionados aos processos de saída da situação de rua dos participantes entrevistados;
- Investigar os processos de construção da identidade narrativa e das teorias de si apresentados por pessoas que saíram da situação de rua;

- Identificar particularidades e generalidades nas histórias de vida de sujeitos que saíram da situação de rua.

CAPÍTULO II

MÉTODO

Delineamento

A pesquisa consiste em um estudo qualitativo transversal com estudos de casos múltiplos, como descrito por Yin (2005). A principal estratégia de pesquisa utilizada para a construção dos casos foi a entrevista narrativa autobiográfica de Fritz Schütze, descrita e sistematizada por Germano (2009). Foram realizadas observações, entrevistas e conversas informais com os participantes do estudo e com trabalhadores da rede de proteção, a fim de facilitar uma construção mais aprofundada dos contextos nos quais os participantes da pesquisa se inseriam.

A pesquisa qualitativa exige cuidados específicos na condução das análises para garantir o rigor e a validade das análises e a possibilidade de transferibilidade das interpretações. Whittemore, Chase e Mandle (2001) definiram quatro critérios primários para conferir validade nos dados e análises na pesquisa qualitativa: credibilidade, autenticidade, integridade e criticidade, que devem ser atendidos. A autenticidade, nesta pesquisa, foi buscada através da transcrição detalhada das entrevistas, que é um dos passos da organização e análise dos dados previstos na Entrevista Narrativa Autobiográfica. A integridade foi buscada pela verificação das interpretações a partir da descrição dos casos, em um processo iterativo. A criticidade está relacionada com a explicitação do ponto de vista que embasa a pesquisa e com a busca por diferentes abordagens na interpretação dos dados. Para garantir a credibilidade das análises, Elliot, Fischer e Rennie (1999) recomendaram a adoção de pelo menos uma de quatro práticas: conferir a validade das análises e a exatidão dos relatos com os próprios participantes da pesquisa, consultar outros pesquisadores com expertise para verificar problemas na interpretação dos dados, comparar as interpretações com outras perspectivas qualitativas, e utilizar mais de uma estratégia de pesquisa ou fonte de informação. Esta pesquisa buscou atender às quatro práticas mencionadas para garantir a credibilidade das análises, embora a verificação das interpretações com os próprios participantes da pesquisa não tenha sido possível devido a dificuldades em contatá-los.

Participantes

Os participantes deste estudo foram dois adultos que viveram muitos anos em situação de rua e saíram dessa condição nos últimos três anos. Durante o percurso da pesquisa foram buscados outros participantes que atendessem aos critérios de inclusão do estudo, que eram: ter experienciado a situação de rua por pelo menos um ano, ter saído da situação de rua há pelo menos seis meses, e não estar no momento da pesquisa morando em albergues ou em internação hospitalar ou comunidade terapêutica. Entretanto, diversos fatores demonstraram a dificuldade em contatar pessoas que atendem a tais critérios de inclusão para participar da pesquisa.

Os dois participantes foram encontrados através do contato com um mesmo serviço da rede de assistência social de Porto Alegre. O contato com os dois participantes foi facilitado pela coordenação do serviço, por se reunir com frequência semanal ou quinzenal com os participantes, em função da continuidade do atendimento mesmo após a saída da situação de rua, e de outros projetos nos quais os participantes se inseriam. Os dois participantes integraram projetos conduzidos pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre – o projeto Pesquisadores Sociais, em 2012, e o projeto Facilitadores Sociais, em 2013 - nos quais assumiram lugares distintos do de usuários dos serviços da rede de assistência social.

A fim de garantir o anonimato dos participantes na pesquisa, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios – Roberto e Veronica. Roberto é um homem branco com 40 anos de idade, que viveu muitos anos em situação de rua, e atualmente mora com sua tia. Veronica é uma mulher negra de 27 anos de idade, que viveu muitos anos em situação de rua e frequenta diversos serviços da rede de assistência social, e atualmente mora em um apartamento próprio junto com seus dois filhos.

Procedimentos de coleta de dados

O projeto de pesquisa foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para avaliação e autorização. Durante o percurso da pesquisa foi necessário reformular os critérios de inclusão de participantes, que no projeto se limitavam à população jovem (entre 18 e 24 anos), para contemplar adultos de diferentes idades e assim facilitar o acesso na busca por participantes. A reformulação dos critérios de inclusão envolveu debates frequentes com trabalhadores da rede de assistência social sobre quem poderia ser convidado a participar da pesquisa, em uma construção conjunta.

O processo de busca por participantes para as entrevistas envolveu a inserção ecológica em serviços municipais especializados no atendimento à população em situação de rua em Porto Alegre e em um espaço de encontro de um movimento político de moradores de rua. Os serviços municipais que foram acessados em busca de participantes foram um módulo do Ação Rua, dois Centro Pop, e um Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS). A inserção em cada espaço envolveu a participação em atividades dos serviços, como espaços de convivência e reuniões de equipe, e conversas com trabalhadores e com usuários dos serviços, a fim de conversar sobre histórias de vida que atendessem aos critérios da pesquisa.

Para encontrar participantes com histórias de vida de saída da situação de rua foi necessário realizar um resgate histórico sobre atendimentos passados com os serviços de atendimento à população em situação de rua, que, devido à alta carga de trabalho e rotatividade de usuários nos serviços, foi um processo demorado e paciente. Devido à alta demanda e às urgências do atendimento direto com a população em situação de rua, o trabalho do resgate de histórias de vida de saída da situação de rua com as equipes dependia da disponibilidade de tempo livre dos trabalhadores – que era bastante limitada e frequentemente interrompida por novas demandas. O resgate dessas histórias de vida envolvia bastante tempo, a fim de conhecer em profundidade essas histórias e identificar se atendiam aos critérios de pesquisa - e a negociação e reconstrução desses mesmos critérios, a fim de adequá-los à realidade local. O processo de busca por participantes dependia também da existência de informações atualizadas sobre a situação atual de possíveis participantes e de algum canal de comunicação para estabelecer um primeiro contato e apresentar um convite para participar da pesquisa. Desta forma, o trabalho de pesquisa envolveu conversas com diversos trabalhadores dos serviços, como educadores sociais, técnicos, e auxiliares de serviços gerais, e com moradores de rua que frequentavam os espaços de

convivência, a inserção em reuniões de equipe nas quais se discutiam casos sendo acompanhados e questões relativas à organização do trabalho, e a escuta de diversas histórias de vida, das quais poucas demonstraram atender aos objetivos da pesquisa. Em muitas situações, os trabalhadores recordaram histórias de saída da situação de rua de pessoas que descobrimos não estarem mais morando na cidade ou terem apagado qualquer possibilidade de contato ao mudar de endereço e telefone.

O primeiro serviço contatado foi um módulo do Ação Rua, serviço especializado na Educação Social de crianças e adolescentes em situação de rua, a fim de encontrar histórias de jovens que saíram da situação de rua quando eram crianças ou adolescentes. Entretanto, a demanda constante de trabalho, com atendimentos emergenciais e saídas de campo, dificultou o trabalho de resgate histórico de atendimentos passados, e os atendimentos urgentes a crianças e adolescentes se configuraram como prioridade.

Os serviços de atendimento a adultos em situação de rua (Centro Pop), centrados na organização de espaços de convivência diária e oficinas, e sem busca ativa e abordagem de rua, possibilitaram uma articulação maior com as equipes no resgate histórico de casos acompanhados de pessoas que saíram da situação de rua. O resgate histórico envolveu a apresentação do projeto de pesquisa em reunião de equipe e inserção nos espaços de convivência com frequência quase diária, por cerca de um mês em cada uma das unidades Centro Pop, realizando conversas informais com diferentes trabalhadores dos serviços, como psicólogos, educadores sociais, e profissionais da vigilância, e também com usuários dos serviços. O resultado dessas conversas foi a revisão dos critérios de inclusão na pesquisa e elaboração de uma lista com doze nomes de ex-usuários dos serviços que poderiam ser contatados. Entretanto, o contato demonstrou ser uma dificuldade, pois a maior parte dos ex-usuários recordados não possuíam mais um canal de comunicação com o serviço. Foi possível entrar em contato com cinco ex-usuários dos serviços para apresentar a pesquisa e convidá-los a participar, e todos concordaram em participar da pesquisa. Entretanto, uma série de dificuldades em suas rotinas impediu o comparecimento em sucessivas tentativas de marcar um encontro para a realização das entrevistas, como a necessidade urgente de pagar a conta de luz ou o impedimento de comparecer à entrevista devido a uma grande greve de trabalhadores rodoviários na cidade.

O percurso de pesquisa envolveu também a inserção em um espaço de encontro de um movimento político de moradores de rua. A inserção neste espaço disparou reflexões importantes sobre as necessidades da população em situação de rua e sobre o papel da universidade, e foi uma oportunidade de aprendizado sobre o funcionamento da rede municipal na perspectiva da população em situação de rua. Entretanto, a dinâmica das reuniões e as agendas de seus participantes não possibilitaram o tipo de trabalho do qual o resgate das histórias de vida e a organização de momentos específicos para a Entrevista Narrativa dependem.

Os participantes desta pesquisa foram contatados mediante a coordenação de um Centro de Referência Especializada em Assistência Social (CREAS), após orientações fornecidas por trabalhadores dos outros serviços, por permanecerem frequentando os atendimentos no serviços e por terem participado de dois projetos da Prefeitura em anos anteriores – os projetos Pesquisadores Sociais e Facilitadores Sociais. Desta forma, foi através do contato com diferentes serviços da rede de assistência social que foi possível encontrar as duas pessoas que participaram desta pesquisa.

As duas entrevistas foram realizadas no espaço do serviço que facilitou o contato com os participantes, por ser considerado um espaço de fácil acesso para os participantes e pela disponibilidade do serviço de colaborar com a pesquisa. A primeira entrevista foi realizada em janeiro de 2014 e a segunda entrevista foi realizada em fevereiro de 2014. Foram realizados dois encontros com cada participante, o primeiro encontro para estabelecer um contato inicial, apresentar o projeto de pesquisa e realizar o convite para participar da pesquisa, e o segundo encontro para realizar e registrar a Entrevista Narrativa. Cada entrevista teve a duração de cerca de uma hora, e ambas foram realizadas pelo autor deste estudo.

Instrumentos

O principal recurso utilizado nesta pesquisa foi uma variante da Entrevista Narrativa denominada como Autobiográfica, que consiste na exploração da narrativa de história de vida do entrevistado a partir de um convite amplo e não-diretivo. A Entrevista Narrativa Autobiográfica tem a função de reconstruir o contexto e os processos biográficos da história de vida do narrador e colocar em análise a relação entre os eventos externos e as transformações pessoais. De acordo

com Schütze (2007), a Entrevista Narrativa parte do pressuposto de que há uma profunda relação entre o processo de formação da identidade de um indivíduo e suas produções narrativas de experiências e história de vida. A condução da Entrevista Narrativa Autobiográfica pode ser sistematizada em cinco passos: questão gerativa, trabalho biográfico, questões imanentes, questões descritivas e questões exmanentes. A questão gerativa consiste na orientação, de forma ampla e não-diretiva, para o entrevistado produzir uma narrativa global de história de vida. Durante o trabalho biográfico, o entrevistado narra de forma livre e sem interrupções ou perguntas do entrevistador. Após a finalização da narrativa, definida pelo entrevistado, o entrevistador faz perguntas concernentes a potenciais narrativos da história contada que ficaram confusos ou ambíguos durante a narração – as questões imanentes. Em seguida, o entrevistador realiza pergunta descritivas, a fim de aumentar o detalhamento da narrativa. Por fim, o entrevistador realiza perguntas sobre as razões para as decisões de vida relatadas pelo entrevistado e sobre a teoria que o entrevistado faz de si. Esta última etapa, de perguntas de “por quê?” e de respostas argumentativas, é definida como a etapa das questões exmanentes.

Procedimentos de organização e análise dos dados

A organização e análise do material da entrevista narrativa foram orientadas pela sistematização apresentada por Germano (2009), que divide a organização e análise da narrativa em seis passos: (1) transcrição detalhada das gravações; (2) análise formal do texto; (3) descrição estruturada do conteúdo; (4) abstração analítica; (5) comparação contrastiva; e (6) construção de um modelo teórico.

A transcrição detalhada das gravações consiste em transcrever de forma fiel as entrevistas para que seja possível verificar de forma constante a consistência das categorizações. A análise formal do texto consiste em identificar a que estrutura textual pertence cada trecho do texto – se cada trecho é de narrativa, de descrição ou de explicação. A descrição estruturada do conteúdo implica uma análise detalhada e em sequência de cada segmento da narração central e na extração dos temas principais e secundários, iniciando com a formulação de comentários livres e gerais sobre o texto para gerar hipóteses, e seguindo para a microanálise do texto e delimitação das unidades narrativas e identificação dos temas principais. O último passo da microanálise é

verificar a existência de indicadores de processos biográficos estruturados, como esquemas de ação biográficos, trajetórias de sofrimento, transformações da identidade ou padrões institucionais de curso de vida.

A abstração analítica consiste na reconstrução dos processos estruturais e de encadeamento da narrativa, na reconstrução das teorias biográficas dos narradores e na distinção entre características específicas da biografia do entrevistado e características gerais que podem ser encontradas em outros casos.

A integração dos dados das diferentes estratégias de pesquisa empregadas foi orientada pela perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, de acordo com as recomendações metodológicas de Eschiletti-Prati, Couto, Moura, Poletto e Koller (2008), de forma a garantir a validade ecológica das análises. A validade ecológica consiste em verificar se o contexto experienciado pelos participantes da pesquisa possui as propriedades supostas pelos pesquisadores e se as análises fazem sentido dentro dos contextos nos quais os participantes estão inseridos, a partir de uma diversidade de estratégias empregadas de pesquisa-no-contexto.

Foram utilizadas três diferentes matrizes de codificação dos temas presentes nas narrativas, a fim de testar a utilidade de cada matriz de codificação para analisar as narrativas estudadas e gerar mais *insights* capazes de contribuir na formulação de interpretações sobre o fenômeno estudado. As matrizes de codificação utilizadas foram as seguintes: a perspectiva autobiográfica de Schütze (2008a, 2008b) a matriz agência/comunhão de McAdams (2002), e a codificação a partir dos termos utilizados pelos próprios participantes – denominada emergência êmica das categorias.

A codificação de temas de origem êmica foi uma das propostas centrais deste trabalho, enquanto que as outras duas matrizes de codificação foram utilizadas para enriquecer o poder interpretativo e gerar *insights*. A codificação de temas de origem êmica consiste na extração de temas de acordo com os próprios termos utilizados pelos participantes. Como os temas não são definidos previamente, a codificação envolve leituras sucessivas e tentativas de codificação de dados não estruturados, que depois são agrupados em códigos maiores. A codificação êmica produz uma grande diversidade de códigos, e depois são selecionados os mais repetitivos ou relevantes para os objetivos da pesquisa. A codificação de temas de origem êmica envolve duas

fases: a codificação livre dos temas, e posteriormente uma tentativa de agrupar os temas em categorias mais abrangentes e consistentes. Os procedimentos de organização e interpretação de dados qualitativos não estruturados que embasaram esta pesquisa foram elaborados na forma de roteiros por Tesch (1990) e Côté, Salmela, Baria, e Russell (1993).

A perspectiva autobiográfica de Schütze (2008a, 2008b) envolve o processo de análise estrutural do conteúdo, no qual se busca interpretar episódios da narrativa pelas estruturas biográficas que representam, que indicam processos importantes de construção da identidade narrativa. As estruturas biográficas consistem em episódios que explicitam a construção narrativa da identidade, e podem ser identificadas em quatro formas: esquemas de ação biográfica, trajetórias de sofrimento, padrões institucionais de curso de vida, e metamorfoses. Os esquemas de ação biográfica consistem em episódios nos quais o narrador se coloca explicitamente como capaz de conduzir seu curso de vida. As trajetórias de sofrimento consistem em episódios de grande sofrimento nos quais o narrador não se reconhece capaz de conduzir seu curso de vida, sendo levado por forças maiores, e com dificuldades para se reconhecer a si mesmo, sugerindo um apagamento do sujeito e do sentido de agência. Os padrões institucionais de curso de vida consistem em episódios que são descritos sugerindo uma adequação a expectativas sociais e institucionais sobre alguma etapa do ciclo vital, nos quais a ação do narrador consiste em se conformar a expectativas sociais e institucionais. As metamorfoses consistem em transformações criativas na construção narrativa da identidade, indicando mudanças significativas na própria noção de *self*.

A matriz agência/comunhão (McAdams, 2002) consiste em uma lista de temas agrupados em duas categorias – agência e comunhão – utilizados para identificar episódios significativos nas narrativas analisadas. Os temas de agência implicam em episódios nos quais o narrador se desenvolve como sujeito e conquista maior independência e poder de decisão sobre a sua própria vida, e envolve os seguintes subtemas: controle de si, status/vitória, realização/responsabilidade, e empoderamento. Os temas de comunhão implicam em episódios que representam um sentido maior de proximidade e dependência em relação a outros, e envolve os seguintes subtemas: cuidado/ajuda, amor/amizade, união/proximidade, e diálogo. A codificação é conservadora, e só é aplicada quando o episódio analisado atende rigorosamente os critérios apresentados no manual de codificação de McAdams (2002).

Cada texto foi interpretado com base nas três matrizes de codificação utilizadas, e serão apresentados desta forma, com cada matriz em separado. Depois de codificar e analisar cada narrativa individualmente foi realizada a comparação contrastiva entre todas as narrativas analisadas. A partir da comparação contrastiva os códigos utilizados foram agrupados em categorias mais abrangentes.

Considerações éticas

A presente pesquisa foi aprovada pela Comissão de Pesquisa e Ética em Saúde do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As questões éticas foram organizadas conforme a Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde (1996) e as recomendações do Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS.

Considerando que os participantes da pesquisa apresentam histórico de vulnerabilidade social, foi necessário planejar como garantir a segurança e o bem-estar dos participantes. De acordo com o princípio da beneficência e não maleficência, é preciso garantir que os participantes saiam da situação da pesquisa pelo menos igual ou melhor do que antes de participarem da pesquisa.

As escolhas metodológicas do estudo foram orientadas por estes princípios. As entrevistadas foram estruturadas de modo a oferecer benefícios e minimizar riscos aos participantes. Esta pesquisa também manteve um conjunto de expectativas sobre efeitos experienciados pelos participantes da pesquisa através do método da entrevista narrativa. As expectativas foram de oferecer um espaço de escuta e reflexão para possibilitar a construção e reinvenção das narrativas de vida dos participantes e trazer visibilidade social sobre a singularidade de suas trajetórias, condições de vida e pontos de vista. Em função da escolha metodológica pela entrevista narrativa, e do compromisso social desta pesquisa, a expectativa foi de que a pesquisa apresentasse benefícios diretos para os participantes.

Os participantes foram informados sobre o objetivo e os procedimentos de coleta e análise dos dados e receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C), bem como o direito de negar ou interromper a participação na pesquisa.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

4.1 NARRATIVA 1 - ROBERTO

Temas de agência e comunhão

Foram recortadas dez unidades codificadas de acordo com os temas de *agência* e *comunhão*: três no trabalho biográfico e as outras sete nas respostas às perguntas realizadas pelo pesquisador. Os temas identificados no trabalho biográfico foram *diálogo*, *empoderamento*, e *controle de si*, nesta ordem. Nas respostas, os temas identificados foram: empoderamento (três vezes), controle de si (duas vezes), realização/responsabilidade (uma vez), e cuidado/ajuda (uma vez).

O diálogo apresentado na narrativa consiste em um relato vívido de um encontro muito importante na vida do narrador, a partir do qual o narrador passou a formar laços afetivos e institucionais com a rede de assistência e proteção social.

“Aí um certo dia passou uma moça com um carro, e eu fui tentar assaltar ela, aí ela me disse: “olha, tu quer sair dessa vida? Não precisa me assaltar não. Vou te dar um dinheirinho pra tu fazer um lanche, pra tu tomar um banho... Assim, eu sou assistente social...” Aí eu disse pra ela “tá, mas assistente social daonde?” “Assistente social do serviço social da FASC, eu trabalho lá no Centro Educativo do Sarandi”. Aí ela disse pra mim “olha eu trabalho lá, tu pode me procurar lá no Sarandi”. Aí eu disse pra ela “olha, eu tô aqui no Centro, então não vou nem te assaltar”. Aí passou uns cinco, seis dias, e ela passou lá de novo, com uma Kombi, com umas roupas pra me dar. Aí ela falou “E aí seu Roberto, como é que tá? O senhor não vai me assaltar de novo, né?” “Não, não, não vou

lhe assaltar não. Eu só quero uma ajuda pra comer, pra sobreviver, pra tomar um banho”.”

O encontro relatado no diálogo representa uma mudança no curso biográfico do narrador, e chama a atenção por duas razões: pela ruptura com a relação assaltante/vítima que estava colocada e por representar o início dos laços do narrador com a rede de assistência proteção social.

Os eventos identificados como *empoderamento* na narrativa estão relacionados a encontros importantes com pessoas que inspiraram transformações pessoais no narrador através de uma postura afetiva e empática – que o narrador descreveu como *carisma*.

“(...) ele teve carisma, teve palavra de conforto, teve um meio de como...né...de como poder dar conselho pra gente, pra gente poder respeitar as pessoas, e foi através dele que eu consegui ser respeitador, respeitar as pessoas... Antigamente as pessoas vinham falar comigo e eu mandava longe, não queria saber de nada... Hoje em dia eu respeito qualquer um, através da educação que ele me deu. “

O tema de *controle de si* foi identificado nos relatos da história de vida mais recente do narrador, situado temporalmente após os encontros transformadores que se configuraram como *empoderamento*. O *controle de si* se mostrou associado ao controle sobre a própria vida em oposição a o que o narrador descreveu como “mundo das drogas”.

“(...). E aí comecei a desenvolver, hoje não tô mais no mundo das drogas, tô morando com a minha tia, tô podendo me aproximar da minha família, dos filhos... Tô podendo conviver com a classe média... Tô podendo conviver com aquilo que eu perdi há anos atrás, deixei de usar tudo que era tipo de droga, não fumo, não bebo, não cheiro, vou na igreja de vez em quando. O vício que eu tenho é só chimarrão e café preto. E aí comecei a pensar... a viver mais um pouco, a gostar mais de mim... “

Ao narrar sobre a sua situação de vida atual, marcada pelo tema do *controle de si*, o narrador descreveu a sua rotina e expressou seu interesse em assumir uma postura de cuidado em relação aos outros. O destaque dado pelo narrador à sua rotina sugere que o desenvolvimento de uma rotina representa uma mudança importante em sua vida, e foi identificado pelo tema

realização/responsabilidade, por representar a responsabilização por si mesmo e por sua própria rotina, em contraste com a trajetória de sofrimento que viveu em situação de rua. O narrador atribui as mudanças relacionadas à *realização* de uma rotina diretamente às mudanças em sua vida proporcionadas pelos encontros que produziram *empoderamento* e pela estabilidade habitacional alcançada ao morar com a sua tia. A situação atual do narrador é marcada pelos temas do *controle de si*, da *realização/responsabilidade*, e do *cuidado/ajuda*, o que sugere que a situação de estabilidade e apoio alcançada possibilitou um sentimento maior de *controle de si* e o desenvolvimento de uma *responsabilização* por si mesmo e por terceiros, com uma inclinação para oferecer *ajuda*, direcionada a ajudar usuários de drogas em situação de rua.

“(como está morando com sua tia?) Agora tá bom. Durmo. Durmo das 21h até às 8h da manhã. Tomo café, almoço, faço lanche de tarde, depois de noite janto, depois de noite tomo mais um cafezinho e vou dormir, vejo televisão. É como se fosse... minha casa. Não tem hora pra dormir, não tem hora pra acordar. Ela me ajuda como pode. Quando eu tenho dinheiro eu ajudo ela, quando eu não tenho... eu não posso fazer nada. Faço um biquinho ali e ajudo ela”

“E meu sonho é ser um Educador Social. E pra isso eu tenho que estudar, que ter paciência, e tenho que mostrar que eu saí da droga pra poder tirar mais pessoas da droga e dar conselhos pra eles sair. Pra isso eu já tenho experiência. Eu já vivi um molhaçal de tristeza. Aquilo que passou pra trás é pra olhar, pegar apoio, e nunca mais olhar. Se eu puder tirar as pessoas desse caminho eu vou tirar. Se não quiserem apoio tudo bem. Porque ninguém sai das drogas sem ter apoio. Ninguém sai da rua sem ter apoio, tem que ter apoio”

O *empoderamento*, definido por McAdams (2002) como o crescimento ou elevação do sujeito através de sua associação com algo ou alguém que desempenha um papel de guia ou mentor, foi o tema mais frequente na narrativa, e recebeu destaque por estar relacionado a importantes momentos de transformação do curso de vida. Os encontros marcados por *empoderamento* nesta narrativa foram retratados como responsáveis por mudanças profundas nas condições materiais e de rede de apoio e na visão de si e do mundo do narrador, iniciando a construção de laços afetivos com trabalhadores da rede de assistência e proteção social e facilitando a reaproximação com familiares dos quais estava distante enquanto vivia na rua.

Foram a partir das primeiras experiências de *empoderamento* que o tema do *controle de si* apareceu na narrativa, sugerindo uma transformação significativa em sua identidade narrativa pelo desenvolvimento de um sentido de agência, ilustrado na declaração “(...) *ele teve carisma, teve palavra de conforto, teve um meio de como...né...de como poder dar conselho pra gente, pra gente poder respeitar as pessoas, e foi através dele que eu consegui ser respeitador(...)*”.

Temas de origem êmica

Os temas de origem êmica identificados na narrativa foram agrupados em quatro grandes temas: “mundo das drogas”, “recaída”, “vergonha”, e “carisma”.

O “mundo das drogas” relatado pelo narrador refere-se a períodos de sua vida de grande sofrimento associado ao contexto da vida na rua e a padrões de uso de drogas bastante problemáticos. Em toda a narrativa, o “mundo das drogas” refletia trajetórias de sofrimento (Schütze, 2008a), nas quais o narrador experienciava sofrimento e dificuldades para se colocar como sujeito autor de sua história, simplesmente reagindo a forças maiores. Durante estas trajetórias de sofrimento, o narrador tem dificuldade para se reconhecer em seus atos, por ter se tornado estranho a si mesmo.

“Eu comecei na rua com doze anos de idade, depois que eu perdi minha mãe e meu pai. Aí eu comecei a morar na rua com doze anos de idade, comecei a me juntar com mau elemento, fui parar na FEBEM... Aí da FEBEM fui parar debaixo do viaduto, fumando maconha, cheirando cola de sapateiro, cheirando loló, e fui indo... Aí depois comecei... a fazer coisas que... não deveria ter feito. Comecei a roubar por vício, comecei a... a ainda mais me afundar no loló, nas drogas. Quando não tinha loló eu pegava éter, acetona, de esmalte... Me chapava, bem chapado... “

Ao ser solicitado a narrar o seu processo de sua saída da situação de rua, o narrador fala de sua saída do “mundo das drogas”. O “mundo das drogas”, nesta narrativa, é retratado como um equivalente ou sinônimo da situação de rua, e apresenta um conteúdo de sofrimento esmagador. O narrador se retrata como atingido por forças maiores, e durante essas trajetórias de sofrimento não aparecem conteúdos de agência em sua narrativa. O “mundo das drogas” é narrado como uma sucessão de eventos que trouxeram sofrimento e ações das quais o narrador relata se arrepender,

descritas sem explicações ou racionalizações sobre as decisões tomadas, e retratadas como se o narrador não se reconhecesse nessa época de sua vida. Na narrativa, todo o período que envolve a ida para as ruas após a morte dos pais, a internação na FEBEM, e a saída da FEBEM, é descrito sequencialmente, como se representassem uma continuidade. A trajetória no “mundo das drogas” é descrita de forma genérica como “*sem beira nenhuma, pra lá e pra cá*”. Esse grande período de sua vida não é descrito de forma vívida, mas detalhado estritamente em seu itinerário geográfico pela cidade. “*Morava ali nos Açorianos, embaixo do viaduto. Quando não parava no viaduto dos Açorianos parava lá no viaduto da Duque de Caxias... Quando não era na Duque de Caxias parava lá na Praça Parobé...*”. Toda a trajetória de “mundo das drogas” parece ter sido narrada como uma sequência de eventos sobre os quais o narrador não tinha controle, e é marcada pela descrição de ações, lugares e eventos concretos, sem detalhamento de aspectos subjetivos e relações interpessoais.

Com exceção do momento anterior à internação na FEBEM, no qual o narrador fez menção a contatos vagos com outras pessoas, descritos como “*(se) juntar com mau elemento*”, não aparece nenhum outro personagem ou relacionamento em sua narrativa até o momento do diálogo com a assistente social, que foi descrito de forma vívida e representa o precursor dos esquemas de ação biográfica em sua narrativa. Nem mesmo a constituição de uma família, com esposa e filhos, e a ruptura dessas relações, foram retratadas em seu trabalho biográfico, tendo sido mencionadas apenas como resposta a uma pergunta de esclarecimento sobre como está sua vida atualmente. Ao apresentar seu interesse de reconciliação com sua família, o narrador descreve como a ruptura de laços com a sua família nuclear esteve relacionada à “recaída” no “mundo das drogas”:

“Que hoje em dia, eu to querendo me reencontrar com a minha família. Mas vai levar um tempo né. Quando eu tava na rua drogado eu dava-lhe pau nos meus filhos, na minha esposa, era agressivo, estúpido, era bem locão. A minha família me botou pra rua, fui pra rua. Eu tinha 23 anos. Aí eu tive uma recaída nas drogas, comecei a bater nos filhos, na mulher, aí me botaram pra rua. Aí hoje em dia me encontro com meus filhos, mas com a minha ex-esposa não. Queria me reencontrar com eles. Com os meus filhos eu me reencontro, mas com a minha esposa... não sei como vai ser o reencontro... Se ela vai me ofender, vai querer me bater, vai chamar a polícia... ou vai correr...”

A descrição do “mundo das drogas” tem uma função de estabelecer um contraste com o momento de vida atual do narrador, representando transformações significativas na identidade narrativa e na construção do *self*. O narrador descreve uma distinção categórica entre a sua vida “*sem beira nenhuma*” e “*agressivo, estúpido, bem locão*”, associada ao “mundo das drogas”, e a sua vida após o estabelecimento de laços afetivos com profissionais da rede de assistência e proteção social, na qual o narrador conseguiu “*ser respeitador*”, desenvolver uma rotina em casa, e evitar “recaídas”. O contraste entre o “mundo das drogas” e sua vida atual também é ilustrado ao fazer referência a outras pessoas em situação de rua que ele identifica com o “mundo das drogas”, o que dificultaria as chances da pessoa aceitar orientações ou ajuda:

“Ver aquela pessoa se matando não dá. “Não bebe mais, não fuma mais, que tu tá te matando, eu já fui um drogado, um alcoólatra, um cheirador”. Mas aí dizem “Se eu fumar o problema é meu, se eu morrer me enterram depois, vou morrer daqui a um dia ou dois, o problema não é teu, é da minha vida”. Te xingam, tudo, te mandam até longe. Das minhas mãos tá limpa. Cada um tem sua consciência. Tem uns que aceitam, tem outros que não aceitam, tem outros que nem bola dão... E essa vida eu não quero mais. “

Ao estabelecer contrastes entre episódios anteriores de sofrimento intenso e o momento atual de sua vida, o narrador descreve o uso de drogas em termos completamente negativos, quase estereotipados. Em sua narrativa não há distinção de efeitos subjetivos e padrões de uso entre as diferentes drogas mencionadas (maconha, haxixe, “loló”, éter, acetona, *crack*, cachaça), atribuindo a todo o conjunto os efeitos de “ficar locão”, “bem chapado”, e “agressivo” - com exceção do consumo de chimarrão e café preto, que são relacionados ao seu momento atual de vida, embora descritos como “vício”. Ao associar o consumo de drogas, a situação de rua, a trajetória de sofrimento, e a ausência de um sentido de agência, dentro do mesmo tema denominado “mundo das drogas”, o narrador retrata os tipos de experiência que quer evitar e que remetem a um período de sua vida alheio à identidade narrativa atual, sobre o qual o narrador não chega a se reconhecer. Para afirmar sua construção de *self* e sua identidade narrativa atual, o narrador busca evitar o que denominou de “recaída”.

Durante o trabalho biográfico, o tema da “recaída” aparece na narrativa, embora sem explicações sobre como foi o processo e a vivência de “recaída”. Ao ser solicitado a descrever a

que o ele se refere como “recaída”, o narrador faz um relato fenomenológico, descrevendo como é, em termos gerais, a experiência subjetiva de “recaída”.

“Recaída é... quando a pessoa tá quase saindo das drogas, se ela vê outra pessoa fumando ou bebendo ela dá uma vontade louca, desesperada, de voltar a fumar, “me dá esse cigarro pelo amor de deus”, ou com a cachaça...E começa a dar uma coceira assim dentro do peito, começa a dar um nervosismo, começa a roer as unhas, começa a suar, e começa a ter aquela vontade, e quando vê já tá de novo no mundo das drogas. A recaída é isso. A gente recai da separação das drogas não dura uma semana, duas semanas, nem um mês, e quando tu vê já tá com a droga de novo na cabeça, já tá na maconha, no haxixe, nas pedra, na cachaça. E se tu não tem pra fumar tu rouba, tu faz de tudo. Tu pede, tu rouba, tu assalta, tu mata... pra ter a droga. Porque senão fica bem locão, chega a roer as unhas, tu não aguenta.”

Ao explicar a diferença entre a sensação de quando se está “quase saindo das drogas”, quando existe a possibilidade da “recaída”, e de quando já se saiu “do mundo das drogas”, o narrador relata:

“A diferença é boa. É um alívio dentro do cérebro da pessoa, dentro do corpo da gente. A diferença é que não tem mais aquela vontade de tá ali bebendo, de tá ali fumando, de usar aquela droga, de cheirar. Tu passa por outra pessoa ali bebendo ou fumando e não te dá nenhuma vontade, porque tu já se livrou de tudo aquilo, já lavou a tua alma. Hoje em dia tu não tem mais vontade. Se te dá vontade de tu fumar tu vai ali, toma um refrigerante, como uma maçã, uma bala de hortelã. Passa aquela vontade. Não te dá nenhuma vontade. Te dá até enjojo do cheiro da maconha, do loló, do álcool, do crack. Depois que a pessoa superou, largou esse vício, ela não consegue mais tá perto da pessoa com vício. Ela fica até enjoada, dá dor de cabeça, dá tudo, começa a vomitar, não suporta mais aquele cheiro”

A “recaída” é retratada na narrativa como o processo de “entrada” no “mundo das drogas”, embora não tenha sido descrito com clareza os momentos entre as “recaídas”, nos quais o narrador não estaria “no mundo das drogas”. A constituição de uma família parece um evento invisibilizado pela totalidade das experiências de “recaída” ao “mundo das drogas”, que tornam a

narrativa curta e com saltos temporais. O narrador descreve fenomenologicamente a experiência da “recaída”, sem definir detalhadamente alguma experiência específica, desempenhando a mesma função de contraste de sua situação de vida atual com as experiências anteriores de “mundo das drogas”, afirmando sua identidade narrativa atual em contraste com os momentos nos quais o narrador não se reconhece.

A identidade narrativa anterior aos encontros que representaram *empoderamento* e o início do processo de saída da situação de rua foi marcada por sentimentos de vergonha e auto-depreciação. O sentimento de vergonha provocado pelas experiências de “recaída” ao “mundo das drogas” marcou de forma profunda a construção da identidade do narrador, de modo a fazer com que ele não tenha conseguido entrar em contato com a familiar com quem mora em situações anteriores porque dizia sentir vergonha.

“Ah, é porque eu não tinha coragem de me encontrar com ela. Eu tava no mundo das drogas e, quando ela vinha me procurar eu ofendia ela muito, empurrava ela, corria ela com pedaço de pau...”

Na narrativa, este quadro começa a mudar quando o narrador passa a receber um tipo de apoio afetivo e moral denominado por ele como “carisma”. O “carisma” consiste na criação de laços afetivos materializados em gestos de carinho e reflexões guiadas, de modo a fazer o sujeito se sentir valorizado e estabelecer uma relação de confiança que antes não parecia possível, transformando a sua identidade narrativa. O *carisma* se mostrou associado às unidades de *empoderamento* (McAdams, 2002) e *metamorfose* (Schütze, 2008a; Schütze, 2008b).

“Aí através do Carlos ele teve carisma, teve palavra de conforto, teve um meio de como... né... de como poder dar conselho pra gente, pra gente poder respeitar as pessoas, e foi através dele que eu consegui ser respeitador, respeitar as pessoas... Antigamente as pessoas vinham falar comigo e eu mandava longe, não queria saber de nada... Hoje em dia eu respeito qualquer um, através da educação que ele me deu.”

“Eu vi que ele era tão jovem né, e comecei a escutar ele. Pensei “esse cara não deve ser tão cabeçudo pra escutar louco que nem a gente, que mora na rua e tudo”... Que fala de um jeito tão gentil, com uma palavra de amor tão gentil, jovem assim... então comecei a respeitar ele, né... Ele começou a entrar dentro da minha cabeça e comecei a pensar “ah,

posso ser que nem ele uns anos depois”... Não como político, mas tendo a educação que ele tem. E saber tratar as pessoas com amor como ele trata. Ele tem um carisma e trata a gente com uma palavra que conforta o nosso coração. Ele me deu conselho do bem, me ensinou as coisas ruins e as coisas boas. “

“Carisma é o carinho, é o carinho, é a palavra de conforto. O carisma é a palavra com amor. Porque a pessoa tem que saber tratar com amor, com carinho. Entra um e sai outro e vem várias pessoas aqui e eles tratam tudo com amor e carinho. O carisma é uma coisa que tem em todo ser humano. É o amor, é o afeto fraternal. Se não tiver afeto fraternal, solidariedade humana...”

Ao descrever experiências de “carisma”, o narrador afirmou que o exercício do “carisma” foi diferenciado de outras tentativas de “ajuda” que recebeu quando estava em situação de rua. A principal diferença em relação a outras tentativas de ajuda foi descrita pelo narrador ao relatar o papel de Carlos em sua vida:

“Porque ele sabia tratar com amor e carinho. Sabia dar conselho pra gente. Sabia como chegar, como tratar, como respeitar, como te atender, te ouvir... Sabia como te educar entre o bem e o mal... Ele não se metia muito na vida da gente “ó, se tu quer fazer isso tu faz, mas depois tu vai ver o que tu deixou pra trás, tu vai ta lá na frente e vai ver tudo o que tu perdeu”. E foi com o exemplo dele que eu comecei a pensar “Pô, um cara novo, sentado numa sarjeta, ouvindo um monte de louco que nem nós, olha o peso que tem no ombro dele, ele poderia pegar e nem dar bola pra nós” Ele chorava junto com nós, ria junto com nós, comia junto com nós, e não tinha nojo de abraçar nenhum, abraçava um ou outro na rua. Se tivesse um lá na rua agora ele ia lá e abraçava, já trazia pra dentro, já trazia comida, isso e aquilo. Ele tem um carisma pra tratar as pessoas... com amor e carinho. Acho que ele foi um dos melhores que teve até agora... que teve amor e carinho por nós. Não digo que não existe, mas ele é que me deu carinho, me tratou bem, me ensinou as coisas boas... Depois dele conheci outros, conheci a Joana, conheci a Cátia... E tô indo, e tô aqui agora. Agora venho aqui (no CREAS) só pra ver eles, já to acostumado né... às vezes eu sinto uma falta em casa, porque sabe tratar a gente com amor e carinho”

De acordo com a narrativa, o recebimento de “carisma” foi o evento que desencadeou as metamorfoses criativas na identidade narrativa necessárias para que o narrador se mobilizasse para sair da situação de rua. O “carisma” implica um investimento afetivo, de aposta na criação e recuperação de laços sociais, e parece facilitar formas de apoio instrumentais. Nesta narrativa, a saída da situação de rua foi possível pelo recebimento de apoio material na forma de moradia facilitado por um processo de reconciliação com um familiar, que só foi possível em função de transformações na identidade narrativa do sujeito. A saída da situação de rua se configura, nesta narrativa, como uma relação complexa entre diferentes qualidades de apoio ofertadas e mudanças na disposição pessoal:

“E é isso que eu acho que quem tá na rua tem que ter em mente, sobreviver, que querer é poder, que se a gente quiser a gente sai, porque nem todos os dedos das mãos são iguais.”

“Se não quiserem apoio tudo bem. Porque ninguém sai das drogas sem ter apoio. Ninguém sai da rua sem ter apoio, tem que ter apoio.”

4.2 NARRATIVA 2 - VERONICA

Esta narrativa apresentou uma temporalidade diferente das narrativas convencionais, com pouca sequencialidade nos episódios narrados, com frequente “idas e voltas” no tempo, e racionalizações intercalando os episódios. A narrativa apresenta um estilo impessoal, sendo frequentemente usada a segunda pessoa do singular para se referir a uma situação vivida pela narradora: “*tu aprende, tu convive, tu vê o teu sofrimento, vê o sofrimento dos outros*”. A primeira pessoa do singular foi utilizada ao relatar fatos e ações, como “*aí eu conheci uma senhora, essa senhora eu morei dois anos com ela*”, enquanto que a segunda pessoa do singular foi utilizada ao representar processos reflexivos. Desta forma, a narrativa dos episódios de vida apresentou interrupções frequentes para racionalizações, avaliações gerais e expressões da *teoria de si* da narradora.

A narradora utiliza variados recursos linguísticos para se retratar como observadora da experiência de situação de rua vivida. Inicialmente, a narradora expressou verbalmente que “*rua mesmo eu não posso dizer que eu conheci*”, sugerindo não ter experienciado a situação de rua, embora posteriormente tenha fornecido diversos exemplos de vida em situação de rua. Em diversas situações a narradora comparou sua trajetória de vida com a de outros moradores de rua que vivenciaram situações difíceis – e que, em comparação com outros moradores de rua, ela não consideraria que viveu em situação de rua. Ao relatar experiências de sofrimento vividas ela utilizou, muitas vezes, a segunda pessoa do singular – como se estivesse falando de uma situação abstrata.

Em sua narrativa não foi encontrado nenhum episódio identificado como trajetória de sofrimento, de acordo com os critérios descritos na matriz autobiográfica de Schütze (2008a). Embora a narrativa apresente conteúdos que indicam experiências de sofrimento, não houve a narração de nenhum episódio caracterizado pela anulação da narradora como sujeito ou por alguma dificuldade da narradora em reconhecer a si mesma naquela época de sua vida. A narrativa também não apresentou episódios identificados como metamorfoses criativas da identidade narrativa. A codificação fundamentada na perspectiva autobiográfica de Schütze (2008a, 2008b) identificou apenas processos biográficos descritos como esquemas de ação biográfica – que foram sobrepostos a outros temas de origem êmica ou fundamentados na matriz

de codificação de McAdams (2002). Desta forma, a narrativa analisada apresenta uma linha de ação biográfica contínua, sem a ocorrência de trajetórias de sofrimento que precisariam ser superadas por alguma metamorfose criativa na construção narrativa da identidade.

A codificação fundamentada na matriz de agência/comunhão de McAdams (2002) também apresentou temas redundantes, que foram posteriormente inseridos nos temas de origem êmica. Foram identificados três temas: amor/amizade, cuidado/ajuda, e realização/responsabilidade. O tema de amor/amizade foi inserido dentro do tema de origem êmica “convivência”. O tema cuidado/ajuda foi inserido dentro do tema de origem êmica “preocupação com os outros que estão na rua/empatia”. Ao final, todos os temas codificados na narrativa foram agrupados em quatro temas de origem êmica: “correr atrás”, “convivência”, “preocupação com os outros/empatia”, e “distanciamento da identidade de usuária de drogas”.

“Correr atrás”

O tema mais presente na narrativa consistiu na postura da narradora de tomar iniciativa e direcionar esforços constantes para a realização de suas necessidades e objetivos, descrito como “*correr atrás*”. A narradora atribui a sua saída da situação de rua principalmente à sua disposição de “*correr atrás*”, com a qual relata ter estabelecido um objetivo claro e direcionado esforços para alcançá-lo. Ao longo da narrativa, “*correr atrás*” é retratado como uma atitude, um objetivo, um processo, e um valor moral que possui um valor fundamental em sua visão de mundo.

“que tipo, tu vai ta ali, mas tu vai ta ali e já vai ta pensando em correr. Eu sempre tive meu objetivo, quando eu tava na rua, que era correr... Não pensei que eu ia ficar na rua pra sempre ou... depender só daquele lugar...”

O processo de saída da situação de rua de Veronica foi narrado como o resultado de esforços anteriores, pela continuidade da postura de “*correr atrás*”, com a qual a narradora buscou diferentes espaços de apoio para lidar com as dificuldades enfrentadas. A circulação por diferentes espaços e a busca por diferentes pontos da rede de apoio foi associada a uma postura ativa da narradora em encontrar soluções para seus problemas, sem ser empurrada para trajetórias prolongadas de sofrimento ou esperar passivamente por alguma mudança em sua condição.

“E depois dali logo continuei correndo atrás do meu canto... Fiquei na rua um tempo... Comecei a incomodar na FASC até sair o projeto das casas... E foi indo. Continuei correndo, com reuniões, participei um bom tempo também do Movimento Aquarela, que me ajudou bastante também... E continuo aí...”

Embora a narradora descreva que “*correr*” e sair da situação de rua sempre tenha sido um objetivo, a decisão de iniciar um processo de saída da situação de rua foi localizado em um ponto posterior da narrativa, em função de experiências adversas sucessivas e de uma avaliação de que, na situação de rua, continuaria mantendo poucos benefícios alcançados por seus esforços. A partir desta avaliação, a narradora tomou uma decisão que reflete uma continuidade em sua identidade narrativa reforçando sua ideia sobre a importância de “*correr atrás*”.

“Bah, tudo jogado fora, tu corre, corre, nunca conquista porque daí quando tu conquista aquelas coisas tu vê e já perde, porque vem alguém e te tira. Tu não consegue ter uma roupa porque tu vai perder. Tu nunca conquista, porque na rua tu sempre vai perder. Nunca tá inteirado. Então depois que eu vi que eu só tava perdendo eu disse "ah, tá na hora de, né, da um basta, e começar a correr mais um pouco atrás do que eu quero", que era o meu canto. “

A narradora atribui diretamente o seu processo de saída da situação de rua à sua postura de “*correr atrás*”. Em suas respostas, a narradora relata que acredita que “*correr atrás*” é algo que todas as pessoas deveriam fazer, mas que poucas pessoas em situação de rua fazem – e por isso permaneceriam em situação de rua. Embora o seu processo de saída da situação de rua tenha dependido do apoio de amigas e de recursos oferecidos por órgãos governamentais, a narradora atribui a sua postura de “*correr atrás*” como o fator determinante do qual esse processo foi um resultado a longo prazo.

“Ah, eu acho que é uma coisa que todo mundo deve fazer, correr atrás dos seus sonhos. Se tu parar no tempo tu não consegue nada. Eu sou que nem um relóginho, tô sempre correndo de um lado pro outro. Que nem agora, agora eu tô vendo uns negócios do apartamento e... E eu já tô correndo! Não, se é uma coisa que tu lutou pra ter, e agora tu vai perder? Tá louco! Vou correr atrás dos meus direitos, todo mundo tem direito. Então

eu tô sempre correndo. Não tem, tu conquistando aí a tuas coisas, conquistando o que é teu, sem ter que pedir nada pra ninguém... É uma coisa que eu acho que todo mundo deve fazer. “

“Os que realmente correm atrás dos seus sonhos, correm atrás das suas coisas, dá pra contar nos dedos. Tu tava há dois anos esperando aquela vaga ali pra tu entrar, se tu não for lá bater na porta e dizer “tá, e aí?”, nada vai cair do céu.”

De acordo com seu relato, mesmo com a oferta de recursos e condições habitacionais a postura de “correr atrás” é necessária, pois ainda existiriam desafios a serem solucionados, e “correr atrás” é fundamental para lidar com os problemas que emergem com o tempo. A narradora relata que sua condição habitacional não é completamente estável, pois existe a possibilidade de perder seu imóvel em razão de decisões governamentais, e que seu apartamento apresenta diversos problemas, para os quais tem que “*correr atrás*” para solucionar. O seu processo de saída da situação de rua também não se encerrou com a conquista de um espaço próprio de moradia, pois dependeu da persistência de sua postura de “*correr atrás*” e de transformações em sua rede de relações pela “*convivência*”.

Convivência

O processo de saída da situação de rua da narradora não foi encerrado com a aquisição de um apartamento para morar, pois a narradora relatou que “continuou na rua”. Após a aquisição de seu apartamento, a narradora relatou ter experienciado desconforto e solidão no contexto domiciliar e que permaneceu frequentando os espaços de convivência da população em situação de rua e utilizando o espaço da rua para passar a noite e dormir durante cerca de um ano.

“Bah, todo mundo fala “bah, tu saiu da rua e continuou na rua?”. Todo mundo me faz essa pergunta. É uma coisa assim que a princípio tu não entende, acha meio estranho assim. É que, bah, tu tá numa casa assim, e vê: bah, tu não tem um cachorro, não tem um gato, sem ninguém, nem uma viva alma do teu lado, uma TV só pra tu olhar... Tu fica

meio em depressão. Até tu se acostumar tu vai sempre procurar a rua e pessoas pra tu conversar... Ainda mais eu que sem conversar eu fico louca, eu enlouqueço. Então... tu sempre volta, assim... Então até eu me acostumar, até eu fazer meus laços de amizade ali onde eu moro, foi uma coisa meio difícil...”

A narradora relatou que era aconselhada a permanecer mais tempo em seu recém-adquirido domicílio, e que a população em situação de rua com quem convivia declarava que ela não teria mais necessidade de frequentar os mesmos espaços que quem morava na rua.

“Pra ter que ficarem me dizendo ‘vai pra casa, agora tu tem casa, tu não precisa tá aí, mas tu tá ali... só por tu ter aquelas companhias, tu ter alguém pra conversar. E hoje em dia não. Hoje em dia, quando eu tô em casa, assim, eu não posso dizer que eu não tenho companhia. Não, o que eu mais tenho é companhia agora.”

O processo de saída da situação de rua após a aquisição de seu apartamento envolveu sucessivas tentativas de estabelecer relações afetivas vinculadas ao contexto domiciliar pela companhia de amigas e de animais domésticos adotados, até o estabelecimento de relações afetivas com outras moradoras do condomínio.

“Assim eu ia. Eu achava um bichinho e levava de ônibus comigo da Cidade Baixa. Aí um dia eu disse assim: “ah, eu vou levar uma amiga minha pra ir morar comigo”. Aí eu encontrei essa guria e levei ela pra morar comigo. Aí eu pensei “ah, agora pode ser que eu consiga parar em casa, já que eu tenho companhia”. Ela ficou quase um ano morando comigo, aí ela foi indo, foi indo, foi indo... Aí eu comecei a fazer um monte de amizade nova, conheci umas gurias do condomínio, daí as gurias iam lá pra casa e a gente amanhecia conversando. E daí foi assim que eu fui desapegando da rua, mas no começo assim... foi bem difícil.”

A convivência foi apresentada como um valor importante na vida da narradora, retratada como uma necessidade psicológica, atividade prazerosa, e oportunidade de aprendizado. A

convivência foi retratada como um aprendizado constante, pelo qual as pessoas aprendem umas com as outras e modificam a si mesmas, a fim de estabelecer relações harmônicas.

“É, eu tô aprendendo a conviver com as pessoas. Eu sou uma que tô sempre em convivência. Eu tô sempre indo de um lado pro outro, então eu sempre consigo ir de um lado pro outro. Daqui a pouco eu tô aqui, daqui a pouco eu já tô lá, e assim eu vou... Um pouco eu tô em casa e aí daqui a pouco eu já tô lá na casa da fulana, querendo ajudar... E assim eu vou. Eu tava lá outro dia... entre seis lá em casa. Sete! Dois na sala, um em cada quarto, e aí é a convivência assim... Junta todo mundo e vamos conviver todo mundo junto! E acho que não tem coisa melhor né... do que tu poder conviver e não brigar com aquela pessoa. Então esse é o meu dia-a-dia. Tô sempre convivendo com um outro. Daqui a pouco eles vão embora, daqui a pouco já vem outro, e assim eu vou! Na verdade a vontade nossa é conviver todo mundo em harmonia, pra não ter briga. Até na rua, se eu puder evitar uma briga eu evito.”

A disposição de “correr atrás” foi retratada como um fator necessário para a narradora adquirir um apartamento próprio para morar, mas não foi suficiente para encerrar o processo de saída da situação de rua, em função da necessidade da narradora de convivência. A narrativa aponta para a grande importância da relação com outros na vida da narradora, que se interessa não só por conviver com os outros, mas também por pensar sobre os sofrimentos e histórias de vida de outras pessoas em situação de rua.

Preocupação com outros que estão na rua/Empatia

Os episódios da história de vida da narradora foram intercalados na narrativa com reflexões e relatos sobre as histórias de vida de outras pessoas que estavam em situação de rua, em um exercício constante de comparação entre a sua própria história de vida e as histórias de outras pessoas. As histórias de vida de outras pessoas em situação de rua foram descritas ao ilustrar os sofrimentos associados com a vida em situação de rua, considerados pela narradora como sofrimentos maiores comparados com seus próprios sofrimentos.

“Tu começar a ver a história dela. Ela vai te contar a história dela, e tu vai dizer... ‘bah, a minha... não passei um terço do que ela passou’. Bah, mas é muita coisa assim que tu vê... e eu, bah, de 2013 pra cá eu aprendi mais com o pessoal assim vendo como é a convivência com o pessoal... Tu poder sair com o pessoal e ir lá sentar com a pessoa e contar a tua história e aquela pessoa contar a história dela pra ti. Eu conheci uma menina que... agora eu não sei como que é que ela tá, a situação dela... mas eu conheci ela quando ela era menor. E ela disse que tinha vindo... não lembro o nome do lugar, mas ela disse que veio fugida pra cá. Ela tinha sido estuprada pelo padrasto e veio parar na rua. E aquilo dali... aí eu contei a minha história pra ela, e ela disse: ‘é, mas se tu passasse o que eu passei aí tu teria motivo pra tá nessa situação, mas tu não passou metade do que eu passei’. Aquilo dali me doeu... ouvir ela falar aquilo dali. E, sabe... eles continuam contando a história deles, e tu vê aquela história ali, né... E... cem por cento das brigas de família é tudo por causa de padrasto, ou... porque tu já tem uma pessoa que é dependente na família... ou briga com aquilo ali... mas não tenho muito mais coisa, mas eu posso dizer que de 2013 pra cá eu conquistei muita coisa. Né, só de pensar que pelo menos um eu consegui salvar, que é o Joel, só de pensar que eu pude ajudar ele já é uma grande vitória. Cada vez que ele me liga pra dizer que tá bem, né. Que ele não tá mais na rua, não tá mais se drogando... não tá mais bebendo como ele bebia antes... já é uma grande vitória tu poder ouvir a pessoa dizendo ‘eu não tô mais usando’... é uma vitória grande já...”

A narradora também compara sua trajetória de vida com a de outras pessoas em situação de rua ao retratar as conquistas alcançadas e manifestar preocupação com outras pessoas em situação de rua que permaneceram em uma condição mais vulnerável. Ao longo de toda a narrativa ela expressa preocupação com o atual curso de vida de pessoas que conheceu e que frequentemente reflete sobre os diferentes cursos de vida.

“E hoje em dia eu fico pensando, bah, e muita gente tá aí no mesmo caminho ainda. Convivi... Faz dois anos agora que eu moro lá onde que eu tô, e nesses dois anos eu fico pensando ‘bah, esse pessoal deve tá lá no mesmo lugar’. E mesmo assim tem gente que

acha ruim ainda. Ao mesmo tempo tu fica pensando “será que, né, eles vão continuar no mesmo lugar ainda? Será que eles não vão pensar em mudar como eu mudei?”

A preocupação com outras pessoas em situação de rua também se manifestou em iniciativas da narradora de ajudar pessoas em situações graves de sofrimento.

“(…) Que ele eu vi que ...ele num primeiro momento não queria, mas quando ele viu que a saúde dele realmente tava correndo risco mesmo de ele ter quase morrido no riacho da Ipiranga, e eu vi que ele queria ajuda realmente. E eu vou dizer que, se não fosse as gurias terem dado ajuda pra ele, não iam ser os serviços que iam dar, porque tinham largado ele de mão. E eu peguei, tirei ele da rua, levei ele pra casa, internei ele. Aí ele desinternou ...e hoje eu vi que ele realmente queria se ajudar. Agora ele tá bem, tá morando com uma senhora, essa senhora tá ajudando ele, ele tá fazendo os tratamentos dele, não tá mais tendo ataque epiléptico... Que realmente... tu vê que quando a pessoa pede ajuda demais é porque ela quer se ajudar realmente. Aquela que te diz uma vez só que quer ajuda e depois não te procura mais é porque realmente não quer. Eu vejo assim. Todo mundo disse “ah, eu cansei de ajudar ele, eu larguei ele de mão” e eu disse “eu vou mostrar como é que é ajudar e vou ajudar ele”. E hoje eu vejo que ele tá bem. Não tá bebendo, não tá tendo ataque epiléptico, tá tomando os remédios direitinho... e realmente eu vejo que ele queria ajuda. Eu vejo por esse lado. A pessoa que menos pede ajuda é a que não quer ser ajudada. Se realmente aquela pessoa quer ajuda ela vai insistir, vai ir, vai ir, vai ir e vai pensar “eu vou procurar ajuda porque eu quero ajuda realmente”.

Distanciamento da identidade de usuária de drogas

Ao longo da narrativa foram expressos diversos episódios e argumentos sugerindo uma distinção entre a identidade da narradora e a de outras pessoas em situação de rua identificadas como usuárias de drogas. A narradora relatou que muitas vezes não foi reconhecida como moradora de rua, e se identificou a partir da diferenciação em relação a outras pessoas em situação de rua.

“Então muitas vezes assim chegavam e me perguntavam "então tá, como assim tu morava na rua?" Que tu vê e não parecia que eu morava na rua, até pelo jeito de eu andar. Mas eu dizia "não, eu moro, e não tenho vergonha de dizer porque, por mais que eu tenha família, e minha família corra, corra atrás, mas eu não quero ficar em casa, e acho que a rua tá melhor pra mim, então, né"... “

Ao longo da narrativa ela declarou diversas vezes que não era usuária de drogas e comparou sua trajetória de vida com os efeitos prejudiciais do uso abusivo de drogas nas trajetórias de vida de outras pessoas em situação de rua. Ela apontou que as suposições de que ela seria usuária de drogas eram equivocadas, e que mesmo que ela tenha tentado se tornar usuária de drogas ela nunca teve problemas com o uso abusivo de drogas.

“Mas eu não posso dizer que eu saí de casa por causa de droga, foi por desavença. Mas por vício, por usar droga, essas coisas... já tentei usar mas eu nunca consegui. Mas depois que... eu vi assim que... até as guria nova se prostituindo pra poder usar... Tu tá ali correndo pra poder ter as tuas coisas e quando vê vem um e te rouba pra ir lá e usar uma droga... Com esses bagulho eu nunca tive problema nenhum. É uma coisa que... bah, destrói.”

“Já tive no CAPS também, acharam que eu era usuária de drogas, mas nunca fui, mas já fiz tratamento já, me tratei com psicólogos também... E eles queriam achar o que eu tinha, que nem eles entendiam porquê que eu tava ali.”

O tema dos prejuízos associados ao uso de drogas apareceu em diversos pontos da narrativa, nos quais os casos de outras pessoas em situação de rua com problemas com drogas foram utilizados para ilustrar o argumento. A descrição de prejuízos associados ao consumo de drogas entre a população em situação de rua foi utilizado como disparador de um processo reflexivo sobre seu papel no problema como vendedora de drogas. Novamente, a preocupação com os outros se manifesta e serve para diferenciar a trajetória e a identidade da narradora da identidade dos moradores de rua usuários de drogas que enfrentam problemas graves.

“Tu vê muita coisa né. Mortes e mais mortes... tu vê a pessoa morrendo ali do teu lado e tu ali, vendo ela morrendo e não poder fazer nada... porque né, é a vida que escolheu... Mas hoje eu dia eu larguei tudo. Vendia... Nunca usei né, mas tava ajudando também muitas pessoas a se drogar, né... Pro meu sustento mesmo né, o meu vício mesmo, pra eu poder usar meu cigarro, comprava drogas de outro pra vender... E aí tu vê que eu mesma tava ajudando e destruir muitas famílias e os meus próprios amigos tavam se matando do meu lado! Que né... o mais viciado nunca é aquele que usa, o mais viciado é aquele que vende, que tá ajudando a estragar mais ainda.”

DISCUSSÃO

O processo de saída da situação de rua é algo difícil de observar, de descrever, e de definir. O que significa “saída da situação de rua”? Como se reconhece quando uma sequência de noites dormidas em uma cama sob um teto se torna uma “saída”? Os conceitos de “trajetórias de vida na rua” e “carreiras da rua” sugerem que esses processos seriam lineares e atribuem as razões para a permanência em situação de rua a escolhas individuais (Fopp, 2007). A dicotomia entre o espaço domiciliar e a rua é baseada em estereótipos – de que o espaço domiciliado é bom, saudável e seguro, e que a rua é um espaço de risco – e não contempla o fato de que a circulação pelos espaços de casa e da rua é comum a grande parte da população, sendo uma dicotomia pouco realista. A concepção negativa sobre o espaço da rua tem sido intensamente questionada, e o espaço da rua tem sido descrito como um espaço de liberdade, de aprendizagem, de diversão, e de convivência, e que deve ser ocupado. Também tem sido destacada a agência política das pessoas em situação de rua, em oposição a concepções essencialistas ou baseadas na falta para retratar a população em situação de rua (Schuch & Gehlen, 2012a).

É necessário também questionar a noção da “saída da situação de rua” como o ideal a ser alcançado. Embora a situação de rua seja reconhecida como um fenômeno complexo e associado diretamente à desigualdade social e econômica – expressa no desemprego e na falta de moradias acessíveis provocada pela especulação imobiliária -, políticas centradas no objetivo de retirar a população sem-teto das ruas se mostraram problemáticas e abusivas. A vida na rua é associada com a experiência de liberdade e muitas vezes é justificada como uma opção melhor que dividir uma casa com familiares abusivos (Bandeira et al., 1994; Koller et al., 1996) ou dormir em um albergue pouco acolhedor (Hyde, 2005), e permanecer na rua pode representar um sinal de força interior e perseverança para algumas pessoas (Luhmann, 2008), além de ser espaço de convívio e diversão para muitas pessoas. Em função da diversidade de experiências e significados atribuídos à situação de rua, é necessário ter sensibilidade para reconhecer a diversidade de necessidades e interesses da população em situação de rua, que varia desde a demanda para a aquisição de um lugar para morar com urgência à decisão pessoal de permanecer na rua pela identificação profunda com a “cultura da rua”, e todos os processos de adaptação e apropriação do espaço e transformações na rotina associados à transição para uma moradia estável. A própria noção de “situação de rua” está muito associada a características negativas, de falta, e não corresponde à

diversidade de experiências e significados sobre o viver na rua e suas dinâmicas. Para o Movimento Nacional da População de Rua, a rua consiste em um espaço de criação de uma identidade comum e de organização e luta pelos seus direitos – que envolvem tanto a reivindicação por políticas públicas que ofereçam alternativas à vida em situação de rua quanto o próprio direito de habitar a rua (De Lucca, 2007).

A dificuldade em conceitualizar a “situação de rua” e a “saída da situação de rua” está relacionada à diversidade de experiências sobre o viver na rua (Fopp, 2007; Morais, Neiva-Silva, & Koller, 2010; Rizzini & Rizzini, 2003). Embora seja possível observar características em comum (Morais, Neiva-Silva, & Koller, 2010) – como a falta frequente de um domicílio para morar, a necessidade de adotar estratégias de sobrevivência características de “moradores de rua”, ou a atribuição do estigma de “moradores de rua” – e exista a necessidade de estabelecer definições para a produção de conhecimento sobre o fenômeno, as definições utilizadas não contemplam toda a diversidade de experiências sobre o viver em situação de rua e o sair dessa condição. O conceito é controverso não só no contexto do debate acadêmico mas também para narrar a própria vivência da situação de rua. Veronica iniciou sua narrativa afirmando “*que rua mesmo eu não posso dizer que eu conheci*”, sugerindo diferenças entre a sua vivência particular de situação de rua e outras vivências de situação de rua. A narrativa de Roberto apresentou equivalências entre o viver em situação de rua e o uso abusivo de drogas, como se fossem sinônimos, sugerindo a sua visão particular sobre a questão. Suas duas narrativas apresentam histórias de vida e concepções sobre o que é viver em situação de rua qualitativamente diferentes entre si. Enquanto que uma das narrativas retrata a vida em situação de rua como uma longa trajetória de sofrimento associado ao uso problemático de drogas, a outra narrativa retrata a vida em situação de rua como uma sucessão de desafios e dificuldades que traz grandes sofrimentos mas também grandes possibilidades de aprendizagem e de convivência com pessoas com histórias de vida diversificadas.

Viver em situação de rua é relatado, muitas vezes, como motivo de vergonha (Koller, 1994; Moura Jr., Ximenes, & Sarriera, 2013; Tower, 1992), sendo muitas vezes representado na narrativa como uma experiência da qual a pessoa se arrepende, ou sobre a qual não deseja falar muito. A vida em situação de rua é comumente associada a diversas características negativas, e até mesmo pessoas que experienciaram a situação de rua reproduzem esses estereótipos em seus

discursos, o que naturaliza formas de tratamento baseadas em estereótipos, como a violência e a discriminação (Moura Jr., 2012). Em sua narrativa, Roberto descreve sua vivência em situação de rua de forma extremamente negativa, de modo a produzir um impacto significativo na construção de sua própria identidade, descrevendo sua trajetória com termos pejorativos, como “viciado”, “locão”, “agressivo” ou “estúpido”. A vergonha de viver em situação de rua gera um ciclo vicioso no qual a pessoa não acredita ter capacidade ou autoconfiança suficientes para sair da situação de rua, e opta por permanecer em uma condição de invisibilidade social a se expor e ser recebida de forma discriminatória (Moura Jr., Ximenes, & Sarriera, 2013). Roberto relatou não ter buscado contatos anteriores com a sua tia por sentir vergonha, em função de sua condição de morador de rua e de seu histórico de comportamentos hostis direcionados a seus familiares - e que esse quadro só se transformou depois de ser incentivado por um funcionário afetivamente presente a se reconhecer com dignidade e amor próprio. O sentimento de vergonha associado à construção da identidade de “morador de rua” tende a perpetuar o isolamento social e a vulnerabilidade que atingem moradores de rua (Moura Jr., Ximenes, & Sarriera, 2013).

Entretanto, é possível atribuir outros significados à vivência da situação de rua, evitando a reprodução de estereótipos. Embora Veronica tenha declarado, em diversos pontos de sua narrativa, que a vida em situação de rua envolve grandes sofrimentos e dificuldades e ela não desejaria tal situação para ninguém, ela também declara que não pode “dizer que a rua foi ruim”, e afirma que aprendeu muito e conviveu com muitas pessoas. A vida em situação de rua é, muitas vezes, representada de modo ambivalente. Mesmo em situações nas quais a situação de rua não é retratada de modo negativo, a ideia do viver na rua como algo vergonhoso se mostra presente, como se tivesse que ser considerada para ser refutada. Em sua narrativa, Veronica afirmou não ter vergonha de dizer aos seus filhos que morou na rua, e que conta a eles em detalhes sobre sua vivência e sobre o que aprendeu, sugerindo que a possibilidade de significar a situação de rua como algo vergonhoso permanece presente, e que é algo do qual busca se distanciar. A vivência em situação de rua é, muitas vezes, representada como um sinal de força interior, de experiência adquirida, e de oportunidades raras de aprendizado (Luhmann, 2008), possibilitando ressignificações da vivência em situação de rua e evitando a descrição de suas próprias trajetórias de vida como inerentemente negativas.

Os dois narradores entrevistados buscaram fazer alguma diferenciação entre as suas identidades e a identidade de usuário de drogas. Embora suas histórias de vida sejam consideravelmente diferentes e suas narrativas tenham estruturas biográficas distintas, em ambas narrativas a identidade de usuário de drogas é retratada como algo do qual fazem questão de se diferenciar. Para Veronica, se diferenciar da identidade de usuária de drogas significava reconhecer que sua história de vida não foi tão carregada de sofrimento quanto às de outros moradores de rua, e que sempre assumiu uma postura ativa e responsável de “correr atrás” enquanto se preocupava com as trajetórias de sofrimento de outros moradores de rua que faziam uso problemático de drogas. Para Roberto, se diferenciar da identidade de usuário de drogas significava se diferenciar de seu passado marcado por trajetórias de sofrimento, nas quais ele não se reconhecia, e se descrevia como estando “fora de controle”, “aprofundado no mundo das drogas”, “viciado”, e “agressivo”, em função do uso problemático de drogas que experienciava na época.

A narrativa de Roberto apresenta uma polarização clara entre o período de sua vida anterior à sua metamorfose na identidade narrativa, marcado pelo “mundo das drogas”, e o período de vida posterior à metamorfose, marcado por temas como “aprendi a ser respeitador” e “agora eu tô bem”, indicando uma reformulação significativa em seu curso de vida. Nessa polarização em sua narrativa, o uso de drogas é retratado como absolutamente prejudicial e associado à “recaída” para a “sarjeta” e a “não querer saber de nada”, sugerindo um retorno à situação de rua marcado por um abandono generalizado. Essa polarização parece atender a uma função estilística da narrativa, definindo um antes e um depois, e servindo de referência para a construção da identidade narrativa atual. Entretanto, essa polarização também pode estar relacionada ao contexto no qual a narrativa foi enunciada – uma entrevista para um pesquisador vinculado à rede de socioassistencial, em um país no qual a política de drogas é altamente marcada pela proibição e atravessada por um discurso religioso centrado na abstinência. Para Petuco (2010), em um contexto no qual o consumo de drogas é associado à criminalidade, os únicos dois discursos autorizados socialmente para usuários de drogas são enunciados como *discursos desesperados* – do usuário que se arrepende de seu uso problemático e busca ajuda - ou *discursos heroicos* – do ex-usuário que “superou o vício” e serve de exemplo para outros buscarem a abstinência - que são produzidos em um contexto no qual todo uso de drogas é interpretado como falta de agência e motivo de arrependimento e outras representações do uso de

drogas são desincentivadas ou repreendidas. As características do contexto de enunciação afetam a forma como as narrativas são construídas, que depende de a quem são endereçadas.

A transformação na forma de descrever a si próprio desempenhou um papel fundamental no processo de saída da situação de rua de Roberto. Ele evitava contatar sua tia ou aceitar sua ajuda por ter vergonha de sua condição e de seu histórico, o que mudou a partir de reflexões sobre si mesmo proporcionadas pelo vínculo com o funcionário Carlos. De acordo com Roberto, Carlos *“teve carisma, teve palavra de conforto, teve um meio de como poder dar conselho pra gente, pra gente poder respeitar as pessoas, e foi através dele que eu consegui ser respeitador, respeitar as pessoas”*. O encontro com Carlos foi retratado como um episódio de empoderamento (McAdams, 2002), caracterizado pela transformação pessoal produzida por um vínculo afetivo e moralmente inspirador.

As redes de apoio instrumental e afetivo apresentaram um papel importante na garantia de condições para possibilitar a Roberto e a Veronica o processo de transição da situação de rua para uma moradia estável. O apoio instrumental consistiu em um amplo conjunto de serviços da rede de assistência social que facilitaram o acesso a albergues, serviços de saúde mental, benefícios assistenciais, contato com familiares, e com um grupo de apoio e empoderamento de moradores de rua. O apoio afetivo consistiu na convivência constante com pessoas com as quais Roberto e Veronica desenvolveram laços afetivos fortes e o interesse de compartilhar o tempo juntos. O apoio afetivo também teve um componente moral, sendo retratado como oportunidade de aprendizado pela convivência e de reflexão sobre a própria vida. Os episódios de vida caracterizados pela ausência de apoio afetivo foram marcados por trajetórias de sofrimento e pela dificuldade em buscar ajuda para Roberto, e pelo sentimento de solidão e desejo de retornar ao convívio com moradores de rua para Veronica. O cotidiano da população em situação de rua é comumente marcado por experiências de isolamento social (Moura Jr., 2012), e a população em situação de rua cria estratégias e formas de convivência próprias para lidar com o isolamento. Em função do fortalecimento de laços entre a população em situação de rua e à adaptação a estratégias de sobrevivência próprias da vida na rua, muitas pessoas no processo de saída da situação de rua enfrentam dificuldades para se adaptar a outra rotina, especialmente sem a companhia de amigos (Rew, 2000). Em função disso, muitos jovens que estavam em situação de rua retornam à rua para recuperar a convivência com os amigos. A necessidade de conviver com amigos dificilmente é

atendida ou abordada pelos serviços de apoio à população em situação de rua, devido à forma como estão organizados – centrados na constituição de uma rede de apoio afetivo e instrumental composta principalmente pelas equipes profissionais e pelos familiares da pessoa atendida.

Na história de Roberto, as relações afetivas marcadas pelo “carisma” proporcionaram acolhimento e conforto e inspiraram transformações na forma dele retratar a si mesmo e precederam o processo de saída da situação de rua. Na história de Veronica, as relações afetivas marcadas pela “convivência” tiveram papel importante tanto na sua busca por companhia entre moradores de rua quanto para não depender mais desses espaços. Ambos também argumentaram que não é possível sair da situação de rua sem ajuda, e que é necessário fornecer apoio de forma presente e constante. O apoio instrumental e afetivo com presença constante passa a mensagem de que a pessoa em situação de rua não será abandonada, mesmo que ela apresente dificuldade para aproveitar a ajuda ou abertamente rejeite essa ajuda. Pessoas em situação de rua muitas vezes acreditam que serão logo abandonadas ou que não valem o esforço, e a existência de uma presença afetiva constante que demonstre apoio contesta essa crença e pode auxiliar pessoas em situação de rua a superar um esquema de autoabandono.

Além de afirmar que não é possível sair da situação de rua sem ajuda, Veronica e Roberto demonstraram ter grande interesse e disposição a ajudar pessoas em situação de rua. Para Roberto, ajudar envolve principalmente conversar e refletir sobre as implicações das escolhas da vida na rua, em especial sobre o abuso de drogas. Para Veronica, ajudar envolve principalmente demonstrar que a pessoa não será abandonada e incentivar a pessoa a desenvolver práticas de autocuidado. Ambos afirmaram que querem ajudar outras pessoas em situação de rua, mas seria necessário que estas pessoas também demonstrassem disposição para escutar e aceitar ajuda, o que não aconteceria em todos os casos. Veronica declarou que a maior parte da população em situação de rua não teria interesse em “se ajudar realmente”, e por isso não demonstrariam o interesse em receber ajuda de forma consistente. Mas ela também relatou a história de uma pessoa que ela ajudou a sair da situação de rua, que não conseguia corresponder às ofertas de ajuda, e para quem Veronica seguiu oferecendo ajuda de forma insistente mesmo depois que outros moradores de rua já haviam desistido de ajudá-lo (nas palavras dela, “largado de mão”).

A rede de assistência social foi retratada de forma muito presente nas duas histórias de vida, acompanhando os narradores durante muitos anos. Embora as narrativas apresentem

relações entre o apoio instrumental e afetivo fornecido pela rede de assistência social e o processo de saída da situação de rua, a rede de assistência social foi retratada como um conjunto de serviços à disposição para a população em situação de rua, e não necessariamente como uma possibilidade de saída. De acordo com Hecht (1996), os serviços da assistência social são percebidos pela população em situação de rua como parte integrante da vida na rua, e não como alternativa à vida na rua. Os albergues foram representados nas duas narrativas em sua função instrumental – como lugar para dormir – ou foram representados com características negativas, como mais um desafio do cotidiano de quando viviam em situação de rua.

Tanto Veronica quanto Roberto participaram de diferentes espaços de empoderamento nos quais relataram encontrar apoio instrumental e afetivo e oportunidades de reflexão e reconstrução da própria história. Esses espaços de empoderamento foram o movimento social de moradores de rua chamado Movimento Aquarela, um projeto de pesquisa censitária da população em situação de rua de Porto Alegre denominado Pesquisadores Sociais, e um projeto da prefeitura municipal de trabalho junto à rede de assistência social no atendimento e busca ativa à população em situação de rua, denominado Facilitadores Sociais.

Tanto o papel assumido como Facilitadores Sociais quanto o papel de Pesquisadores Sociais produzem outras possibilidades de representação de si mesmos e de acesso a outros tipos de relações sociais, produzindo uma diferença em relação a concepções mais convencionais sobre a vida em situação de rua. O relato de Broide e Broide (2012) sobre o trabalho do grupo de Pesquisadores Sociais retrata as oportunidades de reinvenção discursiva possibilitadas por essa nova identidade como Pesquisadores Sociais através da produção de novos referenciais simbólicos. Essa oportunidade de reinvenção discursiva como Pesquisadores Sociais envolveu o reconhecimento e a validação de suas histórias de vida, valorizadas em suas potencialidades e contribuições para a orientação das políticas públicas – ao mesmo tempo em que significou uma diferenciação em relação a identidade de moradores de rua. No relato de Broide e Broide (2012), participantes do projeto Pesquisadores Sociais realizaram declarações como *“outro dia, fui à reunião do orçamento participativo e queria falar, mas uma coisa é falar como morador de rua, outra é falar como pesquisador social. Qual a diferença? Total! O respeito, a dignidade - vão dar ouvidos ao que eu falar! Como morador de rua, eu não sou ninguém, como pesquisador, eu tenho como dizer o que vejo o que sinto”* ou *“não sou mais uma moradora de rua, sou pesquisadora*

social”, sugerindo uma reinvenção da própria identidade narrativa. A construção da identidade como Pesquisadores Sociais abriu novos espaços de fala nos quais os participantes puderam ser escutados, não só ao narrar suas trajetórias de vida, mas também fornecendo testemunhos sobre outras histórias de vida e expressando suas avaliações sobre as políticas públicas para a população em situação de rua – de modo a ter suas vozes legitimadas.

Os episódios nos quais narraram o trabalho como Facilitadores Sociais foram marcados pelos temas de cuidado/ ajuda (McAdams, 2002), nos quais forneceram cuidados e apoio social, afetivo, ou instrumental, a pessoas em situação de rua que eram sistematicamente acompanhadas por eles. As experiências como Facilitadores Sociais marcaram a construção de suas identidades narrativas com temas de cuidado/ajuda, com a disposição para apoiar pessoas em situação de rua e escutar suas histórias, através da construção de laços afetivos significativos e do ato de compartilhar de reflexões. O trabalho como Facilitadores Sociais foi assumido depois de pelo menos dois anos que Veronica e Roberto saíram da situação de rua, e produziu marcas significativas na formação da identidade de ambos, ilustradas na presença marcante de temas de cuidado e ajuda ao narrar episódios mais recentes.

Nas duas narrativas encontradas a saída da situação de rua foi retratada como um longo processo, que envolve muitas transições entre diferentes contextos, inclusive com retornos à situação de rua, e envolve também a reorganização a rede de apoio e transformações a nível pessoal. Nas duas narrativas a saída da situação de rua assume o significado de um aprendizado contínuo – sobre si, sobre a relação e o cuidado com os outros e sobre os desafios, responsabilidades e rotinas associados a “ter o próprio teto”. Para Veronica, a aquisição do “próprio teto” ainda não significa uma garantia de estabilidade habitacional, como ilustrou com a história de conhecidas que viviam em situação de rua e abandonaram ou venderam seus recém-adquiridos apartamentos e com as críticas às decisões governamentais, em especial ao que pode ameaçar o direito “conquistado” ao “próprio teto”. Para Veronica, a aquisição e manutenção da moradia dependem do esforço constante de “correr atrás”. Para Roberto, a saída da situação de rua significou a possibilidade de assumir novas responsabilidades, relacionados à manutenção e a contribuições para o sustento financeiro da casa, e relata ter por objetivo assumir novas responsabilidades. A saída da situação de rua também significou, em ambas narrativas, a possibilidade de buscar a restauração de laços com os filhos dos quais estavam distantes em

função de dificuldades associadas à vida na rua. As experiências de trabalho como Facilitadores Sociais, a aquisição de responsabilidades associadas a ter uma moradia estável, e a busca pela restauração e laços com os filhos, revelaram temas de cuidado e ajuda a terceiros e a importância destes temas em suas identidades narrativas atuais. A saída da situação de rua e as responsabilidades assumidas com a aquisição de uma moradia foram relatadas como justificativas para a disposição de ambos em orientar e ajudar outras pessoas em situação de rua para “não caírem nessa vida” e buscarem apoio. Os desafios relacionados à manutenção da moradia e o processo de aquisição de novas responsabilidades associadas à nova rotina sugere que a saída da situação de rua permanece sendo um processo, mesmo após três anos de moradia estável, e revela a importância da convivência e do fortalecimento de redes de apoio afetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de histórias de vida pela abordagem narrativa na pesquisa em Psicologia tem se mostrado muito útil para conhecer em profundidade os significados construídos sobre diferentes experiências de vida e de que forma essas experiências são relacionadas umas com as outras e constroem a identidade narrativa. A pesquisa narrativa apresenta relatos ricos em detalhes sobre as histórias de vida e é capaz de gerar novas hipóteses a serem testadas em pesquisas posteriores e fornecer novos temas e procedimentos de codificação para testar hipóteses. A pesquisa narrativa pode ser utilizada tanto para fins exploratórios – no contexto de descoberta – quanto para fins de teste de hipótese e construção teórica – no contexto de justificação -, e dialoga com o conhecimento acumulado em diferentes campos em um processo iterativo.

A capacidade de fornecer relatos vívidos e ricos em detalhes nas histórias de vida e a facilidade de delinear pesquisas informadas pelos achados de campos variados da pesquisa em Psicologia sugerem o potencial da abordagem narrativa como um paradigma integrador da pesquisa em Psicologia a ser desenvolvido.

O exercício narrativo, de recontar a própria história de vida, tem efeitos terapêuticos importantes, possibilitando a ressignificação da própria história de vida e a reinvenção da forma como a pessoa enxerga e descreve a si mesma. O exercício de recontar a própria história cria novas significações, aumenta a riqueza de detalhes e o conteúdo de agência nas narrativas, e contribui para a superação do estigma como parte da própria identidade. Para pessoas que viveram em situação de rua, a abordagem narrativa quebra com processos de silenciamento e atribuição de estigma, e valoriza suas próprias vozes e histórias de vida, que podem ser recontadas do modo ao narrador assumir mais controle em seu próprio curso de vida.

As histórias de vida encontradas nesta pesquisa colocaram em evidência não só a capacidade do indivíduo de reinvenção e construção do sentido de agência em sua biografia, como também a importância de relações de amizade e empoderamento para sustentar transformações pessoais importantes, como o processo de saída da situação de rua. A formação de laços de amizade se mostrou fundamental para apoiar a restauração de vínculos familiares que estavam fragilizados e estimular o processo de saída da situação de rua. Os laços de amizade

descritos como importantes nas histórias de vida encontradas tiveram como características a presença afetiva com manifestações frequentes de empatia, a prática de fornecer diferentes perspectivas sobre a vida e inspirar reflexões sobre a própria vida, a disposição em ajudar, e a existência de diálogos empoderadores que possibilitaram um crescimento do próprio *self*.

A abordagem narrativa demonstra utilidade em diversas funções. Como método de investigação a abordagem narrativa amplia o escopo do que é considerado como fonte de informação válida e oferece um conjunto de dados vívidos e detalhados que podem ser discutidos com achados de outros campos de pesquisa e funcionar como um paradigma integrador na pesquisa em Psicologia. Como recurso terapêutico, a abordagem narrativa disponibiliza um tipo de escuta que incentiva a elaboração e o enriquecimento de narrativas, de modo a produzir transformações pessoais importantes e um aumento no bem-estar. Como dispositivo político, a abordagem narrativa visibiliza a perspectiva da própria pessoa sobre sua identidade e história de vida, e apresenta a multiplicidade de perspectivas sobre os eventos.

A utilização de narrativas na pesquisa qualitativa em Psicologia pode ser uma estratégia para descolonizar as práticas de pesquisa em Psicologia e visibilizar diferentes narrativas de história de vida, capazes de desconstruir estigmas atribuídos às populações participantes e validar a forma como os próprios participantes retratam a si mesmos. Pesquisas de abordagem narrativa oferecem novas categorias, de origem êmica, que contestam discursos hegemônicos sobre as populações participantes, e evidenciam a multiplicidade e complexidade de perspectivas de interpretação dos fenômenos. No caso da população com histórico de situação de rua, esta pesquisa de abordagem narrativa aponta para a complexidade do processo de saída da situação de rua e para o problema de buscar uma solução sem considerar as histórias de vida das pessoas em situação de rua.

Referências

- Aptekar, L. (1996). Crianças de rua nos países em desenvolvimento: Uma revisão de suas condições. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 153-185.
- Aptekar, L. (1988). Colombian street children, their mental health and how they can be served. *International Journal of Mental Health*, 173, 81-104.
- Bandeira, D., Koller, S. H., Hutz, C., & Forster, L. (1994). O cotidiano dos meninos de rua de Porto Alegre. In: *Anais do XVII Internacional School Psychology Congress: Vol. 2* (pp. 133-134). Campinas, SP.
- Broide, J., & Broide, E. E. (2012). Pesquisadores Sociais: efeitos de nomeação. Em A E Dornelles, J Obst, & M B Obst. *A Rua em Movimento: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre*. Belo Horizonte: Didática Editora do Brasil.
- Bulgarelli, R. (1987). *É possível educar na rua?* Brasília: MPAS/Unicef.
- Campos, T. N., Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2000). (Sobre)vivendo nas ruas: habilidades sociais e valores de crianças e adolescentes. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 13, (3), 517-527.
- Cauce, A. M., Morgan, C. J., Wagner, V., Moore, E., Sy, J., Wurzbacher, K., Weeden, K., Tomlin, S., & Blanchard, T. (1994). Effectiveness of intensive case management for homeless adolescents: Results of a 3-month follow-up. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, 2, 219–227.
- Clandinin, D. J., & Connelly, F. M. (2004). Knowledge, narrative, and self-study. In J. Loughran, M. Hamilton, V. LaBoskey, & T. Russell (Eds.), *International handbook of self-study of teaching and teacher education practices* (pp. 575-600). Boston: Kluwer Academic Publishing.
- Clark, D. M. (2004). Developing new treatments: on the interplay between theories, experimental science and clinical innovation. *Behaviour Research and Therapy*, 42, 1089–1104.

- Côté, J., Salmela, J. H., Baria, A., & Russell, S. J. (1993). Organizing and interpreting unstructured qualitative data. *The Sport Psychologist*, 7(2), 127-137.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2008). *Strategies of Qualitative Inquiry*. (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Dornelles, A. E., Silva, M. B., Gehlen, I., & Schuch, P. (2012). O retrato censitário da população adulta em situação de rua em Porto Alegre. Em A E Dornelles, J Obst, & M B Silva. *A Rua em Movimento: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre*. Belo Horizonte: Didática Editora do Brasil.
- Elliot, Fisher, & Rennie (1999). Evolving guidelines for publication of qualitative research studies in psychology and related fields. *British Journal of Clinical Psychology*, 38, 215-229.
- FASC, UFRGS, LABORS. (2008). *Estudo dos Perfis e Mundo da População em Situação de Rua na Cidade de Porto Alegre*, Relatório Final.
- Fopp, R. (2007) 'Pathways, Careers and Revolving Doors: An exploration of the social function of metaphors in homelessness discourse and research', Paper presented at the Second Australasian Housing Researchers Conference, Chambers House, University of Queensland.
- Gehlen, I., & Schuch, P. (2012). Desafios metodológicos ao estudar populações "em situação de rua". Em A E Dornelles, J Obst, & M B Silva (Orgs.). *A Rua em Movimento: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre*. Belo Horizonte: Didática Editora do Brasil.
- Germano I., & Castro, C. A. (2010). Pesquisa em saúde: perspectivas narrativistas, métodos e níveis de análise. *Psicologia Argumento*, 28(60): 17-29.
- Gomes da Costa, A. C. (1991). *Por uma pedagogia da presença*. Petrópolis: Vozes.

- Hatch, J. A., & Wisniewski, R. (1995). *Life History and Narrative*. London: Falmer.
- Hecht, T. (1998). *At home in the street: Street children of northeast Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hendry, P. M. (2007). The future of narrative. *Qualitative Inquiry*, 13, 487-498.
- Hutz, C. S., & Koller, S. H. (1997). Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 2(1), 175-197.
- Hyde, J. (2005). From home to street: understanding young people's transitions into homelessness. *Journal of Adolescence*, 28(2), 171-83.
- Jackson, M. (2004). Colonization as myth-making: A case study in Aotearoa. In: S. Greymorning (Ed.), *A will to survive: Indigenous essays on the politics of culture, language and identity* (pp. 95-108). New York: McGraw-Hill.
- Koller, S. (1994). *Julgamento moral pró-social de meninos e meninas de rua*. Tese de Doutorado, não-publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Koller, S. H., & Hutz, C. (1996). Meninos e meninas em situação de rua: Dinâmica, diversidade e definição. *Coletâneas da ANPEPP*, 1(12), 11-34.
- Koller, S. H., Raffaelli, M. & Carlo, G. (2012). Conducting research about sensitive subjects: The case of homeless youth. *Universitas Psychologica*, 11(1), 55-65.
- Klodawsky, F., Aubry, T., Nemiroff, R., Bonetta, C., & Willis, A. (2009). A Longitudinal Approach to Research on Homelessness. In *Finding Home*. Cities Centre, University of Toronto.
- Lipton, F. R., Nutt, S. & Sabatini, A. (1988). Housing the homeless mentally ill: A longitudinal study of a treatment approach, *Hospital and Community Psychiatry*, 39, 40-45

- Luhrmann, T. (2008): 'The street will drive you crazy:' why homeless psychotic women in the institutional circuit in the United States often say no to offers of help. *American Journal of Psychiatry* 15: 15-20.
- Matias, H., & Francischini, R. (2010b). Desafios da etnografia com jovens em situação de rua: A entrada em campo. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 23(2),243-252.
- Matias, H. (2013). Sedução e descaminho: narrativas e identidades de jovens em situação de rua. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 543-551.
- May, J. (2000). Housing histories and homeless careers: A biographical approach *Housing Studies*, 15 (4), 613-638.
- McAdams, D. P. (2002). *Coding autobiographical episodes for themes of agency and communion*. Acessado em <http://www.sesp.northwestern.edu/foley/>, em 15 de janeiro de 2014.
- McAdams, D. P. (2012). Exploring psychological themes through life narrative accounts. In J. A. Holstein and J. F. Gubrium (Eds.), *Varieties of narrative analysis* (pp. 15-32). London: Sage.
- McHugo, G.J., Bebout, R.R., Harris, M., Cleghorn, S., Herring, G., Xie, H., Becker, D., & Drake, R.E. A randomized controlled trial of integrated versus parallel housing services for homeless adults with severe mental illness. *Schizophrenia Bulletin*; 30(4), 969-82.
- Morais, N. A., & Koller, S. H. (2012). Um estudo com egressos de instituições para crianças em situação de rua: percepção acerca da situação atual de vida e do atendimento recebido. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 17(3), 405-412.
- Morse, G. A., Calsyn, R. J., Klinkenberg, D., Trusty, M. L., Gerber, F., Smith, R., et al. (1997). An experimental comparison of three types of case management for homeless mentally ill persons. *Psychiatric Services*, 48, 497–503.

- Moura Jr. J. F., Ximenes, V. M., & Sarriera, J. C. (2013). Práticas de discriminação às pessoas em situação de rua: histórias de vergonha, de humilhação e de violência em Fortaleza, Brasil. *Revista de Psicologia*, 22(2), 18-28
- Moura Jr., J. F. (2012). *Reflexões sobre a pobreza a partir da identidade de pessoas em situação de rua de Fortaleza*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará.
- Murray, M. (2000). Levels of narrative analysis in health psychology. *Journal of Health Psychology*, 5(3), 337-347.
- Murphy, S., & Rosenbaum, M. (1997). Two women who use cocaine too much: class, gender, race, crack and coke. In: Reinerman, Craig & Levine, Harry (Orgs.). *Crack in America: demon drugs and social justice*. London: University of California Press.
- Neiva-Silva, L. (2008). *Uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua: Um estudo longitudinal*. Tese de Doutorado Inédita, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Nery Filho, A. (1993). *La vie dans la marginalité ou la mort dans l'institution. Etude sur quatre groupes d'enfants et d'adolescents vivant de la rue à Salvador de Bahia (Brésil)*, tesis doctoral, Faculté d'Anthropologie et de Sociologie-Université Lumière, Lyon.
- Oliveira, W. F. (2007). Educação social de rua: bases históricas, políticas e pedagógicas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 14(1), 135-158.
- Ottaway, N., King, K., & Erickson, P. G. (2009). Storying the street: Transition narratives of homeless youth. *Medical Humanities*, 35(1), 19-26.
- Paludo, S. S., & Koller, S. H. (2005). Resiliência na rua: Um estudo de caso. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 187-195.
- Polkinghorne, D. E. (2007). Validity issues in narrative research. *Qualitative Inquiry*, 13(4), 471-486.

- PMPA, FASC. (2012) .*Cadastro da População Adulta em Situação de Rua na Cidade de Porto Alegre*.
- Randall, G. (1988). *No Way Home: Homeless Young People in Central London* (London, Centrepoint Soho).
- Raup, L. M., & Adorno, R. C. F. (2011). Jovens em situação de rua e usos de crack: um estudo etnográfico em duas cidades. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, 4, 52-67.
- Rew, L. (2000), Friends and Pets as Companions: Strategies for Coping With Loneliness Among Homeless Youth. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*, 13: 125–132.
- Rizzini, I. & Butler, U. M. (2003). Crianças e adolescentes que vivem e trabalham nas ruas: revisitando a literatura. In I. Rizzini (Ed.), *Vida nas ruas: Crianças e adolescentes nas ruas: trajetórias inevitáveis?* (pp. 17-44). Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola.
- Rosemberg, F. (1993). A Retórica sobre criança de rua na década de 80. *Cadernos de Pesquisa*, 87, 71–81.
- Rosemberg, F. (1996). Estimativa de crianças e adolescentes em situação de rua: Procedimentos de uma pesquisa. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 9, 21-58.
- Rotheram-Borus, M.J., Koopman, C., Haignere, C., & Davies, M. (1991). Reducing HIV sexual risk behaviors among runaway adolescents. *Journal of the American Medical Association* , 266(9), 1237-1241.
- Rui, T. C. (2012) *Corpos abjetos: etnografias em cenários de uso e comércio de crack*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Estadual de Campinas.
- Salerno, G., & Reis, M. L. A. (2010). Singular e Plural: experiência em educação de jovens em situação de rua e drogadição. In L. M. B. Santos (Org.), *Outras palavras sobre o cuidado de*

pessoas que usam drogas. Porto Alegre: Ideograf/Conselho Regional de Psicologia do Rio Grande do Sul.

Santana, J. P., Doninelli, T. M., & Koller, S. H. (2010). Trajetória de vinculação institucional de crianças e adolescentes em situação de rua. In N. A. de Moraes, L. Neiva-Silva & S. H. Koller (Orgs.), *Endereço Desconhecido: crianças e adolescentes em situação de rua* (pp. 405-420). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sarbin, T. R. (1986). *Narrative Psychology: The storied nature of human conduct*. New York: Praeger.

Schuch, P., & Gehlen, I. (2012). A “situação de rua” para além de determinismos: explorações conceituais. Em A E Dornelles, J Obst, & M B Silva (Orgs). *A Rua em Movimento: debates acerca da população adulta em situação de rua na cidade de Porto Alegre*. Belo Horizonte: Didática Editora do Brasil.

Schütze, F. (2008a) “*Biography Analysis on the Empirical Base of the Autobiographical Narratives: How to Analyse Autobiographical Narrative Interviews*”, Part I, INVITE – Biographical Counselling in Rehabilitative Vocational Training. Further Educational Curriculum. EU Leonardo da Vinci Programme. Disponível em www.biographicalcounselling.com/download/B2.1.pdf Acessado em 20 de janeiro de 2014.

Schütze, F. (2008b) “*Biography Analysis on the Empirical Base of the Autobiographical Narratives: How to Analyse Autobiographical Narrative Interviews*”, Part II, INVITE – Biographical Counselling in Rehabilitative Vocational Training. Further Educational Curriculum. EU Leonardo da Vinci Programme. Disponível em www.biographicalcounselling.com/download/B2.2.pdf Acessado em 20 de janeiro de 2014.

Silva, A. S., Reppold, C. T., Santos, C. L., Prade, L. T., Silva, M. R., & Koller, S. H. (1998). Crianças em situação de rua de Porto Alegre: um estudo descritivo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(3), 441-447.

Slesnick, N., & Prestopnik, J. L. (2005). Dual and multiple diagnosis among substance abusing runaway and homeless youth. *American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 31

(1), 179 – 201.

Slesnick, N. , Dashora, P., Letcher, A., Erdem, G. & Serovich, J. M. (2009). A review of interventions for runaway and homeless youth: Moving forward. *Children and Youth Services Review*, 31, 732 – 742.

Smith, B. & Sparkes, A. C. (2008). Contrasting perspectives on narrating selves and identities: An invitation to dialogue. *Qualitative Research*, 8(1), 5-35.

Smith, L. T. (1999). *Decolonizing methodologies: Research and indigenous peoples*. New York, NY: Zed Books.

Somers. M. (1994). The narrative constitution of identity: A relational and network approach. *Theory and Society*, 23(5), 605-649.

Tesch, R. (1990). *Qualitative research: Analysis Types and Software Tools*. New York: Falmer.

Tower, C. C. (1992). The psychosocial context: Supporting education for homeless children and youth. In J. H. Stronge (Ed.). *Educating homeless children and adolescents: Evaluating policy and practice* (pp.42-61). New York: Sage.

VanderStay, S. L. (1994). Stories of (Social) Distress: Applied Narrative Analysis and Public Policy for the Homeless. *Journal of Social Distress and the Homeless*, 3 (4), 299–319.

Vogel, A., & Mello, M. A. S. (1996). Da casa à rua: A cidade como fascínio e descaminho. In A. Fausto & R. Cervini (Eds.), *O Trabalho e a Rua: Crianças e adolescentes no Brasil dos anos 80* (pp. 133-150). São Paulo, SP: Cortez.

Whittemore, R., Chase, S. K., & Mandle, C. L. (2001). Validity in qualitative research. *Qualitative Health Research*, 11(4), 522-537.

Yin, R. K. (2005). *Estudos de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.

ANEXO A

Primeira Narrativa - Roberto

Eu quero saber um pouco mais sobre a sua história, a sua história de vida, mais especificamente sobre como foi o processo de saída da rua. Eu quero que você me conte, de uma forma bem livre, sobre como foi essa sua caminhada na saída da situação de rua. Eu não vou ficar interrompendo, você conta pelo tempo que você quiser, e depois que você disser que terminou de contar essa tua história, eu vou lhe fazer algumas perguntas. Eu quero que você conte mesmo como se fosse uma história, como um filme ou uma novela... pode ir contando sobre a sua história de vida.

Sim, sim, Vou começar a contar então.

Eu comecei na rua com doze anos de idade, depois que eu perdi minha mãe e meu pai. Aí eu comecei a morar na rua com doze anos de idade, comecei a me juntar com mau elemento, fui parar na FEBEM... Aí da FEBEM fui parar debaixo do viaduto, fumando maconha, cheirando cola de sapateiro, cheirando loló, e fui indo... Aí depois comecei... a fazer coisas que... não deveria ter feito. Comecei a roubar por vício, comecei a... a ainda mais me afundar no loló, nas drogas. Quando não tinha loló eu pegava éter, acetona, de esmalte... Me chapava, bem chapado...

Aí com 14 anos comecei a me aprofundar mais ainda no mundo da maconha. Comecei a ficar desesperado, sem beira nenhuma, pra lá e pra cá. Morava ali nos Açorianos, embaixo do viaduto. Quando não parava no viaduto dos Açorianos parava lá no viaduto da Duque de Caxias... Quando não era na Duque de Caxias parava lá na Praça Parobé... Daí da Praça Parobé ia pra Praça da Matriz, da Praça da Matriz eu ia direto pro Pronto Socorro. Da última vez que eu cheguei a ficar bem “locão” eu fui parar lá no Hospital Espírita. Do Hospital Espírita fugi, daí voltei pra rua de novo pro mundo das drogas, da maconha, mais pesadas ainda – pro haxixe. Daí do haxixe passei a andar pela rua pedindo, pedindo... Aí com 22 anos comecei a andar desesperado pela rua, indo pra lá e pra cá... Comecei a ter outra recaída e ir de novo pro mundo das drogas. Fiquei morando na rua mais de cinco anos.

Aí um certo dia passou uma moça com um carro, e eu fui tentar assaltar ela, aí ela me disse: “olha, tu quer sair dessa vida? Não precisa me assaltar não. Vou te dar um dinheirinho pra

tu fazer um lanche, pra tu tomar um banho... Assim, eu sou assistente social...” Aí eu disse pra ela “tá, mas assistente social daonde?” “Assistente social do serviço social da FASC, eu trabalho lá no Centro Educativo do Sarandi” Aí ela disse pra mim “olha eu trabalho lá, tu pode me procurar lá no Sarandi” Aí eu disse pra ela “olha, eu tô aqui no Centro, então não vou nem te assaltar”. Aí passou uns cinco, seis dias, e ela passou lá de novo, com uma Kombi, com umas roupas pra me dar. Aí ela falou “E aí seu Roberto, como é que tá? O senhor não vai me assaltar de novo, né?” “Não, não, não vou lhe assaltar não. Eu só quero uma ajuda pra comer, pra sobreviver, pra tomar um banho”. Aí comecei a procurar ela. Aí fui lá no CECОВI do Sarandi, lá achei ela, ela começou a dar força pra mim, começou a me dar carisma, né. Me colocou naquele negócio do PETI que tinha lá, que a gente pegava dinheiro uma vez por mês, pra quando tava precisando. E aí foi indo. Aí ela começou a ter mais calma, mais convivência comigo, amor e carinho. Aí ela começou a me mandar conforto, palavra de amor... Me levou pra um negócio de clínicas aí, aí ela me levou pra um tal de Pacto Poder, aí lá eu consegui sair fora das drogas. Comecei a entrar num ambiente da Igreja, dois evangélicos, comecei a frequentar os evangélicos, depois passou uns três, quatro anos, aí saí de lá e encontrei com ela de novo. Ela me deu um apoio, me arrumou um emprego, trabalhei dois anos aí numa empresa que faliu. Aí depois comecei a pensar “vou sair das drogas”, e comecei a frequentar os abrigos, comecei a ir pra Casa de Apoio. Aí depois que tinha passado um ano e pouco comecei a encontrar o pessoal da FASC nas reuniões que tinha, dos movimentos e tudo... aí encontrei a assistente social de novo, aí ela me colocou como Pesquisador Social, de 2011 pra 2012, comecei a fazer parte desse projeto. Aí depois desse projeto me chamaram pra ser Facilitador Social nesse ano de 2013. E aí comecei a desenvolver, hoje não tô mais no mundo das drogas, tô morando com a minha tia, tô podendo me aproximar da minha família, dos filhos... Tô podendo conviver com a classe média... Tô podendo conviver com aquilo que eu perdi há anos atrás, deixei de usar tudo que era tipo de droga, não fumo, não bebo, não cheiro, vou na Igreja de vez em quando. O vício que eu tenho é só chimarrão e café preto. E aí comecei a pensar... a viver mais um pouco, a gostar mais de mim... tô morando com a minha tia que tem 78 anos, que é viúva... e tô frequentando o CREAS, uma vez por mês, uma vez por semana...

E é isso que eu acho que quem tá na rua tem que ter em mente, sobreviver, que querer é poder, que se a gente quiser a gente sai, porque nem todos os dedos das mãos são iguais. É isso o que eu tenho pra falar.

E como que tu te aproximou da tua tia e começou a morar com ela?

Foi através do Carlos, funcionário da FASC. Ele conseguiu o endereço dela, aí um dia telefonou pra ela, levou ela lá na FASC, aí eu comecei a me aproximar dela, ela começou a se aproximar de mim... Ele perguntou pra ela se ela queria ver eu morando nos albergues ou queira me dar um apoio pra eu morar. Aí ela pegou e me deu um apoio pra mim morar com ela, tô morando com ela até hoje, né... Embaixo do teto dela, tudo, ajudo ela, limpo a casa, faço o que posso pra ela... Foi através do Carlos que encontrei a minha tia, e hoje eu devo uma obrigação pro Carlos que eu não tenho nem como falar.

E o que que mudou pra ele ter conseguido encontrar tua tia? Como é que tu não encontrou ela antes?

Ah, é porque eu não tinha coragem de me encontrar com ela. Eu tava no mundo das drogas e, quando ela vinha me procurar eu ofendia ela muito, empurrava ela, corria ela com pedaço de pau... Aí através do Carlos ele teve carisma, teve palavra de conforto, teve um meio de como...né...de como poder dar conselho pra gente, pra gente poder respeitar as pessoas, e foi através dele que eu consegui ser respeitador, respeitar as pessoas... Antigamente as pessoas vinham falar comigo e eu mandava longe, não queria saber de nada... Hoje em dia eu respeito qualquer um, através da educação que ele me deu.

E como é que tu começou a escutar ele?

Eu vi que ele era tão jovem né, e comecei a escutar ele. Pensei “esse cara não deve ser tão cabeçudo pra escutar louco que nem a gente, que mora na rua e tudo”... Que fala de um jeito tão gentil, com uma palavra de amor tão gentil, jovem assim... então comecei a respeitar ele, né...

Ele começou a entrar dentro da minha cabeça e comecei a pensar “ah, posso ser que nem ele uns anos depois”... Não como político, mas tendo a educação que ele tem. E saber tratar as pessoas com amor como ele trata. Ele tem um carisma e trata a gente com uma palavra que conforta o nosso coração. Ele me deu conselho do bem, me ensinou as coisas ruins e as coisas boas.

E as coisas que tu conversou com ele, de alguma forma, foram diferentes das coisas de outras pessoas que também tentaram te ajudar a sair da rua?

Foram bem diferentes.

Por quê?

Porque ele sabia tratar com amor e carinho. Sabia dar conselho pra gente. Sabia como chegar, como tratar, como respeitar, como te atender, te ouvir... Sabia como te educar entre o bem e o mal... Ele não se metia muito na vida da gente “ó, se tu quer fazer isso tu faz, mas depois tu vai ver o que tu deixou pra trás, tu vai tá lá na frente e vai ver tudo o que tu perdeu”. E foi com o exemplo dele que eu comecei a pensar “Pô, um cara novo, sentado numa sarjeta, ouvindo um monte de louco que nem nós, olha o peso que tem no ombro dele, ele poderia pegar e nem dar bola pra nós” Ele chorava junto com nós, ria junto com nós, comia junto com nós, e não tinha nojo de abraçar nenhum, abraçava um ou outro na rua. Se tivesse um lá na rua agora ele iá lá e abraçava, já trazia pra dentro, já trazia comida, isso e aquilo. Ele tem um carisma pra tratar as pessoas... com amor e carinho. Acho que ele foi um dos melhores que teve até agora... que teve amor e carinho por nós. Não digo que não existe, mas ele é que me deu carinho, me tratou bem, me ensinou as coisas boas... Depois dele conheci outros, conheci a Joana, conheci a Cátia... E tô indo, e tô aqui agora. Agora venho aqui (no CREAS) só pra ver eles, já tô acostumado né... às vezes eu sinto uma falta em casa, porque sabe tratar a gente com amor e carinho. Não é que nem a família da gente que trata mal, te xinga aqui, te xinga ali, hoje tu tem pra comer, hoje não tem...

Então esse carisma que a pessoa tem, tem que saber tratar as pessoas. E foi isso que... me apegou neles. A FASC é que nem a minha família pra mim.

E o que tu chama de carisma?

Carisma é o carinho, é o carinho, é a palavra de conforto. O carisma é a palavra com amor. Porque a pessoa tem que saber tratar com amor, com carinho.

Entra um e sai outro e vem várias pessoas aqui e eles tratam tudo com amor e carinho. O carisma é uma coisa que tem em todo ser humano. É o amor, é o afeto fraternal. Se não tiver afeto fraternal, solidariedade humana...

E como é que tá agora morando com a tua tia?

Agora tá bom. Durmo. Durmo das 21h até os 8h da manhã. Tomo café, almoço, faço lanche de tarde, depois de noite janto, depois de noite tomo mais um cafezinho e vou dormir, vejo televisão. É como se fosse... minha casa. Não tem hora pra dormir, não tem hora pra acordar. Ela me ajuda como pode. Quando eu tenho dinheiro eu ajudo ela, quando eu não tenho... eu não posso fazer nada. Faço um biquinho ali e ajudo ela. Mas quando eu não tenho eu não ajudo. Pra mim tá sendo bom morar com ela. Melhor que na rua e no albergue. Que hoje em dia eu tô querendo me reencontrar com a minha família. Mas vai levar um tempo né. Quando eu tava na rua drogado eu dava-lhe pau nos meus filhos, na minha esposa, era agressivo, estúpido, era bem locão. A minha família me botou pra rua, fui pra rua. Eu tinha 23 anos. Aí eu tive uma recaída nas drogas, comecei a bater nos filhos, na mulher, aí me botaram pra rua. Aí hoje em dia me encontro com meus filhos, mas com a minha ex-esposa não. Queria me reencontrar com eles. Com os meus filhos eu me reencontro, mas com a minha esposa... não sei como vai ser o reencontro... Se ela vai me ofender, vai querer me bater, vai chamar a polícia... ou vai correr... É isso. Pra mim tá sendo ótimo. Ir no CREAS uma vez por semana fazendo entrevista, fazendo pesquisa, pra mim tá sendo ótimo. É isso. Que mais tu quer perguntar?

Tu pode me explicar o que tu descreve como “recaída”?

Recaída é... quando a pessoa tá quase saindo das drogas, se ela vê outra pessoa fumando ou bebendo ela dá uma vontade louca, desesperada, de voltar a fumar, “me dá esse cigarro pelo amor de deus”, ou com a cachaça...E começa a dar uma coceira assim dentro do peito, começa a dar um nervosismo, começa a roer as unhas, começa a suar, e começa a ter aquela vontade, e quando vê já tá de novo no mundo das drogas. A recaída é isso. A gente recai da separação das drogas não dura uma semana, duas semanas, nem um mês, e quando tu vê já tá com a droga de novo na cabeça, já tá na maconha, no haxixe, na pedra, na cachaça. E se tu não tem pra fumar tu rouba, tu faz de tudo. Tu pede, tu rouba, tu assalta, tu mata... pra ter a droga. Porque senão fica bem locão, chega a roer as unhas, tu não aguenta.

Tu disse que é quando a pessoa tá quase “saindo das drogas” que ela tem a “recaída”. Quando ela já saiu ela não tem mais esse tipo de reação?

Não tem.

E qual é a diferença?

A diferença é boa. É um alívio dentro do cérebro da pessoa, dentro do corpo da gente. A diferença é que não tem mais aquela vontade de tá ali bebendo, de tá ali fumando, de usar aquela droga, de cheirar. Tu passa por outra pessoa ali bebendo ou fumando e não te dá nenhuma vontade, porque tu já se livrou de tudo aquilo, já lavou a tua alma. Hoje em dia tu não tem mais vontade. Se te dá vontade de tu fumar tu vai ali, toma um refrigerante, come uma maçã, uma bala de hortelã. Passa aquela vontade. Não te dá nenhuma vontade. Te dá até enjojo do cheiro da maconha, do loló, do álcool, do crack. Depois que a pessoa superou, largou esse vício, ela não consegue mais tá perto da pessoa com vício. Ela fica até enjoada, dá dor de cabeça, dá tudo, começa a vomitar, não suporta mais aquele cheiro. Ver aquela pessoa se matando não dá. “Não bebe mais, não fuma mais, que tu tá te matando, eu já fui um drogado, um alcoólatra, um cheirador”. Mas aí dizem “Se eu fumar o problema é meu, se eu morrer me enterram depois, vou morrer daqui a um dia ou dois, o problema não é teu, é da minha vida”. Te xingam, tudo, te mandam até longe. Das minhas mãos tá limpo. Cada um tem sua consciência. Tem uns que aceitam, tem outros que não aceitam, tem outros que nem bola dão... E essa vida eu não quero mais. Bola pra frente, quero voltar a ir pra classe média, esse ano quero voltar a estudar, fazer a quinta e a sexta, que eu parei na quinta série, quero voltar a ter mais valor na minha vida, ter um emprego.. E meu sonho é ser um Educador Social. E pra isso eu tenho que estudar, que ter paciência, e tenho que mostrar que eu saí da droga pra poder tirar mais pessoas da droga e dar conselhos pra eles sair. Pra isso eu já tenho experiência. Eu já vivi um molhaçal de tristeza. Aquilo que passou pra trás é pra olhar, pegar apoio, e nunca mais olhar. Se eu puder tirar as pessoas desse caminho eu vou tirar. Se não quiserem apoio tudo bem. Porque ninguém sai das drogas sem ter apoio. Ninguém sai da rua sem ter apoio, tem que ter apoio. É isso.

O que tu acha que as pessoas que trabalham ajudando a população em situação de rua poderiam fazer para ajudar?

Poderiam tirar as pessoas mais da rua. Dar palestra, dar encontros, pra poder tirar da rua. Dar apoio. Poder ter lugar pra eles dormir, onde comer, porque muitos não tem onde dormir, se alimentar, onde tomar banho. E não tem vaga. Tem que ampliar mais os serviços. Acho que é isso. Ampliar mais os serviços, e ter mais gente na rua pra dar apoio. Porque só um ex-drogado, uma pessoa que já passou por isso, pode explicar como é o estar e o sair da rua, da droga. Só nós

podemos mostrar pra eles como é ter uma família, sair da rua, só nós podemos explicar isso. É isso?

Eu acredito que sim. Eu gostaria de saber o que tu achou da entrevista.

Achei boa, a gente podia ter mais entrevista. Mais uns dias, nas quartas-feira tô disponível. Podemos fazer entrevista na rua, com os moradores de rua, se tu quiser. Pra mim não tem problema nenhum.

E tem mais alguma coisa que tu gostaria de dar de depoimento?

Não. Pra mim tá bom.

Podemos encerrar então?

Sim.

Então tá.

ANEXO B

Segunda Narrativa – Veronica

Eu quero saber um pouco mais sobre a sua história, a sua história de vida, mais especificamente sobre como foi o processo de saída da rua. Eu quero que você me conte, de uma forma bem livre, sobre como foi essa sua caminhada na saída da situação de rua. Eu não vou ficar interrompendo, você conta pelo tempo que você quiser, e depois que você disser que terminou de contar essa tua história, eu vou lhe fazer algumas perguntas. Eu quero que você conte mesmo como se fosse uma história, como um filme ou uma novela... pode ir contando sobre a sua história de vida.

Bom, a minha história é bem...bom... saí de casa nova, saí de casa com 12, 13... Logo conheci a rua... A Cidade Baixa conheci faz pouco tempo... Uns dois anos... Que rua mesmo eu não posso dizer que eu conheci. Ficava mais em casas de pessoas... Conheci uma senhora que me ajudou bastante. Então logo que eu fiquei... que eu saí de casa, eu mudei, dormi em praças, conheci bastante gente... Mas... é uma história assim... que tu não deseja pra ninguém... Tu vê cada coisa que... te apavora. Não que tenha acontecido comigo... mas é real... assim, tu aprende, tu convive, tu vê o teu sofrimento, vê o sofrimento dos outros, tu vê... como é que eu posso dizer... que tipo, tu vai tá ali, mas tu vai tá ali e já vai tá pensando em correr. Eu sempre tive meu objetivo, quando eu tava na rua, que era correr... Não pensei que eu ia ficar na rua pra sempre ou... depender só daquele lugar...

Logo que eu tive anemia profunda também as gurias me ajudaram bastante. Foi aí que eu conheci o Bom Jesus... Fiquei acho que um ano ou dois anos e logo eu fui embora também... Nunca parei em um abrigo muito tempo. Aí eu fiz meu tratamento, depois voltei pra rua. Aí me botaram no Marlene, do Marlene eu voltei pra rua. Fiquei um bom tempo no Dia das Cruz também, mas nunca parando em abrigo nenhum assim... Aí eu conheci uma senhora, essa senhora eu morei dois anos com ela. E depois dali logo continuei correndo atrás do meu canto... Fiquei na rua um tempo... Comecei a incomodar na FASC até sair o projeto das casas... E foi indo. Continuei correndo, com reuniões, participei um bom tempo também do Movimento Aquarela, que me ajudou bastante também... E continuo aí...

Não tem coisa melhor que a gente ter nosso canto. Tu poder sair, ter pra onde voltar, saber que não vai precisar dormir na rua... Ainda mais com esses dias de chuva... Peguei muita pneumonia também, tive quatro pneumonias, de tá mal no hospital... Mas... assim eu vou indo... Eu não posso dizer que a rua foi boa, mas também não posso dizer que foi ruim. Mas o aprendizado que eu tive assim... é uma história de vida que... acho que, né... Principalmente essas crianças que tão nascendo aí hoje em dia, eu não desejo pra ninguém que tá nascendo, ou pro pessoal que tá vindo agora... Principalmente pra esse pessoal novo agora, que, né, fica pensando que tá sabendo tudo da vida, mas, né... Ainda mais agora... Hoje em dia tu tá sentado numa praça e tu não tem direito de tá sentado na praça porque vem a Brigada e te corre. Muito eu perdi documentos pela Brigada me correr dos lugares que eu tava. Bah, tudo jogado fora, tu corre, corre, nunca conquista porque daí quando tu conquista aquelas coisas tu vê e já perde, porque vem alguém e te tira. Tu não consegue ter uma roupa porque tu vai perder. Tu nunca conquista, porque na rua tu sempre vai perder. Nunca tá inteirado. Então depois que eu vi que eu só tava perdendo eu disse "ah, tá na hora de, né, da um basta, e começar a correr mais um pouco atrás do que eu quero", que era o meu canto. E agora... ah, é só felicidade. Por mais que a gente passe dificuldade, a gente ter o canto da gente, ter um teto pra dormir... ainda mais agora. Ontem eu tava deitada e tava pensando nesse pessoal todo... agora vem inverno, verão, que que esse pessoal todo vai fazer? Muito inverno eu passei na rua! Não pela minha família não ir atrás, minha mãe já esteve até no IML me procurando... achando que eu ia morrer... nas delegacias eu tava como desaparecida... e a Brigada vinha me pegar, me levar, e daqui a pouco eu já fugia de novo... Mas eu não posso dizer que eu saí de casa por causa de droga, foi por desavença.

Mas por vício, por usar droga, essas coisas... já tentei usar mas eu nunca consegui. Mas depois que... eu vi assim que... até as guria nova se prostituindo pra poder usar... Tu tá ali correndo pra poder ter as tuas coisas e quando vê vem um e te rouba pra ir lá e usar uma droga... Com esses bagulho eu nunca tive problema nenhum. É uma coisa que... bah, destrói. E hoje em dia eu penso... meu canto é tudo pra mim... Muita gente que teve né e tocou fora, e continua... Não tem coisa melhor que tá no canto da gente... De dizer "eu vou poder sair e fechar a porta e ninguém vai me roubar". Tu tá com todos os teus documentos ali e diz "não, agora eu tenho todos os meus documentos e a Brigada não vai vir me tirar". Tu não pode sentar que já tem que sair dali que senão chegam e te correm, passam olhando de cara feia, por tu tá deitado ali... Então muitas vezes assim chegavam e me perguntavam "então tá, como assim tu morava na rua?"

Que tu vê e não parecia que eu morava na rua, até pelo jeito de eu andar. Mas eu dizia "não, eu moro, e não tenho vergonha de dizer, porque, por mais que eu tenha família, e minha família corra, corra atrás, mas eu não quero ficar em casa, e acho que a rua tá melhor pra mim, então, né"... A gente aprende, a gente vai passando as dificuldades e vai aprendendo... Já tive no CAPS também, acharam que eu era usuária de drogas, mas nunca fui, mas já fiz tratamento já, me tratei com psicólogos também... E eles queriam achar o que eu tinha, que nem eles entendiam por que que eu tava ali.

Mas é uma coisa que só tu convivendo no meio pra tu ver o quanto que tu errou... o que que te levou a tá ali... Eu me faço essa pergunta todo dia. Ah, como é que eu pude passar minha metade do tempo na rua? Eu não vi meus filhos crescerem. Minha gurria tá com onze, doze anos hoje em dia, treze anos que ela tá que eu fui conviver com ela. Agora que eu sei o que é tu poder tá com teu filho perto e dizer "oi" pro teu filho... Meu guri tá com sete anos... Ele nasceu e sempre ficou com a minha mãe, fui ver ele agora depois de grande também... Tava correndo... e mesmo assim eu voltava e daqui a pouco já saía de novo... E depois que eu ganhei ele eu fiquei ainda um bom tempo na rua... Pra ter que ficarem em dizendo "vai pra casa, agora tu tem casa, tu não precisa tá aí", mas tu tá ali... só por tu ter aquelas companhias, tu ter alguém pra conversar. E hoje em dia não. Hoje em dia, quando eu tô em casa, assim, eu não posso dizer que eu não tenho companhia. Não, o que eu mais tenho é companhia agora. É só o fato de tu tá ali e tu acordar e poder dar "bom dia" pro teu filho assim já... já é uma alegria assim de tu acordar e ver o teu filho ali, dizer "eu te amo" pro teu filho. Hoje em dia... bah, eu chego a chorar às vezes quando eu olho pro meu filho. E até as histórias assim... porque eu nunca escondi nada dela, eu sempre falo, né... "morei na rua, te abandonei quando era pequena"... "quem te criou foi a tua vó"... E até hoje, ela diz que a vó dela é a mãe dela, ela até pode chamar de vó, mas a mãe é aquela que cria... porque quem criou a minha filha foi ela... mas hoje em dia eu penso...e digo... que se eu tivesse outro filho hoje em dia eu não abandonaria. Bah, é a pior coisa que tem, assim, ter que deixar um filho. E depois que eu ganhei ali a primeira coisa que eu fiz foi botar no nome dos meus filhos, que se eu não dei quando eles eram nenês eu vou dar agora que eles são grandes. Que isso é uma coisa deles, né... e nada vai fazer eu sair daqui, ou vender... No dia que eu for pra qualquer outro lugar, vai dar pra dizer "ah, é deles", uma coisa que eles mesmos vão poder dizer "ah, minha mãe, correu e garantiu o nosso canto".

E hoje em dia eu fico pensando, bah, e muita gente tá aí no mesmo caminho ainda. Convivi... Faz dois anos agora que eu moro lá onde que eu tô, e nesses dois anos eu fico pensando “bah, esse pessoal deve tá lá no mesmo lugar”. E mesmo assim tem gente que acha ruim ainda.

Ao mesmo tempo tu fica pensando “será que, né, eles vão continuar no mesmo lugar ainda? Será que eles não vão pensar em mudar como eu mudei?”. É uma coisa bem... e hoje em dia eu penso... Agora hoje eu tava também tentando tomar... o negócio pra minha saúde e tudo... Aí às vezes eu penso que... o que eu puder tá ali ajudando agora, se o pessoal tá querendo se ajudar realmente, né... a porta tá sempre aberta... Sempre teve um ou outro morador comigo... Sempre que eu posso ajudar tô toda hora ajudando. Mas... é uma coisa bem complicada... Tu vê muita coisa né. Mortes e mais mortes... tu vê a pessoa morrendo ali do teu lado e tu ali, vendo ela morrendo e não poder fazer nada... porque né, é a vida que escolheu... Mas hoje eu dia eu larguei tudo. Vendia... Nunca usei né, mas tava ajudando também muitas pessoas a se drogar, né... Pro meu sustento mesmo né, o meu vício mesmo, pra eu poder usar meu cigarro, comprava drogas de outro pra vender... E aí tu vê que eu mesma tava ajudando a destruir muitas famílias e os meus próprios amigos tavam se matando do meu lado! Que né... o mais viciado nunca é aquele que usa, o mais viciado é aquele que vende, que tá ajudando a estragar mais ainda. Então, é uma coisa que eu aprendi, que hoje em dia no que eu puder ajudar eu ajudo. No que eu não puder eu não ajudo, mas eu... tô sempre procurando ajudar.

Agora tu vê que cada lugar que tu vê morre um, morre dois, três... Essa menina que eu vi agora ali, bah, me doeu. Eu conheci ela era bem, agora eu nem quis parar pra ver, porque... bah, tu conheceu aquela pessoa bem e agora ela tá ali naquele estado... E eu tô tendo que tomar remédio, que tá fazendo tratamento, esses bagulho todo, mas aí eu penso “bah, mas olha do que que eu escapei, né, poderia tá no mesmo caminho que eles...” Mas bah, só de tu ver aquilo ali já te dói... E espero que tenha muita gente aí que pense pra frente né... que agora o Brasil vai ficar pior ainda, mesmo que a gente não queira ele vai ficar pior ainda...
É isso...

Você quer contar um pouco mais sobre o que mudou nos últimos anos? Você falou de vários aprendizados teus, mas não disse como que foi isso...

De 2013 pra cá mudou bastante depois que eu comecei a fazer o trabalho com o pessoal, né. Porque eu fui aprendendo o que eu sabia de mim... e acabei vendo várias coisas que eu não via antes. Tipo, a gente tá ali, tu tá sentado, tu tá convivendo com aquela pessoa ali do lado. Mas, depois que tu tá aí fora, que tu tá há um bom tempo aí fora, tu começa a ver, tu vai ver que a situação daquela pessoa é diferente da tua. Tu começa a ver a história dela. Ela vai te contar a história dela, e tu vai dizer... “bah, a minha... não passei um terço do que ela passou”. Bah, mas é muita coisa assim que tu vê... e eu, bah, de 2013 pra cá eu aprendi mais com o pessoal assim vendo como é a convivência com o pessoal... Tu poder sair com o pessoal e ir lá sentar com a pessoa e contar a tua história e aquela pessoa contar a história dela pra ti. Eu conheci uma menina que... agora eu não sei como que é que ela tá, a situação dela... mas eu conheci ela quando ela era menor. E ela disse que tinha vindo... não lembro o nome do lugar, mas ela disse que veio fugida pra cá. Ela tinha sido estuprada pelo padrasto e veio parar na rua. E aquilo dali... aí eu contei a minha história pra ela, e ela disse: “é, mas se tu passasse o que eu passei aí tu teria motivo pra tá nessa situação, mas tu não passou metade do que eu passei”. Aquilo dali me doeu... ouvir ela falar aquilo dali. E, sabe... eles continuam contando a história deles, e tu vê aquela história ali, né... E... cem por cento das brigas de família é tudo por causa de padrasto, ou... porque tu já tem uma pessoa que é dependente na família... ou briga com aquilo ali... mas não tenho muito mais coisa, mas eu posso dizer que de 2013 pra cá eu conquistei muita coisa. Né, só de pensar que pelo menos um eu consegui salvar, que é o Francisco, só de pensar que eu pude ajudar ele já é uma grande vitória. Cada vez que ele me liga pra dizer que tá bem, né. Que ele não tá mais na rua, não tá mais se drogando... não tá mais bebendo como ele bebia antes... já é uma grande vitória tu poder ouvir a pessoa dizendo “eu não tô mais usando”... é uma vitória grande já... Que hoje em dia não... hoje em dia não tem ajuda, que antigamente eles se preocupavam mais contigo que hoje em dia, que hoje em dia não tem aquela estrutura, que antigamente tu chegava no lugar e dizia que precisava de ajuda e aquele lugar te dava ajuda, que hoje em dia não tem... Abrigo, hoje em dia, pra tu conseguir uma vaga é uma eternidade. Pra tu tomar um banho tu tem que tá às 5h ou 4h da manhã numa fila, se tu sai daquele lugar pra ir ali rapidinho teu lugar não tá mais, então é uma dificuldade hoje em dia pra tu acessar qualquer serviço também, e... e os poucos que tem fazem o que podem.

Eu sou uma, eu não canso de bater o pé e vou bater o pé sempre. Não adianta tu querer melhorar e o serviço não te ajudar. Hoje tá assim né... muitos que tem casa voltam pras suas casa

no inverno... e aqueles que não tem, né? Vão simplesmente chegar lá e entregar um cobertor? Como todos os anos eles fazem de sair na rua e só te dar um cobertor e “te vira”? Não é assim que funciona... Pelo menos se chegasse um e dissesse que a gente vai tentar arrumar uma vaga num abrigo... tipo essa casa, que saiu agora, pra mim essa casa que saiu não adiantou muito. Aí uns que já tavam com meio caminho andado ganham, e quem tava precisando mesmo, passando necessidade não ganha. Eu achei um absurdo o jeito que fizeram. Cadê as casas que eles prometeram? Dizem que saiu. Mas tá só na história, porque eu não fui conhecer, e geralmente a gente conhece tudo o que sai. Cadê as casas pra idoso, as inscrições novas pro DEMHAB? Nada saiu do papel. Tu só ouve eles dizerem que vai sair, vai sair, mas nunca sai do papel. Mas eu acho que, se eu tive chance, qualquer um ser humano tem que ter chance. Por mais que tu diga que vai botar ali e eles não vão ter como se manter, mas pelo menos eu sei que tu vai botar eles ali e eu sei que eles vão tá correndo. Eu fui uma, quando eu ganhei eu não tinha nada. Eu não tinha colchão pra dormir no chão, não tinha botijão, não tinha nada. Aos poucos eu fui correndo e fui conquistando. Mas não que eu possa dizer que eles me deram. Só me largaram. O resto eu fui correndo. Mas eu sei que tu pode não ter um colchão, mas o que importa é tu tá dentro de um teto. Não tem coisa melhor do que tá dentro de um teto. Vi muita promessa, muita gente que ficou lá dois anos, mais, gente que já devia ter ganhado há muito tempo. Teve um que se inscreveu na mesma época que eu me inscrevi, eu ganhei e ele não ganhou ainda. Mais quanto tempo ele vai ficar sem ganhar?

Aí uns dizem: “ah, mas vocês ganham mais rápido porque vocês tão no projeto da FASC”. Eu digo “a FASC não me deu nada, eu corri tudo por mim”. O dia que chegarem e botarem fulano do meu lado e disserem que fulano que me deu, eu digo que é mentira! Digo de é mentira na frente deles, porque eu que corri. Se não fosse eu ir lá, correr, fazer... de mão beijada não ia vir, do céu também não ia vir... Se dependesse deles eu ia tá até agora esperando. Um erro que teve no meu documento e eu tive que ir ali pedir pros caras arrumar e eles disseram que não podiam arrumar porque não tinham nada a ver.

E como que você conseguiu o seu apartamento?

Através de mim mesma! Correndo por mim mesma! Logo que abriram as inscrições eu tava no abrigo Bom Jesus e eles estiveram lá fazendo um cadastro. Uma pasta, com tanas folhas, e

só ia entrar naquele cadastro quem estivesse ganhando o bolsa-família. Na época eu tinha bolsa-família, mas no cadastro não constava que eu tinha o bolsa-família. Aí eu fiz um novo cadastro no bolsa-família e logo saíram as inscrições no DEMHAB. Aí eu fui direto pro DEMHAB me inscrever. Na época se criou uma polêmica muito grande em Porto Alegre, do Leonardo. Esse Leonardo, cada vez que eu lembro dele, bah... Ele que construiu esse negócio do pessoal da rua ter direito às casas. Daí eles foram nos abrigos inscrever as pessoas e cadastrar no bolsa-família. Se alguém me ajudou, não posso dizer que foi a FASC: foi o pessoal do serviço, ninguém nem me disse em qual serviço que eu tinha que me inscrever. Eu sei que eles fizeram aquele Cadastro Único, e daquele Cadastro Único quem estivesse podia ir no DEMHAB se inscrever. Aí eu fui no DEMHAB, me inscrevi. E larguei. Aí na época eu perdi meus documentos, tive que fazer meus documentos, daí corri de novo. E insisti no DEMHAB. No DEMHAB eu fiz o cadastro e o cadastro ficou. Me deram uma folha, e aquela folha era meu comprovante, se eu perdesse aquela folha não tinha nem como provar que eu tinha me inscrito em alguma coisa. E depois dali eu só fui insistindo. Aí entrou a FASC na história nos convidando pro primeiro trabalho que a gente fez. E a gente começou a dizer pra eles “tá né, mas e esse pessoal que já tá inscrito, como é que vocês vão fazer com quem já tá inscrito, vocês vão botar mais gente?”. Aí eles disseram que 3% das novas casas do DEMHAB iam ser pra quem tava morando na rua. E aí eu perguntei: “tá, e aqueles que já tão cadastrados lá dentro?”. Daí eles puxaram, olharam, e falaram pra nós. Até hoje eu não esqueço do jeito que ele disse pra mim: “esse pessoal que tá aqui eu garanto que vai ganhar a casa agora”. Então pro resto que tava ele não garantia nada. Eu só saí da sala e pensei “esse daí tá tentando me comprar”. ”Na verdade ele tá tentando comprar nós, só que eu eles não vão comprar”. Só que na verdade esse papel é um papel que já tava lá. Esse papel pode já tá lá no computador, e ele ter dito “não esses três por cento eu garanto, que vocês tão trabalhando comigo e vão ganhar mais rápido”. Pra mim não. Por isso que eu digo: eu fui pra FASC, corri, fui pro DEMHAB, corri, corri de novo com meus documentos, me cadastrei no bolsa-família, e fiquei esperando. Se não me chamassem eu ia ver se realmente meu nome tava lá. E depois dali eu só corri, continuei correndo. Mas eu não posso dizer que a FASC botou meu nome ali no negócio. Isso aí jamais. Que uma coisa eu não esqueço até hoje, que toda vez que eu vou lá e vejo elas eu brigo com elas e digo pra elas: “quando eu ganhei a minha casa, a única coisa que eu pedi pra você era se vocês pudessem me arrumar uma roupa de cama. Tem uma senhora, que eu chamo ela de mãe, que trabalha ali no Centro Pop, e uma vez eu disse pra ela: “não, eu ganhei, só que ainda

não tenho panela, essas coisas, mas de resto eu tô arrumando aos poucos”. Aí ela disse “Não, eu tenho algum lá em casa. Vou te trazer. Vou te ajudar”. Aí outro dia ela chegou e disse “isso aqui é pra tua casa nova”, e eu “tá”. Aí eu nem tava esperando mais, já achei que ela nem ia me ajudar mais. Aí outro dia ela chegou e me chamou e disse “ah, isso aqui é pra tua casa nova”. E eu “tá!”. Aí depois não lembro quem mais me ajudou com algumas coisas. Aí eu fui na FASC e... foi bem assim, não esqueço: foi bem na época que tudo tinha que pedir permissão pro diretor. Cheguei nele, esperei todo mundo sair, e disse pra ele bem assim: “vocês poderiam me ajudar com roupa de cama, lençol, essas coisas, que eu não tenho?”. E ele “eu vou pedir pra fulana de tal ver, deixa teu telefone com ela que eu vou pedir pra ela preparar ali pra ti”. Tô esperando até hoje. Se eu dependesse deles, eu ia tá até hoje esperando. Por isso que eu digo que a FASC não me ajudou em nada. Porque senão eu ia tá até hoje esperando. Muitas pessoas vêem que pra um eles têm e pra outro eles não têm. É uma coisa que eu reclamo nisso. Se chega um usuário, não tô dizendo eu ele não tem direito, mas se chegar um usuário que tiver afim de se drogar mesmo, e pedir pra eles, eles vão dar. Mas agora se tu chegar lá e dizer que tu quer porque tu precisa, eles não te dão. Então por isso que eu posso dizer que a FASC não me ajudou. Pode ter me ajudado de 2013 pra cá por causa desse trabalho que eu fiz, porque esse foi um trabalho que eu aprendi mais. Levei meus conhecimentos pra rua e eles me ensinaram os deles, então eu aprendi com eles e eles aprenderam comigo. Mas não dá pra dizer que a FASC me ajudou. Eles ajudam quem eles querem. Então eu não posso dizer que eles me ajudaram realmente.

Eu tiro uma base por mim. Corri, continuo correndo... Meu sonho é conquistar mais ainda minhas coisas... aos poucos...

Mas eu sei que eu quero me ajudar. E a gente só vai ver depois que tu para e presta atenção naquela pessoa realmente, que ela realmente quer ajuda.

E como que você vê que a pessoa quer realmente se ajudar?

Então, aquela pessoa que implora ajuda é aquela que quer se ajudar realmente. Eu tiro uma base pelo Francisco. Que ele eu vi que... ele num primeiro momento não queria, mas quando ele viu que a saúde dele realmente tava correndo risco mesmo de ele ter quase morrido no riacho da Ipiranga, e eu vi que ele queria ajuda realmente. E eu vou dizer que, se não fosse as gurias terem dado ajuda pra ele, não iam ser os serviços que iam dar, porque tinham largado ele de mão. E eu

peguei, tirei ele da rua, levei ele pra casa, internei ele. Aí ele desinternou ... e hoje eu vi que ele realmente queria se ajudar. Agora ele tá bem, tá morando com uma senhora, essa senhora tá ajudando ele, ele tá fazendo os tratamentos dele, não tá mais tendo ataque epiléptico... Que realmente... tu vê que quando a pessoa pede ajuda demais é porque ela quer se ajudar realmente. Aquela que te diz uma vez só que quer ajuda e depois não te procura mais é porque realmente não quer. Eu vejo assim. Todo mundo disse “ah, eu cansei de ajudar ele, eu larguei ele de mão” e eu disse “eu vou mostrar como é que é ajudar e vou ajudar ele”. E hoje eu vejo que ele tá bem. Não tá bebendo, não tá tendo ataque epiléptico, tá tomando os remédios direitinho... e realmente eu vejo que ele queria ajuda. Eu vejo por esse lado. A pessoa que menos pede ajuda é a que não quer ser ajudada. Se realmente aquela pessoa quer ajuda ela vai insistir, vai ir, vai ir, vai ir e vai pensar “eu vou procurar ajuda porque eu quero ajuda realmente”.

Eu conheci pessoas... que o CAPS é assim uma coisa que se eu conseguisse voltar eu faria de novo. Ah, eu gostava, todo dia de manhã eu tomava meu banho e ficava prontinha pra ir pra lá assistir a reunião. Que ali foi uma coisa também que eu fui aprendendo, né, o que era o crack, o que o crack fazia, o que não fazia... Eram as pessoas te contando as histórias de vida delas, e diziam que não usaram hoje, e amanhã não vão usar... e aquilo ali... te dava uma alegria assim... Depois tu convivendo, tu pegou um vínculo assim... de familiar com aquela pessoa ali... E... uma coisa bem real assim... tu vê como as pessoas querem realmente...

Eu gostaria que você contasse um pouco mais sobre a época que você morou na casa de outras pessoas.

Minha convivência assim foi muito boa... Nesse meio tempo que eu fiquei com ela eu não tive problema nenhum. Ela saía... e era eu quem era a dona da casa. Ela saía e dizia “tu que é a dona da casa”. Eu fazia todas as coisas da casa, ela chegava e tavam as coisas arrumadinhas. Então eu nunca tive problema de morar com alguém. Então eu não posso dizer que eu tive uma espécie de vida ruim... boa não foi porque eu não tive meu próprio espaço. Mas eu não posso dizer que foi ruim. Essa aí, bah, é uma grande amiga pra mim. É uma pessoa assim que... é outra que se puder abrir a porta pra ti ela sempre abre. Ela nunca te diz não. No que ela puder te ajudar ela te ajuda. Ela acabou de ajudar uma usuária que não quis falar comigo, que não deu certo

comigo, e começou a morar com ela. Também não deu certo com ela. Aí ela disse pra mim “tu eu acho que foi a única que deu certo comigo, porque o resto não”. Aí eu disse “ah não, mas um dia tu ainda vai encontrar uma menina que precise de ajuda”. Porque ela não pode ter filho, então ela é tipo eu – eu tenho os meus e ainda quero adotar os dos outros. Mas ela não pode né, então... ainda mais guria nova, se pode morar com ela, ela pega... Mas eu não posso dizer que eu tive alguma desavença por morar com alguém. Ela sempre quis me ver bem. A gente já bateu de frente uma com a outra. Mas a nossa relação é bem verdadeira. Se ela precisar chegar em mim e falar ela vai falar, se eu precisar chegar nela e falar eu vou falar... Ela é uma pessoa que me ajuda bastante também, até hoje me ajuda bastante... Às vezes é melhor do que morar com uma tia ou um tio. A convivência é totalmente diferente. Não tinha muita dificuldade.

E como que foi conseguir um lugar pra morar e continuar voltando pra rua?

Haha, é uma coisa complicada. Bah, todo mundo fala “bah, tu saiu da rua e continuou na rua?”. Todo mundo me faz essa pergunta. É uma coisa assim que a princípio tu não entende, acha meio estranho assim. É que, bah, tu tá numa casa assim, e vê: bah, tu não tem um cachorro, não tem um gato, sem ninguém, nem uma viva alma do teu lado, uma TV só pra tu olhar... Tu fica meio em depressão. Até tu se acostumar tu vai sempre procurar a rua e pessoas pra tu conversar... Ainda mais eu que sem conversar eu fico louca, eu enlouqueço. Então... tu sempre volta, assim... Então até eu me acostumar, até eu fazer meus laços de amizade ali onde eu moro, foi uma coisa meio difícil... Eu tava na rua, aí eu consegui uma cadelinha. A cadela tinha dado doze filhotes, que a gente achou numa praça. Eu daí eu peguei essa minha amiga, e nós botamos todos numa caixa, todos os doze. Aí ela disse: “ah, tu gosta de bicho também” e eu disse “sim”. Aí ela “ah, então porque tu não pega um pra morar contigo pra tu te acostumar? Daí assim tu não fica na rua, porque assim tu vai ter alguém pra te acompanhar dentro de casa e tu sabe que se tu sair e deixar o bichinho vai morrer de fome.”. Aí eu disse “ah, eu não posso levar só um”. Levei quatro cachorros. Só que eu sabia eles iam crescer, né. Aí eu fiquei só com uma cadela. Aí quando eu comecei, assim, era eu e ela. Era minha companheira. Eu dava banho nela, ela dormia na cama comigo, e deitava do meu lado no sofá pra ver TV. O lugar que eu ia ela ia junto. Isso até ela morrer, né. Aí depois de ela morrer eu voltei de novo, voltei a ir pra rua. Aí eu tava sozinha, não tinha nem mais a cadela dentro de casa, aí eu pensei: “ah, eu vou ver a rua de novo”. Aí fui pra Cidade Baixa e arrumei outro bicho, e fui pra casa de novo. Levei uma gata pra casa. Aí um dia

eu saí e voltei e a minha gata tava morta. Não sei se alguém botou alguma coisa por baixo da porta pra matar ela... aí eu perdi a gata. Aí eu voltei de novo pra rua, ia e voltava, conseguia um bichinho e levava ele pra casa, e ficava nisso. Aí quando eu perdia os bichinhos eu voltava de novo. Aí até me falavam “quando ela some é porque alguma coisa tem, quando ela aparece é porque alguma coisa aconteceu”. Aí eu voltava de novo. Assim eu ia. Eu achava um bichinho e levava de ônibus comigo da Cidade Baixa. Aí um dia eu disse assim: “ah, eu vou levar uma amiga minha pra ir morar comigo”. Aí eu encontrei essa guria e levei ela pra morar comigo. Aí eu pensei “ah, agora pode ser que eu consiga parar em casa, já que eu tenho companhia”. Ela ficou quase um ano morando comigo, aí ela foi indo, foi indo, foi indo... Aí eu comecei a fazer um monte de amizade nova, conheci umas gurias do condomínio, daí as gurias iam lá pra casa e a gente amanhecia conversando. E daí foi assim que eu fui desapegando da rua, mas no começo assim... foi bem difícil. Parava um pouco lá, um pouco aqui, um pouco lá, um pouco aqui... E ainda brigava porque queria tomar banho né, ainda queria acessar os serviços... Aí vinha amiga minha dizer que eu não podia acessar mais porque eu tinha casa, e eu queria acessar. Então foi uma coisa bem complicada pra mim. Mas hoje em dia assim, se eu inventar de dizer “ah, vou passar uma noite na rua”, assim... Nem que for uma hora, duas horas da manhã, eu tenho que pegar o ônibus e ir embora. Mas no começo assim foi bem difícil de eu me acostumar, com a casa e com a rua. Então eu parava um pouco em cada lugar. Ia um pouco pra casa e um pouco pra rua, um pouco pra casa e um pouco pra rua. Assim eu fiquei um bom tempo. Mas depois e um tempo eu fui me acostumando. Hoje em dia já tô bem acostumada. Hoje em dia se me perguntarem “vamo dormir na praça?” não durmo. Não durmo de jeito nenhum.

E o que mudou?

De dormir na rua? Ah, é tu poder se levantar de manhã e poder fazer tuas coisas, ou tu poder levantar tranquilo, sem ninguém te correr de onde tu tá dormindo... ou tu acordar com pontapé... ou chute... Ou tu acordar com o pessoal lavando a calçada e tu ter que deixar o colchão onde tu tava dormindo porque tá encharcado ali. Então é outra coisa, totalmente diferente. Tu poder levantar de manhã assim e dizer “bah, hoje eu levantei e ninguém... ninguém me chutou”. É muito diferente sim.

E como foi te reaproximar dos teus filhos?

No começo foi bem difícil. Aí depois aos poucos a minha mãe foi liberando eles. Ela tinha a guarda deles no papel então eu não podia pegar e passar muito tempo com eles. Aí fui me aproximando aos poucos né. Foi bem difícil assim. Que hoje em dia ela deixa, levo a gurria pra lá, que às vezes ela fala “só o que falta, agora eu dei os filhos pra ti?”. Que dependendo eles não querem nem voltar pra casa dela. Aí então eu digo “não mãe, tu não vai perder eles, que quem criou foi a senhora”. O meu guri diz que ele tem duas mães. Tem a mãe e tem a vó, as duas mães pra ele. No começo foi bem difícil, mas agora tá bem. Hoje em dia eu penso muito neles, tudo o que eu puder fazer pelos meus filhos eu vou fazer. Minha mãe foi até no Fórum agora, tirou o papel lá. Se eu puder me aproximar eu vou fazer o que eu posso. Mas uma coisa assim... não adianta eu tirar eles da minha mãe agora. Eles já se acostumaram com ela e acho que se tirar dela agora ela fica doente. Então... a minha filha fica um mês fora de casa e ela já fica doente! A gurria foi pra praia ontem e no mesmo dia a minha mãe já começou a ligar. Então eu sei que ela não fica mais longe. Que o que segura ela mesmo é as crianças. Tudo pra ela é os netos que ela tem. Então, se é o que faz ela bem eles vão, passam o final de semana... Agora pra mim tá bem, mas no começo foi bem difícil e pra ela também. Mas hoje em dia tá bem.

Outra coisa também é que eu tive eles muito nova. Tive a minha gurria com 13 e o meu guri com 19 pra 20.

E você falou bastante sobre convivência.

É, eu tô aprendendo a conviver com as pessoas. Eu sou uma que tô sempre em convivência. Eu tô sempre indo de um lado pro outro, então eu sempre consigo ir de um lado pro outro. Daqui a pouco eu tô aqui, daqui a pouco eu já tô lá, e assim eu vou... Um pouco eu tô em casa e aí daqui a pouco eu já tô lá na casa da fulana, querendo ajudar... E assim eu vou. Eu tava lá outro dia... entre seis lá em casa. Sete! Dois na sala, um em cada quarto, e aí é a convivência assim... Junta todo mundo e vamo conviver todo mundo junto! E acho que não tem coisa melhor né... do que tu poder conviver e não brigar com aquela pessoa. Então esse é o meu dia-a-dia. Tô sempre convivendo com um outro. Daqui a pouco eles vão embora, daqui a pouco já vem outro, e assim eu vou! Na verdade a vontade nossa é conviver todo mundo em harmonia, pra não ter briga. Até na rua, se eu puder evitar uma briga eu evito.

E você falou bastante também sobre “correr atrás”.

Ah, eu acho que é uma coisa que todo mundo deve fazer, correr atrás dos seus sonhos. Se tu parar no tempo tu não consegue nada. Eu sou que nem um relógio, tô sempre correndo de um lado pro outro. Que nem agora, agora eu tô vendo uns negócios do apartamento e... E eu já tô correndo! Não, se é uma coisa que tu lutou pra ter, e agora tu vai perder? Tá louco! Vou correr atrás dos meus direitos, todo mundo tem direito. Então eu tô sempre correndo. Não tem, tu conquistando aí as tuas coisas, conquistando o que é teu, sem ter que pedir nada pra ninguém... É uma coisa que eu acho que todo mundo deve fazer.

E que você acha que nem todo mundo faz?

Do pessoal que tá na rua dá pra contar nos dedos. Os que realmente correm atrás dos seus sonhos, correm atrás das suas coisas, dá pra contar nos dedos. Tu tava há dois anos esperando aquela vaga ali pra tu entrar, se tu não for lá bater na porta e dizer “tá, e aí?”, nada vai cair do céu. Se tu for fazer uma pesquisa no DEMHAB de quantas pessoas tão inscritas no DEMHAB e tu pegar o nome de cada um que tá na rua, quase todo mundo tá! O pessoal não procura saber se realmente tá andando. Por isso que eu digo, dá pra contar nos dedos os que correm. É isso.

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de participação na pesquisa
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
OBRIGATÓRIO PARA PESQUISAS CIENTÍFICAS COM SERES HUMANOS
(RESOLUÇÃO N. 196/96 – CNS)
DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

Nome:

Data Nascimento:

Endereço:

Telefone:

1. Título da pesquisa: Trajetórias de saída da situação de rua alternativas à institucionalização

2. Pesquisadores responsáveis: Bruno Graebin de Farias - Mestrando em Psicologia pela UFRGS
Silvia Helena Koller - Professora/Pesquisadora do Instituto de Psicologia da UFRGS.

3. Avaliação do risco da pesquisa: () Risco Mínimo () Risco Médio (x) Risco Baixo () Risco Maior

4. Duração da pesquisa: Julho/2013 a Janeiro/2013

5. Justificativa e objetivos: O objetivo desta pesquisa é conhecer histórias de saída da situação de rua e registrar o ponto de vista de quem viveu esse processo. Espera-se, com este estudo, contribuir para o reconhecimento do ponto de vista dos participantes que passaram por esta condição e contribuir para a orientação das políticas públicas.

6. Procedimentos: A pesquisa consiste em uma entrevista de caráter retrospectivo sobre a trajetória de saída da situação de rua do participante da pesquisa, na qual o participante conta sua história de vida.

7. Riscos e inconveniências: O participante pode se sentir ansioso ou desconfortável para falar sobre aspectos mais delicados ou difíceis de sua história de vida. Para a sua proteção, as entrevistas serão realizadas garantindo um espaço acolhedor e confidencial.

8. Potenciais benefícios: Os principais benefícios desta pesquisa se darão indiretamente, pela contribuição na discussão sobre políticas de assistência à população em situação de rua a partir da perspectiva dos entrevistados.

9. Informações adicionais: Os dados obtidos somente serão usados para o fim previsto neste projeto de pesquisa e qualquer outro uso terá que se solicitar o seu consentimento. As informações obtidas serão mantidas em lugar seguro e a identificação só poderá ser realizada pelos pesquisadores responsáveis. Caso o material venha a ser utilizado para publicação científica ou atividades didáticas, não serão utilizados nomes ou quaisquer outras informações que possam vir a identificá-lo.

Em qualquer momento do estudo você poderá obter mais informações com os pesquisadores responsáveis, pelo telefone (51) 3308-5150 ou pelo e-mail (omitido neste Anexo). Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre aspectos éticos da pesquisa, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa pelo telefone (51) 3308-5698 ou pelo e-mail *cep-psico@ufrgs.br*. O Comitê de Ética em

Pesquisa está localizado no Instituto de Psicologia da UFRGS, localizado na rua Ramiro Barcelos, 2600, com horário de atendimento das 8h às 17h.

Para esta pesquisa, não será cobrado nenhum custo do participante em qualquer fase do estudo. Do mesmo modo, não há compensação financeira ou qualquer tipo de pagamento relacionado à sua participação. Você terá total e plena liberdade para se recusar a participar bem como retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “Trajetórias de saída da situação de rua alternativas à institucionalização”.

Os propósitos desta pesquisa são claros. Do mesmo modo, estou ciente dos procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que a minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente na minha participação, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes o durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Responsável da Pesquisa

ANEXO D – TERMO DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

O projeto de pesquisa intitulado "*Trajetórias de saída da situação de rua alternativas à institucionalização*" está sendo desenvolvido por Bruno Graebin de Farias, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UFRGS, sob orientação da Prof. Dra. Sílvia Helena Koller, docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UFRGS.

Solicitamos sua autorização para a realização desta pesquisa junto aos trabalhadores e usuários vinculados aos serviços de assistência à população em situação de rua de Porto Alegre.

Esta pesquisa tem por objetivo geral descrever, compreender, e analisar processos de saída da situação de rua que não envolveram períodos de institucionalização. A pesquisa consiste em um resgate histórico de casos de pessoas acompanhadas pelos serviços da rede socioassistencial enquanto se encontravam em situação de rua e no contato e entrevista com os participantes interessados. O contato com os participantes da pesquisa será mediado pelos trabalhadores dos serviços que acompanharam os participantes da pesquisa.

A participação na pesquisa será voluntária e os participantes terão o direito de desistir da participação a qualquer momento, bem como se recusar a responder qualquer pergunta, sem que isso acarrete qualquer dano. Caso sentirem necessidade os participantes poderão solicitar também, a qualquer momento, maiores informações a respeito da pesquisa.

Os pesquisadores garantem o caráter confidencial das informações relacionadas à instituição e que o nome dos participantes será mantido em sigilo. A pesquisa só terá início após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.

Outros esclarecimentos que se fizerem necessários poderão ser obtidos junto aos pesquisadores: Bruno Graebin de Farias e Sílvia Helena Koller (telefones omitidos neste Anexo), ou pelos endereços eletrônicos (omitidos neste Anexo).

Após ter conhecimento do protocolo da pesquisa, autorizo a realização da mesma.

Porto Alegre, _____ de _____ de _____

Instituição: _____

Responsável: _____

Assinatura/Carimbo: _____

Sílvia Helena Koller

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

CEP-RUA/UFRGS

ANEXO E – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Trajetórias de saída da situação de rua alternativas à institucionalização

Pesquisador: Sílvia Helena Koller

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 16773313.0.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 450.029

Data da Relatoria: 07/10/2013

Apresentação do Projeto:

O projeto Trajetórias de saída da situação de rua alternativas à institucionalização, desenvolvido pelo mestrando Bruno Graebin de Farias e sua orientadora Sílvia Helena Koller, tem como objetivo investigar as trajetórias de saída da situação de rua de jovens que não passaram por uma experiência de institucionalização. O projeto está inserido na tradição da pesquisa qualitativa, que busca a compreensão do fenômeno estudado como experienciado e percebido pelos informantes da pesquisa. Desta forma, este estudo busca a compreensão das trajetórias de saída da situação de rua contadas a partir do ponto de vista de jovens que tiveram parte da infância ou adolescência em situação de rua. Esta questão se configura como problema de pesquisa em função do uso histórico e atual de práticas de silenciamento e estigmatização desta população -desde a atribuição do rótulo do menor e a institucionalização nas FEBEMs ao discurso de que usuários de drogas nas ruas não têm condições de se auto-determinar e devem ser recolhidos e internados contra a própria vontade -, que produzem discursos sobre como governar o outro e não reconhecem a fala do que é identificado como o outro. Na perspectiva dos autores, esta compreensão se faz necessária e é relevante pois as práticas de recolhimento e institucionalização estão relacionadas a determinados discursos sobre o outro que não priorizam o reconhecimento da voz do sujeito-alvo deste tipo de prática. Assim, este estudo busca especificamente casos de saída da

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)308-5698

Fax: (51)308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 450.029

situação de rua que não tiveram a institucionalização como parte desses percursos, a fim de informar outros percursos possíveis para o processo de saída da situação de rua. A proposta de investigação se dá através de um estudo qualitativo transversal com estudos de casos múltiplos, como descrito por Yin (2005). A principal estratégia de pesquisa utilizada para a construção dos casos será a entrevista narrativa autobiográfica de Fritz Schütze, descrita e sistematizada por Germano (2009). Serão realizadas observações, entrevistas e conversas informais com trabalhadores da rede de proteção e familiares próximos aos jovens para fornecer uma construção mais aprofundada de cada caso e aumentar a riqueza de detalhes.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivos da Pesquisa:

Descrever e analisar as trajetórias de jovens que saíram da situação de rua por um processo autônomo, sem transição entre a situação de rua e a reinserção em contexto acolhedor mediada por um período de institucionalização; Contribuir para o reconhecimento do ponto de vista dos jovens que passaram por esta condição e contribuir para a orientação das políticas públicas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Compreende-se que são baixos os riscos apresentados aos participantes pois os mesmos podem se sentir ansiosos ou desconfortáveis para falar sobre aspectos mais delicados ou difíceis sobre suas histórias de vida. No entanto, para a proteção dos participantes o pesquisador apresenta a precaução de desenvolver as entrevistas em espaço acolhedor e confidencial para se falar sobre temas mais delicados respeitando o ritmo dos participantes. Também apresenta capacitação necessária ao entrevistador para conduzir a mesma. No que tange os benefícios compreende-se que o mesmo pode contribuir para o reconhecimento do ponto de vista dos jovens que passaram por esta condição bem como contribuir para a orientação de políticas públicas para este segmento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O referido projeto apresenta uma proposta de pesquisa relevante, estruturada e fundamentada através de revisão de literatura consolidada. Quanto aos objetivos os mesmos estão bem direcionados à problemática tema e a perspectiva metodológica está apropriada. Cabe ressaltar que há reconhecimento de que houve implicação do pesquisador no que se refere as

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 90.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (513)308-5698 Fax: (513)308-5698 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Parecer: 450.029

recomendações feitas na última relatoria. O mesmo apresentou no reenvio do projeto as recomendações apontadas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados e contemplam as exigências necessárias

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

PORTO ALEGRE, 07 de Novembro de 2013

Assinador por:
Clarissa Marcell Trentini
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600

Bairro: Santa Cecília

CEP: 90.035-003

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (513)308-5698

Fax: (513)308-5698

E-mail: cep-psico@ufrgs.br